

Itinerário Temático
do CENTENÁRIO
DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA
2012-2013

NÃO
TENHAIS
MEDO

Nie lekajcie się
N'ayez pas peur
Do not be afraid
Habt keine Angst
No tengáis miedo
Non abbiate paura

TEMÁTICA E CALENDÁRIO DE ATIVIDADES
DO ANO PASTORAL DE 2012-2013

NÃO TENHAIS MEDO

ITINERÁRIO TEMÁTICO
DO CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA
3.º CICLO

Coleção
FÁTIMA ITINERÁRIOS

ÍNDICE

Introdução	7
Itinerário temático para o Centenário das Aparições de Fátima.....	10
3.º Ciclo: 2012-2013	

I. PERSPETIVAS DO 3.º CICLO

Não tenhais medo	13
<i>José Eduardo Borges de Pinho</i>	
A segunda aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria (13.06.1917)	27
<i>Luciano Cristino</i>	
“Sei em quem coloquei a minha confiança”	37
<i>Juan Ambrosio</i>	

II. NÚCLEOS TEMÁTICOS DO 3.º CICLO

A Deus nada é impossível.....	57
<i>Abílio Pina Ribeiro</i>	
Dêmos razões da nossa esperança.....	69
<i>Francisco Pereira</i>	
Deus permanece fiel	81
<i>Mário Sousa</i>	
“A vossa face Senhor eu procuro!” O paradoxo de Deus velado e revelado	91
<i>Alexandre Palma</i>	
Confiança “Mantenhamos firme a confiança”	101
<i>Manuel Joaquim Gomes Barbosa</i>	

III. PROPOSTAS PARA VIVÊNCIA DO TEMA

“Não tenhais medo” Catequese para crianças dos 8 aos 10 anos.....	117
<i>Maria Isolinda</i>	
“Não tenhais medo” Uma proposta de catequese para crianças dos 8 aos 12 anos.....	129
<i>Maria Fernanda Tavares (SNSF)</i>	
Percorrer com Maria – o caminho da esperança Catequese com adolescentes	145
<i>José Henrique Pedrosa</i>	
Mistérios do Rosário.....	155
<i>Irmãs da Aliança de Santa Maria</i>	
Adoração Eucarística para crianças – Não tenhais medo	171
<i>Raíla Margarida Neves Abreu</i>	
Abandonar-se no Senhor	179
<i>Célia Cabecinhas</i>	
Via-sacra com os Pastorinhos	191
<i>Manuel dos Santos José</i>	

IV. MISSAS PARA AS PEREGRINAÇÕES ANIVERSÁRIAS

Maio	209
Junho	209
Julho	210
Agosto	211
Setembro	212
Outubro	213

V. PROPOSTAS PARA VIVÊNCIA DO TEMA – TEXTOS DE APOIO AOS TEMAS MENSAIS

Textos de apoio 217

VI. PROGRAMA OFICIAL DO SANTUÁRIO

Da Páscoa a outubro 231
11 a 13 de maio a outubro – Peregrinação Aniversária 232
De novembro à Páscoa 234
12 e 13 de novembro a abril – Peregrinação Mensal 235
Primeiros Sábados 236
Um dia com as crianças 236
Peregrinação de idosos 237
Adoração Eucarística 237
Sacramento da Reconciliação 238
Bênção de veículos 238
Baptismos 238
Casamentos 238
Bodas matrimoniais 238
Casa do Jovem 239
Peregrinos de línguas estrangeiras 239
Filmes 240
Visitas guiadas 242
Lugares a visitar 242

VII. CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

Novembro 245
Dezembro 249
Janeiro 253
Fevereiro 257

Índice

Março	262
Abril	267
Maio	270
Junho	274
Julho	277
Agosto	281
Setembro	285
Outubro	288
Novembro	292
Dezembro	294

Memória descritiva do projeto de comunicação para o 3.º ano do Centenário das Aparições de Fátima	295
<i>Contraponto, Publicidade Lda</i>	

INTRODUÇÃO

Desde o passado dia 11 de outubro e até à Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, a 24 de novembro de 2013, a Igreja é chamada a viver um especial “Ano da Fé”. Desde o início do seu Pontificado, o Papa Bento XVI tem dedicado particular atenção às três virtudes teológicas: dedicou as suas primeiras encíclicas à caridade e à esperança e chama agora a Igreja a viver este Ano da Fé. Nas suas palavras:

“A fé não é simples assentimento intelectual do homem a verdades particulares sobre Deus; é um gesto mediante o qual me confio livremente a um Deus que é Pai e que me ama; é adesão a um «Tu» que me dá esperança e confiança... Ter fé é encontrar este «Tu», Deus, que me sustém e me faz a promessa de um amor indestrutível, que não só aspira à eternidade, mas também a concede; é confiar-me a Deus com a atitude da criança, a qual sabe bem que todas as suas dificuldades, todos os seus problemas estão salvaguardados no «tu» da mãe. E esta possibilidade de salvação através da fé é um dom que Deus oferece a todos os homens”. (Audiência Geral de 24 de outubro de 2012)

Esta fé, enquanto relação pessoal com Deus, que Se revelou de modo definitivo em Jesus Cristo, apresenta também conteúdos específicos, que a Igreja, ao longo dos séculos, sintetizou nos chamados “símbolos da fé”: o “Credo”. Esta fé professada é igualmente celebrada, vivida, rezada e testemunhada, como afirma o Papa na carta Apostólica “Porta Fidei”, com a qual anunciou este ano especial: “Descobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada, e refletir o próprio ato com que se crê é um compromisso que cada crente deve assumir, sobretudo neste ano” (n. 9).

No Santuário de Fátima, a vivência deste Ano da Fé, desafia-nos a deixarmo-nos conduzir por Maria até Deus, ela que é a “mulher crente” por excelência, aquela que foi proclamada feliz porque acreditou (cf. Lc 1, 45). A Congregação para a Doutrina da Fé, na “Nota com indicações pastorais para o Ano da Fé”, sugere: “No decorrer deste Ano será útil convidar os fiéis a dirigirem-se com devoção especial a Maria, figura da Igreja, que ‘reúne em si e reflete os imperativos mais altos da nossa fé’. Assim pois deve-se encorajar qualquer iniciativa que ajude os fiéis a reconhecer o papel especial de Maria no mistério da salvação, a amá-la filialmente e a seguir a sua fé e as suas virtudes. Para tal fim será muito conveniente organizar peregrinações, celebrações e encontros junto dos maiores Santuários” (“Indicações” - I, 3). Maria é a Mãe que sustenta a fé dos seus filhos. Santa Maria, que reina gloriosa no Céu, atua misteriosamente na terra, intercedendo por nós e mostrando-nos o caminho da verdade. Por isso, já desde tempos antigos, ela é invocada pelo povo cristão como «amparo da fé». Ela será, pois, guia segura na vivência deste Ano.

A própria mensagem de Fátima é uma “escola de fé”, como afirmou o Papa Bento XVI aos bispos portugueses na visita *ad limina*, em 2007: “Apraz-me pensar em Fátima como escola de fé com a Virgem Maria por Mestre; lá ergueu Ela a sua cátedra para ensinar aos pequenos videntes e depois às multidões as verdades eternas e a arte de orar, crer e amar”. E em 2010, na sua memorável peregrinação a este Santuário, o Santo Padre designou Fátima como “cenáculo da fé”: “neste ideal cenáculo de fé que é Fátima, a Virgem Maria indica-nos o caminho para a nossa oblação pura e santa nas mãos do Pai”.

Este Ano da Fé acompanha todo o terceiro ano do septenário de preparação e celebração dos Aparições de Fátima. O programa do Centenário não só não nos afasta da vivência do Ano da Fé, como pretende precisamente potenciar a nossa vivência de fé, porque não pretende simplesmente evocar uma efeméride histórica,

mas tornar-se veículo de evangelização e caminho para a conversão. Elaborado a partir da mensagem de Fátima, o itinerário temático do Centenário conduz-nos ao núcleo da experiência de fé cristã.

O ano pastoral de 2012-2013 é dedicado à aparição de junho. Assim, o tema deste ano, no Santuário de Fátima, funda-se na exortação “Não tenhais medo”. A inspiração deste tema partiu da promessa de Nossa Senhora à vidente Lúcia, na segunda aparição: “O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”. Procurando motivar a atitude de confiança, optou-se pela formulação sintética “Não tenhais medo”, exortação presente na Bíblia cerca de 365 vezes, desta forma ou com expressões similares. Na vivência da fé, esta é a exortação que Deus faz continuamente aos crentes. A confiança brota, por isso, como dimensão fundamental da fé: ter fé é confiar em Deus. Quem acredita não só confia naquele em que acredita, como acredita porque confia. E esta confiança nasce do encontro com Cristo; do encontro com Cristo por meio de Maria.

Esta exortação a não temer, a confiar, está presente desde o início dos acontecimentos de Fátima. Assim, na primeira aparição do Anjo aos pastorinhos, em 1916, o mensageiro celeste diz-lhes: “Não temais! Sou o Anjo da Paz”. E na primeira aparição de Nossa Senhora, em maio de 1917, ela começa por tranquilizá-los, dizendo: “Não tenhais medo”. Na aparição de junho, este “não temer” vem expresso numa exortação à esperança e à confiança: “Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”.

ITINERÁRIO TEMÁTICO
PARA O CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA
3.º CICLO: 2012-2013

Acontecimento de referência: **Aparição de Nossa Senhora no mês de junho.**

Frase inspiradora: «**O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.**».

Núcleo teológico: **Deus da promessa.**

Elemento catequético: **A esperança cristã.**

Atitude crente: **Confiança.**

Tema do ano: **Não tenhais medo.**

SUBTEMAS DOS MESES:

MESES	UNIDADES TEMÁTICAS	CONTEÚDOS A ABORDAR
Maio	A Deus nada é impossível.	Maria, mulher da esperança. Maria, confiança no impossível. Esperança e confiança de Maria.
Junho	Dêmos razões da nossa esperança.	A inquietude humana. Sinais de esperança num mundo incerto.
Julho	Deus permanece fiel.	A fidelidade de Deus.
Agosto	Mostrai-nos o vosso rosto.	O silêncio de Deus. Manifestações da presença de Deus. Perceção da presença de Deus na sua aparente ausência.
Setembro	A nossa esperança está no Senhor.	Esperar contra toda a esperança. A perseverança em situações extremas. O justo viverá pela sua fidelidade.
Outubro	Mantenhamos firme a confiança.	Desafiados a confiar. A confiança como atitude. Confiar em Deus e não em si mesmo. Dar razões de confiança.

I

PERSPETIVAS DO 3.º CICLO

NÃO TENHAIS MEDO

José Eduardo Borges de Pinho

A exortação a não temer, a não ter medo, está presente desde o início dos acontecimentos de Fátima. Na primavera de 1916, na primeira aparição do Anjo aos pastorinhos, este diz-lhes: “Não temais! Sou o Anjo da Paz”. Na primeira aparição, em maio de 1917, Nossa Senhora começa por tranquilizá-los, dizendo: “Não tendes medo”. Na aparição de junho, à pergunta de Lúcia se ficará sozinha, após a morte da Jacinta e do Francisco, este “não temer” vem traduzido numa exortação à esperança: “Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”.

1. NÃO TENHAIS MEDO – DEUS VEM AO NOSSO ENCONTRO E ESTÁ CONNOSCO

“Não tendes medo” são palavras que soam hoje com enorme atualidade, desafiados como estamos por um mundo marcado, a vários níveis, por dificuldades e incertezas quanto ao futuro, por pequenos e grandes “medos” que atravessam o nosso quotidiano e os nossos projetos de vida, pessoais e comunitários. Uma atualidade que se desperta também pela memória ainda viva de uma figura do nosso tempo, o Beato João Paulo II, que pronunciou palavras idênticas no início do seu ministério como Bispo de Roma, ao serviço da comunhão das Igrejas: “Não tendes medo. Abri, melhor, escancarai as portas do vosso coração a Cristo!”.

Na realidade, esta exortação, este apelo a “não temer” só se entende a partir das raízes mais profundas da experiência crente¹. Estamos, de facto, diante de um tópico com inúmeras ressonâncias bíblicas no percurso da história da salvação. Logo nos inícios do Antigo Testamento em relação a Abraão (Gn 15, 1), e com notória regularidade depois, a expressão “não temas” aparece como palavra de um Deus que se aproxima dos seres humanos, que os acompanha com a sua proteção e a sua ajuda na missão que lhes confia, que não os abandona nas múltiplas perturbações que envolvem o seu caminhar na história (cf. Is 41,13-20). Exprime-se assim a confiança fundamental que o crente é chamado a ter no Deus que toma a iniciativa de vir ao seu encontro, sinaliza-se o dom da salvação que Deus, na sua dedicação amorosa, quer oferecer aos seres humanos.

Nessa mesma linha “teofânica” – de manifestação dos sinais da presença de Deus e dos caminhos do seu plano salvífico – a exortação a “não temer” irrompe nas primeiras páginas do Novo Testamento, precisamente em relação com o anúncio do acontecimento radicalmente novo da presença de Deus na história e na carne humanas em Jesus de Nazaré. No Evangelho de Mateus essa palavra aparece na boca do anjo do Senhor (indicativo e mediação da intervenção de Deus na nossa história), que convida José à ousadia crente de se deixar conduzir pelos sinais de Deus e sua transcendência, assumindo a missão que lhe é confiada: “não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo” (Mt 1, 20). Em Lucas, o anjo Gabriel, portador do anúncio da intervenção salvífica de Deus, depois de saudar Maria como “cheia de graça” (uma expressão singular na sua densidade!), diz-lhe: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus” (Lc 1, 30). O convite a não temer e a confiar totalmente em Deus é aqui indicativo de que a única garantia reside no insondável,

¹ Cf. J. NUNES, “‘Não temais’. Apelo dos Evangelhos”, em *Communio* 19, 5 (2002) 389-393.

poderoso e misericordioso Amor de Deus, como Maria reconhece e canta no *Magnificat* (cf. Lc 1, 46-56).

“Não temais”/“Não tenhais medo” exprime, então e basicamente, o anúncio e o reconhecimento da presença atuante de Deus e seu amor salvífico no nosso mundo, como raiz de uma confiança sólida e motivo de uma fundada esperança. Nessa confiança cheia de esperança gera-se serenidade e alegria (como acontece no anúncio aos pastores, em Lc 2, 10 – “Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria”), aviva-se a consciência de que o Senhor acompanha e fortalece aqueles a quem chama a uma missão (cf. chamamento a Simão, Lc 5, 10), sedimenta-se a certeza de uma presença continuada e viva do Senhor Ressuscitado ao longo dos tempos (como no anúncio aos discípulos após a ressurreição (cf. Mt 28, 5.10.20).

2. O DEUS DA PROMESSA E DA ESPERANÇA

À pergunta sobre quem é o Deus em que acreditamos, a experiência cristã, enraizada na história de Israel e centrada na vida, morte e ressurreição de Jesus, encontra na linguagem da “promessa” e da “esperança” uma resposta necessária (entre outras, também indispensáveis) para falar do Mistério a que se reporta a adesão cren-te: Deus é o “Deus da Promessa”, que nos cria para que tenhamos uma vida digna e feliz; é o “Deus da Esperança”, que, mesmo nas situações de infidelidade e pecado nossos, nos aponta horizontes de vida renovada e salva; é o “Deus da fidelidade indefetível”, em quem podemos confiar nos bons e nos maus momentos, na vida como na morte. No princípio, ao longo e no fim da nossa vida está o Mistério de Deus e seu Amor para conosco. Para o cristão, que encontrou este rosto amoroso de Deus em Jesus Cristo, a fé em Deus – que reconhece, acolhe e confessa como Amor Criador, Amor Salvador e Amor Santificador – aparece como uma proposta

de sentido para um caminho de vida iluminado por uma grande esperança. Mesmo perante os limites, de vária ordem, que todos sentimos, há um ponto firme, inabalável: a certeza de que Deus continua a acompanhar-nos no nosso caminhar na história.

Não se trata aqui, nesta grande esperança – que nos permite não temer e superar o medo, ter coragem e não desanimar, continuar a esperar, mesmo quando muita coisa parece apontar em sentido contrário –, de uma qualquer atitude de espírito voluntarista, de uma espécie de otimismo construído sobre as nossas forças e expectativas. Trata-se da descoberta e do aprofundamento daquilo que constitui a experiência nuclear crente: a fé é acolhimento de um dom que não se conquista mas se recebe, é resposta que se sabe suportada pela iniciativa gratuita de Deus, é “ação que é recebida” (Hans Urs von Balthasar). Desde os seus primórdios, tipificados na história paradigmática, representativa, de Abraão (cf. Rm 4, 11 – “pai de todos os crentes”; Gl 3, 6-18; Heb 11, 8-10), a atitude crente entende-se como resposta à iniciativa salvadora de Deus, iniciativa que se apresenta como dom e promessa de um futuro novo a viver².

Nessa resposta – numa história de vida inteiramente sob a promessa de Deus e totalmente também sob a responsabilidade humana – o crente é convidado a viver os acontecimentos e a ler as interpelações neles contidas como caminho de descoberta do sentido da sua fé e da estrutura de esperança que a anima. Na sua radicalidade existencial mais profunda, a fé é um apoiar-se plenamente em Deus, na sua Palavra e na sua Promessa, pondo n’Ele o fundamento da sua existência e relativizando todas as seguranças humanas; é um pôr-se a caminho face à chamada de Deus, na consciência dos riscos inerentes a algo desconhecido a percorrer, a experimentar e a viver; é, ao mesmo tempo, a experiência de uma certeza interior, fundada em Deus e no seu compromisso de Amor, de que essa Promessa se

² Cf. J. LOURENÇO, “Abraão e a esperança do povo judeu”, em *Communio* 13, 6 (1996) 510-516.

cumprirá, mesmo quando humanamente não se vê como é que isso pode acontecer (cf. Rm 4, 18-20); é um viver o presente com os olhos postos no futuro como o lugar/tempo em que Deus se manifestará, na verdade do seu poder e da sua força, como realização definitiva das nossas esperanças mais profundas e consistentes.

3. UMA ESPERANÇA ABERTA ÀS POSSIBILIDADES SEMPRE NOVAS DE DEUS

Fé e esperança, embora distintas, não se separam (como ambas não são separáveis do amor que as traduz na vida e como vida), antes são dimensões da mesma e fundamental atitude crente como adesão da pessoa ao Mistério de Deus que suporta a nossa existência, se apresenta como futuro do nosso futuro, dá luz e sentido englobante à história humana. A existência cristã condensa-se na fé (como entrega confiante ao Deus que nos justifica em Jesus Cristo), na esperança (como antecipação da salvação futura e definitiva), no amor (como novo modo de viver na força do Espírito e guiado interiormente pela sua lei)³.

Olhando de forma particular para a existência dos crentes como um peregrinar na fé, a Carta aos Hebreus acentua precisamente a estrutura de esperança que a caracteriza, realçando o vínculo indissolúvel que existe entre fé e esperança (cf. Heb 3, 6; 4, 14-16). Pela esperança torna-se já presente o que ainda não existe: a fé é “garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se veem” (Heb 11, 1). De facto, é na esperança que fomos salvos (Rm 8, 24), isto é: “A ‘redenção’, a salvação, segundo a fé cristã, não é um simples dado de facto. A redenção é-nos oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda

³ H. URS VON BALTHASAR, “A unidade das virtudes teológicas”, em *Communio* 1, 4 (1984) 309-318.

que custoso, pode ser vivido e aceite, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a canseira do caminho”⁴.

Acolhendo o dom da salvação a partir de uma esperança fidedigna, o crente dispõe-se a percorrer os caminhos da vida na escuta do que o Senhor lhe vai propondo. A esperança cristã reconhece não só que os caminhos de Deus não são exatamente os nossos caminhos (os caminhos das nossas ideias, dos nossos planos, das nossas possibilidades), mas também confia no poder de Deus que é capaz de transformar “corações de pedra” em “corações de carne” (Ez 36, 26-28), dar novos e inesperados rumos à história que vamos procurando construir. Sabe sobretudo – como se revela na ressurreição de Jesus – que Deus é Amor capaz de ultrapassar limites e barreiras humanos, é poder vivificante que transforma homens e mulheres medrosos em suas testemunhas, é verdadeira e definitivamente Senhor da vida e vencedor sobre a morte.

Essa experiência fá-la Maria, que descobre precisamente na sua chamada vocacional única as possibilidades do agir amoroso de Deus, não dedutíveis a partir de cálculos e planos humanos. Maria, figura da fé e da esperança, acreditou confiando em Deus para além de todas as aparências, pretensões e razoabilidades humanas. E foi pelo caminho, certamente também obscuro e doloroso, desse acreditar nas possibilidades não controláveis nem previsíveis de Deus que Maria foi acolhendo no seu coração os acontecimentos da vida de Jesus e suas palavras, foi amadurecendo na sua atitude de fé pela esperança no Deus de Israel como Aquele que é capaz de fazer maravilhas. O *fiat* de Maria não é uma conclusão racional de uma série de acontecimentos, mas abertura ao Deus que, à luz de uma história de salvação, merece total confiança, por mais que o caminho a percorrer traga consigo interpelações, questionamentos, dúvidas, sofrimentos.

⁴ BENTO XVI, *Encíclica Spe Salvi*, n.º 1.

4. UMA GRANDE ESPERANÇA, FUNDADA NO AMOR INSONDÁVEL DE DEUS

Olhando para a história de Maria e percebendo nela o que a radicalização da graça de Deus na força do seu Espírito pode fazer, o crente de qualquer tempo e lugar acolhe o amor insondável de Deus como poder criador e renovador, como dom, surpresa e novidade que irrompe nas circunstâncias da história. O cristão sabe que ao poder amoroso de Deus é possível o que aos homens, pelas suas próprias forças, não é possível (Lc 1, 37; 18, 27; Gn 18, 14). Sem imaginar o Mistério de Deus como uma realidade funcionável segundo os nossos interesses, medidas e critérios, sem pretender fazer de Deus um *deus ex machina* que resolvesse imediata e diretamente os nossos pequenos ou grandes problemas, o cristão sabe que pode e deve confiar no amor poderoso de Deus que, por caminhos que só Ele conhece, pela ação do seu Espírito (o Espírito de Jesus e do Pai) toca o coração das pessoas, está presente nos acontecimentos da história, é capaz, inúmeras vezes, de “escrever direito pelas linhas tortas” que os humanos traçaram e continuam a escrever.

No nosso caminhar humano e crente precisamos de esperanças que nos ajudem a vencer as dificuldades e dúvidas que surgem no nosso viver, a dar sentido aos acontecimentos que acompanham esse caminho. São esperanças não só legítimas como indispensáveis para enfrentarmos as múltiplas tarefas e interpelações quotidianas. “Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir. Precisamente o ser gratificado com um dom faz parte da esperança. Deus é o fundamento da esperança – não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: cada indivíduo e a humanidade no seu conjunto”⁵.

⁵ BENTO XVI, *Encíclica Spe Salvi*, n.º 31. Cf. ainda os n.ºs 26 e 27.

Só é possível ter um horizonte de verdadeira e consistente esperança se nos soubermos e sentirmos definitivamente amados, se estivermos certos de que um Amor definitivo e incondicionado suporta o nosso viver. Em última instância, essa grande esperança só é possível na certeza da fidelidade de Deus, que nos possibilita viver no presente provisório algo que tem a marca do definitivo.

5. UMA ESPERANÇA “CRUCIFICADA”, ATRAVESSADA PELAS OPACIDADES DO MUNDO

Em todos os tempos, mas não menos nas circunstâncias atuais, é pedido aos cristãos um reavivar das razões da sua esperança no meio das dificuldades e contradições do seu viver no mundo. Ameaçados pelo risco de uma vida sem sentido, inquietos no seu coração por um vazio que nada (nem o dinheiro nem a tecnologia!) consegue encher, atormentados pelas incógnitas dos caminhos do futuro, atingidos por situações dramáticas que afetam as bases elementares de uma vida digna e põem a nu a desumanidade do nosso mundo, muitos homens e mulheres, nas mais diversas partes do mundo, perguntam-se pelas razões de viver, pelo que verdadeiramente vale a pena, pelo que pode dar algum sentido ao quotidiano marcado por negatividades, sofrimentos, ausência de esperança. Nestas circunstâncias – temos de nos perguntar – de que modo é possível, para o cristão, continuar a afirmar que a sua vida assenta numa grande esperança, que, apesar de tudo, há razões para esperar?

Perante a crueza das experiências da história (como foi possível viver a esperança nos campos de concentração?) e perante a opacidade densa de tantos acontecimentos do presente (como é possível que seres criados por Deus sejam capazes, aqui e acolá, de tamanhas desumanidades?), o cristão não se satisfaz com respostas demasiado rápidas (em última análise, inconsistentes!), antes pergunta-se pelos caminhos através dos quais é possível dar sinais

de Deus, mesmo que Ele pareça ausente de tanta coisa que é notícia diária ou determina as grandes opções neste nosso mundo: “Quase parece – escreveu mesmo Bento XVI – que um manto de escuridão teria descido sobre o nosso tempo, impedindo de ver com clareza a luz do dia”⁶.

Antes de mais, o cristão sabe que a esperança cristã, enraizada na história de Jesus, é uma “esperança crucificada”, vivida em solidariedade com os outros homens e mulheres. Isto é: não é uma esperança que se afirme “vitoriosa” em todas e quaisquer circunstâncias e por quaisquer meios; é uma esperança que passa pelo caminho da cruz nas suas mais diversas formas (hoje de novo, em muitos casos, até pelo martírio!); é uma esperança que se sabe contraditada por outras experiências e leituras que, do ponto de vista meramente humano, podem parecer até mais lógicas ou razoáveis; é uma esperança não imune a dúvidas e perplexidades que os acontecimentos da vida vão provocando e para as quais não há resposta feita. Em última instância, no seu caminhar na fé como esperança a confirmar, o cristão é confrontado – como Maria o foi ao longo do seu viver – com situações de incerteza, de sofrimento, até de “silêncio” de Deus.

Se a grande esperança que os anima não os ilude quanto ao sentido e à certeza do horizonte final que esperam, se o futuro é certo como realidade positiva porque suportada pelo amor de Deus em que creem, os cristãos sofrem como os outros seres humanos as incertezas e vicissitudes da vida, não conhecem em detalhe o que os espera. Nessas situações o crente é chamado a “esperar contra toda a esperança” (cf. Rm 4, 18-24, Gn 12; 15; 17; 22), o que por vezes pode passar pela experiência de simplesmente reconhecer que não há, para si, alternativa humana mais válida do que o perseverar na fé (“A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!”, Jo 6, 68).

⁶ BENTO XVI, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 2012* – “Educar os jovens para a justiça e a paz”, n.º 1.

Tudo isto indica que na vivência da fé não há motivo para qualquer atitude “elitista”, “autoconvencida” da parte do crente. A certeza da fé experimenta-se através das próprias interrogações acolhidas e partilhadas, mas é traduzida igualmente como capacidade de propor e ajudar a realizar coisas novas, que assim emergem como sinais suscitadores de esperança. É a grande esperança apoiada na realidade de Deus e suas promessas que, em última instância, nos encoraja e orienta no nosso agir. “É importante saber: eu posso sempre continuar a esperar, ainda que pela minha vida ou pelo momento histórico que estou a viver aparentemente não tenha mais qualquer motivo para esperar. Só a grande esperança-certeza de que, não obstante todos os fracassos, a minha vida pessoal e a história no seu conjunto estão conservadas no poder indestrutível do Amor e, graças a isso e por isso, possuem sentido e importância, só uma tal esperança pode, naquele caso, dar ainda a coragem de agir e de continuar”⁷.

6. DAR SEMPRE DE NOVO RAZÕES DA NOSSA ESPERANÇA

É precisamente através do modo diferente como enfrentam esses caminhos da vida, marcados também por perplexidades e momentos de escuridão, que os cristãos podem dar razões autênticas da esperança que os anima. Fazem-no, por exemplo, pela abertura aos sinais de Deus a que procuram ser fiéis no seu modo simples de viver; pelo acolhimento silencioso de quem sofre, no corpo ou no espírito; pela generosidade no ir ao encontro do outro nas suas necessidades, ajudando a que não desespere; pelas propostas de mudança de vida que podem interpelar outros homens e mulheres; pela própria experiência do sofrimento, nas suas múltiplas formas, vivida como crescimento no dom de si e na sinalização

⁷ BENTO XVI, *Encíclica Spe Salvi*, n.º 35.

de uma luz possível no meio da noite escura. Fazem-no, de modo particular e decisivamente, pela capacidade e coragem de combater ativamente o mal presente no mundo sob múltiplas formas, abrindo caminhos e dando passos concretos para que este mundo se torne cada vez mais mais humano, aberto a ser espaço de uma verdadeira convivência fraterna.

Nos tempos que vivemos, dar razões da esperança cristã pede, de modo particular, uma atitude pessoal e uma capacidade de ajudar os outros no sentido de um olhar diferente sobre a realidade, um olhar sem otimismo fáceis, mas também sem pessimismos destruidores, antes atravessado por uma esperança realista, ativa, interpeladora. Convictos de que a esperança cristã é sempre esperança com outros e para outros, pede-se aos cristãos que sejam testemunhas da esperança a partir desse novo olhar e da leitura da realidade que a fé possibilita. “A complexidade e gravidade da situação económica atual – escreveu Bento XVI – preocupa-nos, com toda a justiça, mas devemos assumir com realismo, confiança e esperança as novas responsabilidades a que nos chama o cenário de um mundo que tem necessidade duma renovação cultural profunda e da redescoberta de valores fundamentais para construir sobre eles um futuro melhor. A crise obriga-nos a projetar de novo o nosso caminho, a impormo-nos regras novas e encontrar novas formas de empenhamento, a apostar em experiências positivas e rejeitar as negativas”⁸.

Desse modo, sob múltiplas formas concretas, os cristãos serão capazes de propor novos critérios e valores de vida, dando impulsos decisivos para a humanização deste mundo ⁹. A esperança cristã é, deve ser, um poderoso recurso ao serviço de uma verdadeira humanidade: ela “encoraja a razão e dá-lhe a força para orientar

⁸ BENTO XVI, *Encíclica Caritas in Veritate*, n.º 21.

⁹ Cf. BENTO XVI, *Encíclica Caritas in Veritate*, n.º 78.

a vontade. Já está presente na fé, pela qual aliás é suscitada. Dela se nutre a caridade na verdade e, ao mesmo tempo, manifesta-a”¹⁰.

7. “MOSTRAI-NOS O VOSSO ROSTO”

– A NECESSIDADE DE APRENDER A ESPERAR

Para o crente, consciente de que a sua fé é interpelada de muitos modos, viver a fé e crescer na confiança e esperança amadurecidas que ela supõe é também ousar pedir a Deus que, no meio das dificuldades e opacidades deste mundo, nos mostre o seu rosto, nos dê a capacidade de saber ler e acolher os sinais que Ele nos vai dando, por mais discretos e escondidos que eles possam ser. O “silêncio de Deus” – nas contradições e sofrimentos da vida, nas interpelações que o mal em nós e fora de nós traz, na incapacidade de transformarmos um mundo estruturalmente injusto – coloca-nos perante o desafio de, sabendo que Deus não abandona este mundo e permanece fiel até ao fim, aprender a esperar, num caminho de crescimento na maturidade da fé.

Neste caminho de aprendizagem da esperança, de crescimento na experiência de que a nossa esperança está verdadeiramente no Senhor, a oração ocupa um “lugar” nevralgico, ela é vivência existencial do que significa esperar, tornando-nos mais capazes de perceber a presença de Deus na sua aparente ausência. Lembrando o falecido Cardeal Nguyen Van Thuan, que esteve 13 anos na prisão, e o seu livro “*Orações de esperança*”, Bento XVI aponta precisamente a oração como lugar “primeiro e essencial de aprendizagem da esperança”: “Quando já ninguém me escuta, Deus ainda me ouve. Quando já não posso falar com ninguém, nem invocar mais ninguém, a Deus sempre posso falar. Se não há mais ninguém que me possa ajudar – por tratar-se de uma necessidade ou de uma

¹⁰ BENTO XVI, *Encíclica Caritas in Veritate*, n.º 34.

expectativa que supera a capacidade humana de esperar – Ele pode ajudar-me. Se me encontro confinado numa extrema solidão... o orante jamais está totalmente só”¹¹.

Neste caminho de aprendizagem da esperança, concretizado na oração e comprovado no conjunto da vida, é decisiva a experiência de comunhão com outros crentes, percebida através dos sinais deixados por muitas testemunhas ao longo da história, vivida nas circunstâncias do tempo presente e intuída também para além das fronteiras da morte. Nas circunstâncias da nossa vida, ameaçada por fragilidades e riscos vários, atravessada pela experiência básica de não podermos dominar o futuro, receosos de que a injustiça e a morte tenham a última palavra sobre a existência humana, só é possível “não ter medo”, esperar verdadeiramente na vitória sobre o mal e a morte, enfrentar a vida com coragem e determinação, se o rosto do Deus se deixar mostrar e nós o soubermos ver nesses sinais deixados por outros crentes, sinais que testemunham o que significa e como vale a pena confiar no Deus de ontem, de hoje e de sempre, entregar o nosso coração Àquele que sustenta o nosso ser, viver e morrer.

Nessas figuras exemplares da esperança emerge Maria como “estrela da esperança”, ensinando-nos a ver como só a entrega confiante no Amor de Deus pode ajudar-nos a encontrar caminhos de realização pessoal, descobrir o sentido fundamental do nosso ser e da nossa história humana, reforçar a certeza de que é possível ir construindo um mundo novo de maior justiça, liberdade e paz, apesar dos limites das nossas forças e dos obstáculos enormes que se apresentam pelo caminho. “É a consciência do Amor indestrutível de Deus que nos sustenta no fadigoso e exaltante compromisso a favor da justiça, do desenvolvimento dos povos, por entre êxitos e fracassos, na busca incessante de ordenamentos retos para as realidades humanas. *O amor de Deus chama-nos a sair daquilo que*

¹¹ BENTO XVI, *Encíclica Spe Salvi*, n.º 32.

é limitado e não definitivo, dá-nos coragem de agir continuando a procurar o bem de todos, ainda que não se realize imediatamente e aquilo que conseguimos atuar – nós e as autoridades políticas e os operadores económicos – seja sempre menos de quanto anelamos. Deus dá-nos a força de lutar e sofrer por amor do bem comum, porque Ele é o nosso Tudo, a nossa esperança maior”¹².

¹² BENTO XVI, *Encíclica Caritas in Veritate*, n.º 78.

A SEGUNDA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA NA COVA DA IRIA (13.06.1917)

Luciano Cristino

No dia 13 de junho de 1917, celebrava-se, em Fátima, a festa de Santo António. Os pastorinhos, Lúcia de Jesus e seus primos Francisco e Jacinta Marto, preparavam-se para comparecer na Cova da Iria, ao meio-dia solar, como Nossa Senhora lhes tinha pedido, no dia 13 de maio anterior. As famílias procuraram demovê-los: a mãe da Lúcia não acreditava que a filha dissesse a verdade e queria que ela fosse à festa, em vez de ir à Cova da Iria; os pais do Francisco e da Jacinta partiram, muito cedo, para a feira das Pedreiras, Porto de Mós. A notícia da anunciada segunda aparição já tinha ultrapassado os limites da freguesia de Fátima e, por isso, logo de manhã, compareceram em Aljustrel várias pessoas de Boleiros, Fátima, e dos concelhos de Tomar e Torres Novas, para os acompanharem. A Lúcia tinha saído, de madrugada, com o rebanho, com intenção de regressar a casa, pelas 9 horas, ir à missa das 10, na igreja paroquial, e partir, logo a seguir, para a Cova da Iria. Mas, pouco depois do romper do sol, foi chamada a casa, onde se encontrou com as referidas pessoas e, depois de os três pastorinhos terem ido à missa das 10 horas, partiram todos, por volta das 11 horas, para a Cova da Iria. Juntaram-se ali cerca de sessenta pessoas (cfr. *Memórias da Irmã Lúcia*, Edições da Vice-Postulação, II, II, 4).

Num dos dias seguintes, a Lúcia contou ao pároco de Fátima o que tinha acontecido: momentos antes da aparição, estavam a rezar o terço, à sombra de uma azinheira grande; de repente, viram um relâmpago, e dirigiram-se todos à carrasqueira, onde aparecera Nossa Senhora, em maio; a Lúcia “fez uma vénia, dobrando um joelho e, ao mesmo tempo, chegou a Senhora, vindo em linha oblíqua,

do lado nascente, e fez a pergunta: – Então, o que é que me quer? ‘– Quero-te dizer que voltes cá, no dia 13, e que aprendas a ler, para te dizer o que quero’. – Então, não quer mais nada? ‘– Não quero mais’” (Pároco de Fátima, em: *Documentação Crítica de Fátima* (= *DCF*) I, Doc. 2 de 14.06.1917, p. 11).

A estranha ordem dada à Lúcia, de aprender a ler, começou a correr, e até a imprensa adversa, de Lisboa, lhe deu eco: “A Senhora disse aos pastorinhos que deviam aprender a ler e a escrever” (“O Mundo”, *DCF* III, 1, doc. 10, de 19 de agosto de 1917, p. 50-51); Carlos de Azevedo Mendes, em carta à sua noiva, a 8 de setembro de 1917, comentava: “Já te recordaste o que [Nossa Senhora] disse na 2.^a aparição? ‘Que aprendam a ler’. Dizia-me a Jacintita que já ia na carreira do A!!” (*DCF* I, doc. 55, p. 390); o Padre Dr. Manuel Nunes Formigão fez o seu primeiro interrogatório aos videntes, no dia 27 de setembro de 1917. Uma ideia mais tinha transparecido, entretanto, embora incorreta: a Senhora tinha dito “que era do Céu” e que os levaria para lá, de modo que o sacerdote perguntou à Lúcia: “Mas se a Senhora disse que te levaria para o Céu, no mês de Outubro próximo, para que te serviria aprenderes a ler? – Não é verdade isso: a Senhora nunca disse que me levaria para o Céu, em outubro, e eu nunca afirmei que ela me tivesse dito tal coisa” (*DCF* I, doc. 7, p. 57 e 59). O mesmo sacerdote, no dia 11 de outubro de 1917, voltou a interrogar a Lúcia, sobre o cumprimento da ordem da Senhora, em junho: “– Sabes ler? – Não. – Andas a aprender? – Não. – Como cumpres a ordem da Senhora?” (*DCF* I, Docs. 11, p. 88, e 12, p. 112). Não ficou registada a resposta da Lúcia a esta pergunta. Mas, numa carta particular, de cerca de 19 de outubro de 1917, Leonor Constâncio, comentando essa recomendação de Nossa Senhora, diz que as crianças não a cumpriram logo, “porque não havia, nem nunca houve, professora em Fátima. Agora, sem que ninguém a reclamasse, aparece nomeada para ali, por dois anos, uma professora das escolas móveis, e as crianças começaram

já a frequentar a escola com bastante aproveitamento, sobretudo da Lúcia” (*DCF* 3, 1, Doc. 129, p. 345).

Ainda no dia 11 de outubro, a Jacinta revelou que, na aparição de junho, “ouviu o segredo a Nossa Senhora”, e perguntada se o segredo era para serem ricos, disse que não; se era “para serem bons e felizes”, respondeu: ‘É. É para bem de todos os três’; se era para irem para o Céu, respondeu: ‘não é’; não podia revelar o segredo “porque a Senhora disse que não disséssemos o segredo a ninguém” (*DCF* I, Doc. 11, p. 92, e Doc. 12, p. 114). Pode admitir-se que a Jacinta, criança de 7 anos, se tenha equivocado com o segredo de julho, mas é mais provável que se referisse àquilo que a Irmã Lúcia, nas “Memórias”, como veremos, chamará “segredo de junho”.

A 2 de Novembro, o Dr. Formigão voltou a interrogar a Lúcia, sobre as seis aparições: “– Quando foi que perguntaste à Senhora o que é que fazia para que o povo acreditasse que era ela que te aparecia? – Perguntei-lhe umas poucas de vezes; a primeira que perguntei, cuido que foi em junho”. E sobre o segredo: ‘– Quando te disse o segredo?’ ‘– Parece-me que foi da 2.^a vez” (*DCF* I, Doc. 17, p. 168-169; 172). Também a Jacinta repetiu o que a Senhora tinha dito, em junho, e que a Lúcia “pediu pelos doentes e pecadores, e a Senhora disse que melhorava uns e os convertia, e outros não” (*DCF* I, Doc. 17, p. 173).

Cinco anos mais tarde, a 5 de janeiro de 1922, no Asilo de Vilar, Porto, a pedido do seu confessor, Padre Manuel Pereira Lopes, a Lúcia escreveu o seu primeiro relato autógrafa sobre os acontecimentos de 1917. No que respeita a 13 de junho, não há novidades, a não ser: “Pedi-lhe para curar um coxo e algumas pessoas que me tinham pedido, umas, doentes, outras, pela conversão de alguns pecadores. Resposta: ‘Daqui a um ano, serão curados’” (*DCF* III, 3, Doc. 685, de 5 de janeiro de 1922, p. 266).

Iniciado o Processo Diocesano sobre os acontecimentos de 1917, em maio de 1922, foram pedidas notícias e informações

sobre eles a todas as pessoas, e deu-se início, a 13 de outubro desse ano, ao jornal mensal “Voz da Fátima”. No número do mês de dezembro, foi publicado um depoimento de Inácio António Marques, da Chainça, Santa Catarina da Serra. Sobre a segunda aparição, ele conta: “Ajoelham-se junto da célebre azinheirinha e principiam a rezar o terço [...]. Terminada a ladainha, a Lúcia diz: ‘Lá vem Ela’, e manda ajoelhar. Principia, interrogando e respondendo a alguém que os meus olhos não veem nem os ouvidos ouvem. É a segunda aparição e, mais uma vez, ali afirma, perante o reduzido número de espetadores – porque ainda se lhes não pode chamar crentes – que Ela lhe está dizendo que vem ali, todos os meses, e que, a 13 de outubro, será a última vez e, então, dirá um segredo” (“Voz da Fátima”, 13.12.1922 e *DCF* II, Aditamento, Doc. A, 23.11.1922, p. 150).

No decorrer da inquirição propriamente dita, a 28 de setembro de 1923, foram ouvidas várias testemunhas, que se pronunciaram sobre a aparição de 13 de junho de 1917. Manuel Pedro Marto, pai do Francisco e da Jacinta, declarou, entre outras coisas, que, ao chegarem da feira, já de noite, “ouviram dizer que os pequenos tinham ido ao local, e tinham dito que viram Nossa Senhora” (*DCF* III, Doc. 4, p. 65). A mãe, Olímpia de Jesus, disse o mesmo: “contaram-lhe que Nossa Senhora lhes tinha aparecido, outra vez, como em treze de maio, e que tinha dito à Lúcia que fossem lá, todos os meses, e que fizessem penitência [...] e “que a Senhora lhe tinha recomendado que aprendesse a ler” (*DCF* II, Doc. 4, p. 74-75 e 82). Maria Rosa, mãe da Lúcia, depois da festa de Santo António, “perguntou-lhe o que tinha visto. Respondeu que tinha visto a mesma mulherzinha do outro dia. Perguntou-lhe o que ela tinha dito. Disse que tinha dito que continuassem a ir lá e que aprendessem a ler. Esta proposta tornou-a descrente, porque lhe parecia que Nossa Senhora não tinha vindo à terra para lhe dizer que aprendesse a ler” (*DCF* II, Doc. 4, p. 86-88). Maria dos

Santos ou Maria Carreira, da Moita Redonda, Fátima, afirmou que a Lúcia perguntou à Aparição: “Vossemecê mandou-me aqui vir, faça favor de me dizer o que me quer”. Ouviu uma zunida que vinha da azinheira, não compreendendo uma só palavra da resposta. A Lúcia olhava para a azinheira, assim como as outras duas crianças, estando todos de mãos postas. A depoente não compreendeu bem o que ela, depois, disse à Aparição, mas as outras pessoas disseram-lhe que a pequena lhe tinha perguntado se lhe queria mais alguma coisa” (*DCF II*, doc. 4, p. 101-104).

A Lúcia também foi ouvida, oficialmente, a 7 de julho de 1924, no Porto, sobre os acontecimentos de 1917. “No dia treze de junho [...], perguntei-lhe: ‘– O que me quer Vossemecê?’ A resposta dela foi: ‘– Quero que continuem a vir aqui, nos outros meses, que rezem o Terço todos os dias e que aprendam a ler’. Como me tinham recomendado, pedi à Senhora que curasse um entrevado, e ela respondeu que, se ele se convertesse, ficaria curado dentro dum ano” (*DCF II*, Doc. 8, p. 140).

Depois de uma visão em Pontevedra, Espanha, a 17 de dezembro de 1927, a Irmã Lúcia escreveu algo mais sobre essa aparição de 13 de junho de 1917: “Ela pediu para os levar para o Céu. A Santíssima Virgem respondeu: ‘Sim, a Jacinta e o Francisco, levo-os em breve, mas tu, Lúcia, ficas cá mais algum tempo; Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. A quem a abraçar, prometo a salvação, e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por Mim a adornar o Seu trono”” (*DCF V*, 1, Doc. 370, de 11 de outubro de 1928, p. 737). Sobre esta última frase, na primeira edição da Quarta Memória da Irmã Lúcia, da Postulação dos Videntes (1976), e nas seguintes, foi acrescentada uma nota: “Lúcia, talvez pela pressa, omite o fim do parágrafo que, noutros documentos, diz assim: ‘Quem a aceita, prometer-lhe-ei a salvação, e estas almas serão amadas de Deus, como flores colocadas

por Mim para enfeitar o Seu Trono”. Nesta versão, há variantes do texto escrito pela Irmã Lúcia, em 1927 ou 1928, desconhecendo-se quem as introduziu. O Padre Hubert Jongen, monfortino holandês (fevereiro de 1946), perguntou porque é que, “nos relatos posteriores, deixou de falar nesta promessa”. A Irmã Lúcia respondeu, sem mais explicações: “Quando redigi esses relatos posteriores, não pensei no caso” (S. M. Reis, *A vidente de Fátima dialoga e responde pelas aparições*, Braga, 1970, p. 81).

Na sua Segunda Memória, terminada a 21 de novembro de 1937, a Irmã Lúcia faz uma breve referência à aparição de junho e acrescenta uma reflexão: “A Jacinta, quando me via chorar, consolava-me, dizendo: ‘Não chores. Decerto são estes os sacrifícios que o Anjo disse que Deus nos ia enviar. Por isso, é para O reparar a Ele e converter os pecadores que tu sofres’” (*Memórias da Irmã Lúcia*, II, II, 4).

O Padre José Bernardo Gonçalves, S. J., encontrou-se com a Irmã Lúcia, a 24 de abril de 1941, em Tuy, e copiou uns apontamentos dela, entretanto desaparecidos. Sobre a aparição de junho de 1917: “Ao dizer estas últimas palavras, ‘eu nunca te deixarei, etc.’, foi a segunda vez que nos comunicou o reflexo” (ASF, Dossier Gonçalves, Doc. 4.7, fl. 6v, ed. em: A. M. Martins, *Memórias e cartas da Irmã Lúcia*, 1973, p. 460-461; *Documentos de Fátima*, 1976, p. 460-461).

Na Quarta Memória, concluída a 8 de dezembro de 1941, a Irmã Lúcia desenvolve o pensamento do apontamento de abril desse ano: “Foi no momento em que disse estas últimas palavras [‘o meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus’], que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora,

estava um coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação. Eis ao que nos referíamos, quando dizíamos que Nossa Senhora nos tinha revelado um segredo em junho. Nossa Senhora não nos mandou, ainda desta vez, guardar segredo, mas sentíamos que Deus a isso nos movia” (*Memórias da Irmã Lúcia*, IV, II, 4).

Nos Processos informativos sobre a fama da santidade de vida, virtudes e milagres em geral da Jacinta e do Francisco, respetivamente a 21 de janeiro e a 13 de julho de 1955, a Irmã Lúcia prestou mais algumas informações sobre o dia 13 de junho. No Processo da Jacinta, não há novidades, em relação ao que já tinha referido anteriormente (“*Processo informativo da Serva de Deus Jacinta Marto*”, inédito, fls. 264v-266v). No Processo do Francisco, faz reflexões mais extensas: “Eu, parece-me que estava na luz que se derramava sobre a terra; o Francisco e a Jacinta estavam na luz que subia para o Céu. É que a luz que irradiava das mãos da Senhora, voltadas para nós, deslocava-se como a luz dum espelho, melhor, era uma luz tão intensa que iluminava a terra circunjacente e envolvia-nos a nós como que penetrando-nos [...]. Vimos, instantes depois, que Ela deixou cair um pouco a mão esquerda e vimos em frente ao peito, para o lado da mão esquerda, um coração cercado de espinhos. Distanciava-se um pouco do peito, ficando um pouco, à frente da mão direita. Entendemos que era o Coração Imaculado de Maria que Ela nos mostrava, pedindo-nos reparação pelos ultrajes que recebe dos homens. Ficámos uns momentos a contemplar esta aparição. E, acto contínuo, começou a elevar-se e desapareceu para o lado do Oriente. [...]. As pessoas que interrogavam o Servo de Deus, perguntando se tinha ouvido e visto Nossa Senhora. Respondeu: Que sim, que a tinha visto e que era muito linda. Mas não tinha ouvido nada do que Ela dissera. Que ouvia tudo o que eu lhe dizia e que bem via que a Senhora falava, porque bem lhe via mover

os lábios, mas não ouvia o que Ela dizia. Ansiava o Servo de Deus por se encontrar sozinho com sua irmã e comigo, a fim de que lhe disséssemos tudo o que Nossa Senhora tinha dito. Ouvia com atenção e não se esquecia. Nesta aparição o que mais impressionou o Servo de Deus foi a luz imensa que Nossa Senhora nos comunicou e na qual nos víamos em Deus. ‘Que lindo é Deus, que lindo é Deus! – exclamava – mas está triste por causa dos pecados dos homens. Eu quero consolá-lo, quero sofrer por seu amor’. Quando as pessoas começaram a insultar-nos e, por vezes, a maltratar-nos, o Servo de Deus mostrava-se contente e dizia que, de certo, eram sofrimentos que Nossa Senhora tinha dito que nos ia enviar; por isso, queria sofrê-lo por seu amor. Dizia que, como Nossa Senhora tinha dito que o ia levar em breve para o Céu; já não lhe importava mais nada; só desejava ir para lá depressa. Notei que intensificou mais o espírito de oração e de recolhimento, retirando-se, cada vez mais, da companhia doutras pessoas” (*Processo Informativo do Servo de Deus Francisco Marto*, inédito, fls. 232-232v).

No seu último escrito, *Como vejo a mensagem*, redigido, uns anos antes de falecer, e publicado postumamente, em 2007, a Irmã Lúcia descreve, mais uma vez, o que aconteceu, no dia 13 de junho de 1917, e faz uma reflexão mais profunda sobre a mensagem desse dia: “Sentia-me já como que cansada de tantos importunos interrogatórios, atropelos e contradições. Não sabia, ainda, que era este o caminho por onde Deus me queria conduzir os passos para, por meio da Sua Mensagem, levar-me ao Céu e a tantos outros que queiram segui-la, indo após Ele, com fé, esperança e amor. Foi neste estado de ânimo que me atrevi a pedir à Celeste Mensageira que nos levasse para o Céu: ‘Querida pedir-lhe para nos levar para o Céu’. Já de nada me importava a terra. O que desejava era que nos levasse com Ela para Céu. Mas não eram esses os desígnios de Deus; por isso, respondeu: ‘Sim; a Jacinta e o Francisco, levo-os em breve, mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti

para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração'. Era a Missão que Deus me destinava; mas o ficar sem a companhia da Jacinta e do Francisco parecia-me o ficar só, neste mundo tão incerto e deserto, sem quem me possa seguir, compreender, ajudar e partilhar, trilhando comigo os caminhos por onde Deus me quisesse levar, seja tropeçando nas pedras por onde passar, pisando cardos e abrolhos, caindo e levantando, sempre Deus me há-de dar a mão e ajudar a erguer para Ele o meu olhar. Pela vida fora, e hoje ainda, penso assim, mas então era muito ignorante e criança, para discorrer de tal forma; por isso, a celeste Mensageira respondeu: 'Não, filha, e tu, sofres muito? Não desanimes; eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus'. Com esta promessa, senti-me confortada, cheia de confiança, certa de que a Senhora nunca me deixará só, seria Ela a conduzir-me e a guiar-me os passos pelos caminhos da vida, por onde Deus me quiser levar, e assim me abandonei nos braços paternos do nosso Deus, e a Seus cuidados de Mãe. Foi então que a celeste Mensageira, abrindo os braços com um gesto de maternal protecção, nos envolveu no reflexo da Luz do imenso Ser de Deus [...]. Nesta aparição de 13 de junho de 1917, de que estou falando, digo nas "Memórias": 'À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora, estava um coração, cercado de espinhos, que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que pedia reparação' (*Como vejo a mensagem, através dos tempos e dos acontecimentos*, 2.^a edição, Outubro de 2007, p. 42-44).

“SEI EM QUEM COLOQUEI A MINHA CONFIANÇA”¹

Juan Ambrosio

A confiança é certamente um dos traços característicos da atitude crente. Quem acredita não só confia naquele em quem acredita como acredita porque confia. De tal maneira esta atitude é central para o crente, que podemos ousar dizer que a confiança não é um ato que se soma ao ser, mas é antes uma forma de ser que se repercute em todas as dimensões constitutivas do ser humano, transformando o exercício da sua vida, de tal modo que a razão crente, mais do que explicar a realidade, se deixa iluminar por uma luz e a vontade, mais do que dominar, consente. E este reconhecimento, muito mais do que supor um submetimento a um princípio exterior, é a condição para que o ser humano realize plenamente a sua vocação².

1. A VIDA E A PERGUNTA PELO SENTIDO

Uma das dinâmicas fundamentais da existência humana, quando vivida com seriedade e intensidade, assenta na experiência de interrogar. Na verdade, o ato de perguntar e a necessidade de perceber marcam sempre o nível mais fundo de toda a atividade humana. O ser humano põe sempre em questão toda a realidade circundante e foi isso que lhe permitiu, e continua a permitir, ir

¹ As linhas que se seguem pretendem desenvolver uma pequena reflexão acerca da confiança como traço característico da atitude crente. Apesar do título que as encabeça, e que se inspira como sabemos na passagem de 2Tim 1, não se trata de uma reflexão no âmbito da teologia bíblica.

² Cf. Juan MARTÍN VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, Editorial Trotta, Madrid 1997³, 41.

avançado no seu conhecimento e domínio do mundo. A cada pergunta procura uma resposta e a cada resposta alcançada coloca uma nova pergunta, e isto sempre num movimento que parece não ter fim, de tal modo que podemos afirmar que “o desnível entre o questionar inesgotável e toda a resposta concretamente alcançada é insuperável”³.

Este questionar, que se concretiza em muitas áreas e de muitas maneiras, não se limita simplesmente a determinados momentos ou situações do existir humano. Em última instância, nele podemos perceber a pergunta mais vasta, que se interroga pelo sentido global da existência e que, por isso, ainda que os contenha, não se reduz aos sentidos parcelares que cada um de nós procura para as ações que vai desenvolvendo.

É verdade que muitas vezes o pensar e o agir humanos parecem atomizados, de tal modo que o que faço ou penso nesta situação parece ter pouco que ver com o que digo e reflito numa outra. Se bem que isso possa, na realidade, suceder muitas vezes desta maneira, é igualmente verdade que a existência de um sentido global, no qual todos os outros se possam inserir, parece fundamental para que possamos fazer uma avaliação globalmente positiva (ou negativa) da nossa existência. Que cada ser humano procura concretizar sentidos parcelares para o seu agir e existir é uma evidência que, de todo, não anula nem se opõe à igualmente evidente e necessária procura de um sentido global, capaz de unificar e de dar consistência ao seu viver.

É, aliás, a existência deste sentido global que nos pode ajudar a perceber que o ser humano possa até mesmo considerar que a sua vida seja um fracasso, se para isso tiver que sacrificar aquelas realidades, nas quais acaba por fundamentar o sentido do seu viver. Pelas razões de viver, cada um de nós pode mesmo estar disposto a ‘dar’ a sua vida.

³ Juan ALFARO, *De la cuestión del hombre a la cuestión de Dios* (Verdad e Imagen 103), Sígueme, Salamanca 1989², 14.

A pergunta pelo sentido (não só de determinados momentos e circunstâncias da vida, mas pela totalidade dessa mesma vida) reveste-se de traços que configuram uma inevitabilidade constitutiva da própria condição humana. Na verdade, o ser humano não só é e não se contenta só com viver. Ele quer ser bem e aspira a uma vida boa. Ele tem necessidade absoluta deste ser bem e desta vida boa para que o seu viver possa ser experimentado como verdadeiramente humano, como algo que vale a pena e que tem sentido. É, mesmo, nesta pergunta pelo sentido que podemos encontrar a primeira expressão de que o ser humano não é um facto meramente natural, estando constitutivamente aberto a realidades e valores que podem conferir dignidade e dimensão humana à sua vida⁴.

A pergunta pelo sentido coloca-se, pois, num âmbito de totalidade. É toda a existência humana que é abrangida pelo sentido, é o ser humano todo que se sente interpelado e comprometido neste processo. Só neste contexto de totalidade, que abrange entendimento, vontade e ação, pode a existência deixar de ser um mero viver para passar a ser vida humana, a minha/nossa vida humana. Estamos, portanto, perante uma daquelas questões capazes de qualificar e tipificar o humano enquanto tal, devendo, por isso, ser considerada como critério determinante na distinção que podemos estabelecer entre este e os restantes animais⁵, ou, para dizer de outra maneira, a pergunta pelo sentido configura uma dimensão constitutiva do ser humano⁶.

Bastam estas pequenas referências para percebermos como na pergunta pelo sentido da vida reside umas das expressões mais peculiares do viver humano e uma das formas mais originais e

⁴ Cf. a este propósito Juan MARTÍN VELASCO, *El hombre y la religión*, PPC, Madrid 2002, 146.

⁵ *Ibidem*, 147.

⁶ Esta é a opinião claramente defendida por Juan ALFARO. Cf. *De la cuestión del hombre...*, 13-14.

características de que a vida se pode revestir para que possa, com propriedade, ser vivida como vida humana⁷.

Com isto não ignoramos que, apesar da atualidade desta questão⁸, o tempo e as situações em que vivemos têm, muitas vezes, dificultado e mesmo eclipsado esta pergunta fundamental pelo sentido. Isto deve-se não só a fatores tão conhecidos como a perda de credibilidade de certo tipo de mensagens religiosas, ao silêncio das grandes perguntas metafísicas, ao relativismo ético, à crise das grandes instituições, como a Igreja e a família, mas, também, ao facto de vivermos num mundo onde a realidade que nos rodeia nos parece desintegrada e desgarrada pelas mais diversas razões, das quais podemos destacar as políticas, as sociais e as económicas. Toda esta experiência é muitas vezes acompanhada de uma espécie de conformismo e de apatia, gerados por uma certa sensação de não poder lutar contra o sistema, pois por mais que tentemos não o vamos conseguir mudar.

As duas grandes guerras, com toda a barbárie a elas associadas, todos os atropelos contra os direitos humanos a que continuamente temos assistido, apesar de constantemente os elevarmos como bandeira de consenso e de luta por um mundo mais humanizado, os contínuos confrontos entre povos e vizinhos, a imensa quantidade de vidas humanas simplesmente ‘suprimidas’, ‘apagadas’, ‘ignoradas’ e ‘varridas da memória’ daqueles que vivemos nesta parte do mundo dito avançado e moderno já nos fizeram olhar para o século XX, que não há muito tempo deixámos para trás, como um século onde, apesar de todas as conquistas e avanços, o ser humano

⁷ Cf. Juan MARTÍN VELASCO, *El hombre y la religión...*, 146.

⁸ Apesar de falarmos em atualidade, temos a consciência de que esta pergunta tem acompanhado o ser humano ao longo da sua existência, podendo mesmo afirmar que a filosofia e a teologia sempre se têm preocupado em dar-lhe resposta. Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *El último sentido. Una introducción a la escatología*, Marova, Madrid 1980, 16-19.

foi muitas vezes espezinhado e anulado. E a primeira década deste século e deste milênio também não trouxe notícias positivas neste sentido. Já vai longe a certeza e mesmo o sonho que nos levaram a pensar que era agora, com todas as possibilidades que as ciências e a técnica punham à nossa disposição, que íamos ultrapassar todas as nossas dificuldades e limitações, vivendo finalmente na medida daquilo por que ansiamos. A verdade é que não nos sentimos satisfeitos e há mesmo um certo mal-estar geral, que leva muitos a pôr em dúvida a possibilidade da esperança. Todos sabemos que as coisas não podem continuar assim; é necessário, é urgente, é mesmo indispensável mudar o rumo dos acontecimentos, mas muitas vezes se levantam, dizendo que não é possível fazer nada ou que, mesmo sendo possível, nada vai mudar. Apesar da atualidade da pergunta pelo sentido, estamos numa situação paradoxal, pois surge tentadora a hipótese do sem sentido⁹.

2. A PROMESSA E A ESPERANÇA DO ‘SENTIDO’ E DA ‘SALVAÇÃO’

É precisamente numa situação como esta que se ergue com toda a sua força de significado e interpelação a proclamação ‘não temas’.

Mas, como é possível não temer se a cada passo vamos tendo a consciência de que cada um por si, e fundamentado nas suas forças, não é capaz de dar uma resposta cabal aos desafios que enfrenta? “E se sozinhos não somos, já vimos, também, como em conjunto as coisas não se mostram mais fáceis. Parece, pois, inevitável dar razão àqueles que reduzem o horizonte da sua existência ao ‘simples fruir’ do momento presente, não esperando nada para além disso; ou aos outros que assumem uma atitude de pessimismo que acaba por conduzir à própria negação da procura pelo sentido, ou, ainda, àqueles outros que propõem uma atitude de rebeldia

⁹ *Ibidem*, 19.

que, questionando todos os sistemas, eleva o ser humano como sendo o último e absoluto critério e fim de tudo”¹⁰.

E, no entanto, aqueles que se assumem e querem viver como crentes intuem que nenhuma destas respostas acaba por encontrar verdadeiro eco no coração do ser humano, no qual late fundo o desejo de realização da sua existência. Assim, apesar de intuírem que o alcançar essa meta não depende apenas das suas forças, aceitam o desafio que a interpelação ‘não temas’ lhes faz. E ao fazer isso, não assumem uma postura irrealista, mas fundamentam-se na promessa que lhes é feita. Sabem que Deus os ama, sabem que Deus tem uma proposta e que tudo fará para a concretizar. Não podem temer, porque escutaram a promessa da salvação. E, porque confiam nesse Senhor, sabem que a esperança é possível.

Agir motivados pelo medo, pelo desespero, ou pelo perigo do sem sentido, seja perante qualquer circunstância ou mesmo perante Deus, é sempre muito perigoso. O medo paralisa e dificulta seriamente o viver. Daí que o ‘não temas’ faça todo o sentido. Contudo, é bom ter presente que “o imperativo evangélico ‘não temais’ não pode ser visto apenas como convite à superação voluntarista do medo, um contributo a uma qualquer terapia psicológica. O apelo, quase transformado em ordem, ‘não temais’ apresenta um alcance eminentemente teológico: é Deus que o diz (pela boca dos seus anjos ou de Jesus) para afiançar que está connosco – aliás ‘até ao fim dos tempos’ (Mt 28,20)”¹¹.

¹⁰ Estas três possíveis respostas são refletidas por R. LATOURELLE, “Búsqueda y don de sentido”, em *Diccionario de Teologia Fundamental*, Ediciones Paulinas, Madrid 1992, 1356-1360. Aqui o autor acaba por questionar estas respostas por considerá-las insuficientes, avançando para uma quarta atitude na qual se reconhece a exigência da existência de um absoluto que não o ser humano.

¹¹ José NUNES, “‘Não temais’ Apelo dos Evangelhos”, em *Communio* 5 (2002), 390. Ao longo deste texto o autor mostra como o apelo ‘não temais’ é como que um fio condutor presente em todo o Novo Testamento e, de um modo particular, nos Evangelhos.

Esta promessa, a partir da qual o ‘não temas’ adquire sentido e se torna possível a esperança, é experimentada por cada crente como um dom do Deus em quem confia. Mais do que uma conquista, ou de algo a que tem direito por mérito próprio, o cristão sabe que essa promessa se deve principalmente à própria vontade e iniciativa de Deus. Ele pode e deve procurar, pode e deve agir, pode e deve intervir, mas no fim acaba por experimentar-se enconrado, acaba por descobrir que o seu agir é uma resposta a uma interpelação e que o seu intervir é consequência da relação que lhe é proposta e que aceita assumir.

Na realidade, o crente sabe que não é tudo, que não pode tudo, que não é a medida de todas as coisas. Sabe que não dispõe do próprio ato a partir do qual é. Ele não se deu o ser a si mesmo. No fundo, sente-se convidado a superar a dupla tentação de desesperar ou de pretender realizar-se por si mesmo, aceitando ser confiadamente a partir dessa promessa que lhe é feita.

Nesta atitude de confiança radical, cada cristão acaba por encontrar a sua última e suma possibilidade de realização, experimentar a sua salvação definitiva e descobrir um dos traços característicos da atitude crente¹².

3. O ENCONTRO QUE GERA CONFIANÇA.

São várias as perspectivas a partir das quais a atitude crente pode ser abordada e refletida, não conseguindo nenhuma delas esgotar toda a sua riqueza. Consciente dessa mesma realidade, abordo aqui a atitude crente a partir da perspectiva do encontro, para a partir daí destacar a confiança como um dos traços característicos dessa mesma atitude.

¹² Nesta linha de pensamento, veja-se a excelente reflexão desenvolvida por Juan MARTÍN VELASCO em *La experiencia cristiana de Dios...*, 37-45.

O encontro interpessoal é uma daquelas realidades humanas mais adequadas para simbolizar e refletir a originalíssima relação do ser humano com o Mistério de Deus. Se olharmos para a experiência religiosa, em todos os seus níveis, ações de culto, textos de oração, literatura mística, propostas de vida e de ação, podemos verificar que a experiência que subjaz a todas elas é uma experiência que pode ser pensada a partir do horizonte de compreensão e do marco de significação aberto pela relação interpessoal, ainda que tenhamos de ser conscientes de que a relação com Deus a excede de muitas maneiras e sentidos¹³.

E se a categoria do encontro é capaz de traduzir a experiência religiosa de um modo geral, também se revela muito pertinente para nos ajudar a entender o específico da experiência cristã de um modo particular.

A própria vida de Jesus Cristo pode ser mais bem entendida a partir da categoria do encontro, uma vez que toda a sua existência só tem sentido por referência explícita ao Pai. Ele é o Filho e aqui reside a sua identidade pessoal; identidade que brota do encontro. O Pai é o fundamento último de toda a sua existência que, por isso, só pode ter como dimensões fundamentais a fidelidade, a obediência e a confiança.

E a vida de Jesus Cristo constitui, também, uma experiência de encontro para aqueles que o seguem. Com efeito, os seus discípulos puderam perceber e experimentar que nele era o próprio Deus que agia e atuava no meio do povo, de tal modo que no encontro com ele podiam fazer a experiência do encontro com o próprio mistério de Deus. Esta consciência, que num primeiro momento pouco mais era do que uma intuição, foi-se depois aprofundando, até chegar à proclamação clara e inequívoca de que Jesus Cristo é o Filho de Deus e Deus como o Pai.

¹³ Cf. Juan MARTÍN VELASCO, *El encuentro con Dios*, Caparrós Editores, Madrid 1995, 8-9. Nesta obra o autor adota o símbolo do encontro como categoria central para a compreensão do fenómeno religioso.

Para os crentes, hoje, o encontro com Jesus Cristo realiza-se através do encontro com os outros crentes na comunhão eclesial. Com efeito, é o Espírito do Senhor Ressuscitado, que é o mesmo ontem hoje e amanhã, que continua a congregar os fiéis na Igreja, permitindo-lhes fazer a experiência de ser filhos no Filho. Os cristãos, congregados em Igreja pelo Senhor Jesus e guiados pelo seu Espírito, são o sinal real da presença do Ressuscitado que continua a tornar possível, hoje e sempre, o encontro salvador com Deus¹⁴. Em toda esta experiência de encontro é fácil perceber como a confiança desempenha um papel fundamental.

Também quando tentamos entender melhor a realidade da fé a categoria do encontro nos pode ser muito útil. De facto, todos sabemos como o acreditar pode ter vários níveis indo desde a simples formulação de uma opinião, que acaba por não nos comprometer de uma maneira vital, até à mais profunda convicção, a partir da qual estamos dispostos a jogar o próprio sentido da vida¹⁵. Quando, por exemplo, dizemos creio nele – e é a este nível que devemos refletir a fé cristã – essa afirmação é sustentada a partir da confiança gerada numa experiência de encontro. O importante é o outro a quem eu me dirijo e que se dirige a mim. Esse outro é alguém que conquistou a minha confiança. A partir da relação que este encontro gera pode surgir a amizade e o amor. Então, esse outro, que é alguém que me ama e que eu amo, é simultaneamente, e por isso mesmo, alguém em quem eu confio e que confia em mim.

¹⁴ Seja-me permitida aqui uma referência ao meu estudo: Juan AMBROSIO, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano. Esboço de uma soteriologia à luz do pensamento de Olegario de Cardedal*, Paulinas, Lisboa 2002, onde utilizo a categoria do encontro para refletir a experiência cristã.

¹⁵ Quanto a estes vários níveis, veja-se João DUQUE, *Homo Credens. Para uma teologia da fé*, Universidade Católica Editora, Lisboa 2004², 33-52; Helder Fonseca MENDES, “A ousadia de acreditar”, em *Pastoral Catequética* 17/18 (2010), 29-30.

Por isso, eu já não só acredito no que o outro me diz por causa da força das palavras que me são ditas, mas, pelo contrário, as suas palavras têm ainda mais força, porque me são ditas por alguém em quem eu confio.

A verdadeira experiência de encontro remete-me sempre para uma relação que não pode ser reduzida a um mero intercâmbio entre o 'eu' e o 'tu'. "O encontro realiza-se a partir do solo comum de um 'nós', no qual o 'eu' e o 'tu' se descobrem participando"¹⁶. Deste modo, a experiência do encontro acaba por ser descrita como uma verdadeira experiência de amor, na qual aqueles que se amam se descentram de si mesmos, para se centrarem no amado. É a este nível da relação que a confiança surge com toda a sua expressividade. Confio naquele que amo e que me ama, pois sei que ele quer para mim o melhor e fará por mim tudo o que estiver ao seu alcance, inclusive o dom da vida. Só a este nível de confiança é verdadeiramente possível o acreditar no outro e estar seguro do que ele nos diz e promete.

4. A CONFIANÇA: TRAÇO CARACTERÍSTICO DA ATITUDE CRENTE

Depois de vermos em que contexto pode verdadeiramente surgir a atitude da confiança, vejamos agora algumas das suas características e a partir delas façamos um exercício de pensar a experiência cristã.

Uma primeira nota, que gostaria de destacar, é que a confiança de que falamos não se centra essencialmente em nós, mas naquele em quem depositamos a nossa confiança. O cristão sabe que pode confiar, não porque está seguro de que com as suas forças será capaz de ultrapassar as dificuldades e alcançar a meta pretendida, mas porque sabe que as forças daquele em quem confia

¹⁶ Juan MARTÍN VELASCO, *El encuentro con Dios...*, 40.

jamais faltarão. A segurança e a certeza não residem em si, mas naquele em quem confia.

A confiança que o crente deposita em Deus, em quem acredita, revela-nos como a experiência cristã é essencialmente uma experiência de amor. Quando aceita e ousa realizar o encontro com Deus, o crente descobre-se amado e querido de uma maneira tal, que só pode responder com uma atitude de total confiança, própria daqueles que respondem ao amor com o amor. Na nossa vida sabemos bem como é o amor que nos leva a confiar, tal como sabemos que sempre que a confiança é abalada é o próprio amor que é atingido.

Aquele que é amado experimenta que o outro que o ama tudo fará para a sua felicidade e realização. No fundo, sabe que o outro fará o melhor por ele, tantas vezes até mais do que o melhor que ele próprio faria por si.

Ao descobrir-se amado por Deus, o cristão sabe que novos horizontes se lhe abrem. Agora a meta já não está dependente da sua capacidade de querer e da sua força para a alcançar. Pode ousar mais, porque descobre, à luz da relação de amor que vive, que é possível ir mais longe do que aquilo que inicialmente poderia parecer. E sabe que é capaz de mais, porque não tem só que fundamentar-se nas suas forças.

Fundamentado nesta relação, o crente tem a certeza de que a promessa que foi feita será cumprida. Também aqui esta certeza não se fundamenta nos seus conhecimentos, pois muitas vezes ele não sabe verdadeiramente como é que as coisas vão suceder, nem na sua capacidade de reflexão, pois a realidade muitas vezes surpreende-o de maneiras claramente imprevistas. Não! As suas certezas não são desta ordem. Uma vez mais, elas fundamentam-se na confiança. O cristão tem a certeza de que a promessa se cumprirá, não porque domina os ‘comos e os porquês’ da realidade e do futuro, mas porque conhece aquele em quem confia e sabe que ele será fiel. Por isso não teme.

É exatamente porque as certezas cristãs não são o resultado de ‘conhecimentos objetivos’, nem se constituem como ‘seguranças automáticas’ ou ‘receitas práticas’, que não podem ser compreendidas fora da experiência da vida. Só quem se atreve a confiar, como os crentes confiam, pode perceber em que consistem essas certezas e como elas podem ser fundamento de vida.

Ao sublinhar que a confiança se fundamenta essencialmente naquele em quem se confia, pode surgir a ideia errada de que ao cristão nada mais é pedido a não ser confiar e que, portanto, a sua atitude acaba por ser essencialmente passiva; nada mais errado do que isto. E com isso não quero cair no erro oposto de reduzir o cristianismo a um voluntarismo ativo que correria o risco de testemunhar alguma falta de confiança em Deus.

Se olharmos bem para o itinerário que até agora fizemos julgo que será fácil perceber como a atitude de confiança exige muito mais do que a passividade. É verdade que o centro não está no crente, nem nas suas forças e conhecimentos, mas a confiança só é possível no âmbito da relação, por isso o crente tem de ser profundamente ativo a este nível. Ninguém pode realizar a experiência de encontro por ele e só ele pode responder ao amor com que é amado. Bastava este sublinhado para percebermos como a passividade não é possível na atitude de confiança que o crente é chamado a ter.

Mas podemos e devemos ir ainda mais longe. A confiança acaba por levar o crente ao compromisso com a promessa que lhe foi feita. Assim, porque confia na concretização dessa mesma promessa, porque não teme, então pode e deve fazer tudo o que está ao seu alcance para que essa promessa seja verdadeiramente uma realidade. É que o crente sabe que, por não agir sozinho e simplesmente com as suas forças, a sua ação não corre o risco de ser em vão. A confiança impele-o, então, a uma ação clara e inequívoca.

É nesta mesma linha que também pode ser entendida a afirmação de Jesus “Vós sois o sal da terra...” (cf. Mc 9,50; Lc 14,34;

cf. também Mt 5,13-14). Para desempenhar o papel que lhe toca é fácil de perceber que o sal se deve misturar aos alimentos e dissolver-se neles. O mesmo tem de acontecer com a fé, que constitui a vida dos cristãos: incarna-se nas tarefas onde pode parecer que se dissolve:

“Assim se explica a necessidade de situar, no cerne de toda a vida crente momentos que impeçam o sal de se tornar insípido e regenerem o fermento [...]. As formas são variadas de acordo com a variedade das culturas, os ritmos e as idades da vida; mas devem permitir que o crente dê à fé uma respiração profunda, já que, de outra maneira, a vida corria o risco de perder o seu sopro”¹⁷.

Este compromisso não pode, de modo algum, ficar confinado ao nível individual, aliás como tudo o que tem que ver com o cristianismo. Ele tem também de ser um compromisso com a história humana e com todos aqueles com quem nos é dado viver a aventura da existência. A confiança que o crente deposita em Deus não só o impele a testemunhar essa atitude como, também, a agir de modo a que a promessa possa chegar a todos aqueles a quem Deus a dirige, o mesmo é dizer a toda a humanidade.

Ao falar da esperança o papa Bento XVI afirma algo que pode claramente ajudar-nos a entender como a confiança em Deus nos deve comprometer com os outros:

“O facto de estarmos em comunhão com Jesus Cristo envolve-nos no seu ser «para todos», fazendo disso o nosso modo de ser. Ele compromete-nos a ser para os outros, mas só na comunhão com ele é que se torna possível sermos verdadeiramente para os outros, para a comunidade [...]: o amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro”¹⁸.

¹⁷ AAVV, *A aventura da fé. Introdução às grandes questões da vida da fé*, Paulus, Lisboa 2012, 8.

¹⁸ Cf. *Salvos na Esperança*, 28.

A confiança como nota característica da atitude crente é também o testemunho que podemos encontrar em Jesus Cristo. Ao longo de toda a sua existência a confiança no Pai é uma característica distintiva do seu viver. Isso revela-se, igualmente, e de um modo particular, em todos aqueles momentos densos da proximidade da morte. Mais do que o seu conhecimento, mais do que as suas forças, aquilo que verdadeiramente nos interpela é a sua total confiança no Pai. Jesus confiou até ao fim, até ao limite e à razoabilidade do confiar, mas não foi nada passivo, pois viveu cada momento não só para si, como para todos. A essa confiança total responde o Pai em fidelidade e, por isso, o ressuscita de entre os mortos. É a confiança de Jesus que torna possível a nossa confiança e nos impele, como diz o Santo Padre, a envolver-nos no “seu modo de ser para todos”, fazendo disso “o nosso modo de ser”.

A dimensão da eclesialidade é uma realidade sempre presente em todo este itinerário. A presença do ressuscitado com a sua força salvadora, sempre que dois ou três se reunirem em seu nome (cf. Mt 18,20), é também uma promessa feita pelo próprio. Porque confio com outros o meu confiar não fica reduzido à minha sensibilidade e à minha dimensão, podendo ser alargado a horizontes mais amplos, que me abrem a possibilidade de ver mais longe e de ver melhor e de agir confiadamente em consequência.

Face a esta atitude de confiança vivida pelos crentes, por vezes ouvem-se vozes que pretendem sublinhar como ela leva os cristãos a uma falta de liberdade. Segundo esses, os que acreditam confiadamente tornam-se escravos da vontade daquele em quem confiam, acabando por se anular a si próprios. Sinceramente, quem assim fala não me parece que tenha compreendido verdadeiramente em que consiste a atitude crente, se bem que tenha de concordar que alguns comportamentos quase que parecem dar crédito a essas afirmações.

A confiança a que me tenho vindo a referir brota, como vimos, de uma experiência de encontro e alimenta-se de uma relação de amor. Ora todos sabemos que no amor somos verdadeiramente livres. Ninguém pode ser obrigado amar. Podemos, de facto, ser obrigados a fazer muitas coisas que tenham contornos que possam ser lidos como gestos e atitudes de amor, mas no íntimo, naquele reduto onde verdadeiramente se joga a identidade e a liberdade, aí, ninguém nos pode obrigar a amar. A confiança cristã é, pois, consequência de um profundo ato de liberdade.

Por outro lado, se a confiança que temos em Deus brota do amor que ele nos tem, então é porque somos dignos e merecedores desse amor. E se assim é – e a nossa fé desse modo o confirma –, então é porque valemos mesmo muito. Nesse sentido, a atitude de confiança em Deus não nos pode nunca anular, pelo contrário, ela sublinha bem a dignidade da nossa condição humana.

5. O SIM CONFIANTE DE MARIA. A MODO DE CONCLUSÃO.

“Não temas Maria” (cf. Lc 1,30). Foi com estas palavras que o Anjo se dirigiu a Maria no momento da anunciação. Aquilo que ele vinha anunciar-lhe da parte de Deus jamais poderia ter sido imaginado e muito menos pensado ou desejado por Maria. E por isso interroga “e como é isso possível?” (cf. Lc 1,34). Todos conhecemos a resposta que o Anjo deu e todos somos capazes de intuir como essa resposta certamente não tirou todas as suas dúvidas.

E, no entanto, a resposta não se fez esperar: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” (cf. Lc 1,38). O sim de Maria não se fundamentou nos seus conhecimentos nem nas suas forças. Aquilo que lhe estava a ser pedido em tudo excedia aqueles e ultrapassava estas. Mas, porque confiava naquele que através do Anjo se lhe dirigia, disse sim.

Tudo mudou então. Não que as coisas tenham ficado totalmente entendidas e as dificuldades tenham sido totalmente afastadas, mas agora a sua vida estava ancorada naquele promessa e ela confiava em quem lha tinha feito.

Fundamentada nessa confiança, Maria não ficou fechada em casa guardando só para si o segredo. Pelo contrário, sabemos, pelos textos do Evangelho de Lucas (cf. Lc 1,39), que Maria se pôs a caminho. Claro que este caminho se refere em primeira mão ao percurso que teve de realizar para chegar a casa de Isabel, a quem quis ajudar. Mas certamente não erramos se interpretarmos esse caminho num sentido mais vasto. A partir do seu sim confiante Maria 'pôs-se a caminho' fazendo tudo o que estava ao seu alcance para facilitar a concretização da promessa de Deus.

O caminho é também uma das realidades presente na experiência de todos os peregrinos, apresentando-se sempre com um duplo sentido. Primeiro, aquele que nos leva em direção ao Santuário, onde queremos lembrar e fortalecer a experiência de encontro (que está presente desde o início, pois é essa experiência que nos leva a caminhar); segundo, aquele que nos leva de regresso para o meio da vida, para aí fazer tudo o que estiver ao seu alcance para que se concretize o projeto de Deus para a humanidade (e não simplesmente para si).

A imagem da maternidade de Maria pode também ajudar-nos a entender como a atitude confiante acaba por contribuir para a antecipação daquela realidade em que confiadamente se espera. Como todas as grávidas, Maria certamente começou a viver cada momento presente já a partir desse nascimento futuro. O seu filho ainda não tinha nascido, mas era já ele que marcava o presente dos seus dias.

Também a cada um de nós crentes é pedido que vivamos de acordo com aquilo e aquele em quem acreditamos. Não podemos, pois, ficar parados e passivos, esperando que a promessa feita a cada um de nós e à humanidade por inteiro se venha a concretizar um

dia. Temos de agir de modo a que esse futuro prometido possa, já hoje, no presente, ser começado a viver.

A experiência cristã nunca foi fácil. Não o é hoje e não o será amanhã. Temos consciência de que as dificuldades não são nem serão poucas, conhecemos as nossas fragilidades e infidelidades, mas sabemos que Deus nos ama e nos acompanha. A partir daqui não tememos e ousamos agir, porque sabemos, tal como Maria, em quem colocámos a nossa confiança.

II

NÚCLEOS TEMÁTICOS DO 3.º CICLO

A DEUS NADA É IMPOSSÍVEL

Abílio Pina Ribeiro

Na aparição de 13 de Junho de 1917, em Fátima, Nossa Senhora deixou-nos uma promessa consoladora: “Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”. Palavras dirigidas à vidente Lúcia, que estava mergulhada em profunda tristeza ao saber que em breve iria ficar sem os seus companheiros de aventura espiritual, Francisco e Jacinta.

No mesmo instante, a Virgem Maria abriu as mãos comunicando uma grande luz na qual os Pastorinhos se viam como que submersos em Deus: a Jacinta com o Francisco na parte que irradiava para o céu, a Lúcia na parte que se derramava sobre a terra. Estavam os três no coração de Deus... Estamos todos no coração de Deus.

As referidas palavras são válidas para toda a comunidade cristã e para cada baptizado em particular. Destinam-se a despertar a nossa confiança na Virgem Maria que, em Fátima, se manifestou como reflexo da beleza e da bondade de Deus-Pai e de seu Filho Jesus Cristo.

A Lúcia experimentou em si mesma o que lindamente escreveu Santo António Maria Claret, cuja estátua se encontra na Basílica do Rosário junto da capela-mor, em cima, do lado das sepulturas da Lúcia e da Jacinta:

“Tendo de viver num mundo tão corrompido como o nosso, sere-mos rosas no meio de espinhos, se nos acolhermos ao coração da Virgem Maria.

Assim como certas pérolas se criam e conservam belíssimas dentro das conchas apesar de batidas pelas ondas salgadas do mar, e não

correm perigo por mais que à volta se encrespem as vagas – assim também nós permaneceremos limpos e puros, no meio das amargas águas deste mundo, se nos mantivermos na forte e preciosa concha do imaculado coração de Maria”

1. SÓ TÊM MEDO OS QUE PENSAM QUE ESTÃO SÓS

Falar do coração desta Mulher bendita é situar-se num campo de esperança. Para aí apontam certas expressões da linguagem popular: “tem um coração de oiro”, “é toda coração”, “digo-to do fundo do coração”. Na Bíblia, coração significa a própria pessoa no que tem de mais vital, de mais íntimo, de mais profundo. É o motor e a raiz da pessoa. O coração de Maria é representado com dois símbolos: a espada do sofrimento e do martírio, e as chamas do amor e da ternura.

Diz também o povo que “Uma palavra saída do coração guarda calor durante três invernos”. A promessa de Nossa Senhora confortou a Lúcia na longa travessia da sua vida pessoal e da história atribulada do século XX. Viveu – como ensinava, no seu tempo, São Guerrico, abade – “sob o amparo da Mãe do Altíssimo, habitando sob a sua protecção e como que à sombra das suas asas”.

A promessa da Virgem reconforta os cristãos de hoje no meio das crises, das angústias, dos fantasmas do medo. Hoje, de facto, os sinais de Deus parecem bruxulear e apagar-se à nossa volta: falta muitas vezes a amizade, a fidelidade, o respeito pela vida, a salvaguarda dos direitos humanos; muita gente não sabe o que é viver com pão e dignidade; o bem e a verdade parecem bater em retirada diante das forças do mal e da mentira. As enfermidades ferem-nos com rudeza. A insegurança, a incerteza invadem-nos, com frequência. Não é bom, então, deixarmos ressoar em nós a promessa estimulante que a Lúcia ouviu na Cova da Iria?

A nossa época está marcada pelo medo. Medo de uma guerra nuclear. Medo de uma catástrofe ecológica. Medo da violência e da injustiça. Medo da doença, da velhice, da solidão, da morte. Medo de uma pandemia. Medo do desequilíbrio entre o progresso da técnica e o retrocesso dos valores morais. Medo de tantas vozes laicas que pretendem abafar a voz do Evangelho. Medo do futuro das nossas instituições. Medo de arriscarmos tudo, dizendo como Paulo: “Sei a quem me agarrei”. Calamo-nos quando deveríamos falar, inibimo-nos quanto conviria intervir. Sentimo-nos isolados numa espécie de “túnel” construído com os nossos problemas, as nossas preocupações e ansiedades. Mas por cima de tudo isto paira a garantia maternal: “Não desanimes. Nunca te deixarei. Dou-te a mão e indico-te o caminho. Serei a tua coluna, o teu apoio, a tua bússola”.

A promessa de Nossa Senhora faz eco à de Jesus: “Não tenhais medo. Não vos deixarei órfãos. Estarei sempre convosco” (cf Jo 14, 18; Mt 28, 20); promessa recorrente em toda a História da Salvação, sempre que Deus confia uma missão a alguém: Abraão, Moisés, os profetas, os apóstolos... Efetivamente, a grande verdade da nossa fé é que Jesus Cristo é o Emanuel, o Deus connosco.

Temos, pois, de avançar sem medo, porque, segundo o aviso de Santa Catarina de Sena: “Só têm medo os que pensam que estão sós”.

2. ESTRELA DA ESPERANÇA

Nossa Senhora apresentou-se, em Fátima, como “Estrela da Esperança”, título que o Papa Bento XVI gosta de lhe dar (cf. Enc. *Spes salvi*, n. 50). Nos caminhos da nossa vida, tantas vezes tortuosos e escuros, Ela é, de facto, uma luz que nos ilumina e orienta.

Graças a ela, a esperança de milénios entrou no nosso mundo e na nossa história. Quando Deus a chamou “Cheia de graça”, acendeu-se para o género humano a esperança da salvação: uma filha da raça humana foi escolhida para Mãe do Redentor.

Na Imaculada começa a verificar-se a solene profecia: “Declaro a guerra entre ti [a serpente] e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela: esta te esmagará a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar” (Gen 3, 15). Com a humilde coragem do seu “sim”, Maria ajudou a libertar-nos do antigo adversário, dando um corpo humano Àquele que esmagaria a cabeça da serpente de uma vez por todas. Graças a Maria, por ação do Espírito Santo, o Verbo ergueu a sua tenda no meio de nós e tornou-se o “Deus conosco”, motivo supremo da nossa esperança.

Maria percorreu o seu itinerário terreno sustentada por uma fé intrépida, uma esperança inabalável e um amor inesgotável, seguindo as pegadas do seu Filho. Ao lado dele esteve com materna solicitude desde o Natal até ao Calvário, onde assistiu à Sua crucificação, num mar de insondável sofrimento; saboreou depois a alegria da ressurreição, quando o Crucificado deixou o sepulcro vencendo para sempre e de maneira definitiva o poder do pecado e da morte.

É representada no Apocalipse (12, 1) como a Mulher “vestida de sol”, na cabeça uma coroa de doze estrelas e, aos seus pés, a lua, imagem da mortalidade, porque, também ela, deixou a morte para trás e foi inteiramente revestida da vida do Filho: Ela é, assim, o sinal da vitória do amor, da vitória de Deus.

E ela que não se foi abaixo, mesmo no auge da prova, continua agora, lá do céu, a implorar o dom do Espírito Santo para que a Igreja persevere no fiel seguimento de Jesus Cristo. Para ela erguemos confiantes o olhar, como para um “sinal de consolação e de firme esperança”¹.

A primeira invocação mariana por nós conhecida foi composta no Egipto, no século III, e soa deste modo: “À vossa proteção nos acolhemos, santa Mãe de Deus. Não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita”.

¹ Cf. CONC. VATICANO II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 68.

Menos antigo é o hino: “Salve, Estrela do mar”. No mar da vida e da história – disse Bento XVI – Maria resplandece como “Estrela da Esperança”. Não brilha com luz própria, mas reflete a luz de Cristo, Sol derramado no horizonte da humanidade. Seguindo a Estrela de Maria, podemos manter a rota certa em direção a Cristo, especialmente nas horas invernosas. Com as estrofes desse hino lhe rogamos: “Quebra ao preso as cadeias,/ dá aos cegos a vista,/ afugenta a desgraça,/ traz-nos todos os bens”. “Dá-nos a vida pura/ e o seguro caminho,/ para que, seguindo a Cristo,/sempre nos alegremos”.

São Bernardo recomendava com ardor:

“Olha para a Estrela, invoca Maria... Nos perigos, nas angústias, nas incertezas, pensa em Maria, invoca Maria. Não se afaste o seu nome dos teus lábios, não se afaste do teu coração... Se a seguires, não te perdes, rezando-lhe não desesperas, pensando nela não erras. Se te ampara, não caís; se te protege, não temes; se te guia, não te cansas; se te concede os seus favores, chegas a bom porto”.

Maria vem a Fátima incutir-nos ânimo e alegria quando o sofrimento, a solidão, e a própria morte batem à porta das nossas casas ou quando nos sentimos impotentes e corremos o risco de ceder ao desespero em face dos perigos e perturbações deste mundo. O seu coração será, para nós, “Fonte viva de esperança”, como a chamou o grande poeta Dante. A esta Fonte, à nascente do seu coração imaculado, vai a Lúcia, e vamos nós, buscar fé e consolação, alegria e amor, segurança e paz.

Escrevia em tempos Fulton Sheen, que “A hora que vivemos parece ser a hora do diabo. Mas não tenhamos medo, porque Deus tem todas as horas”. Fátima lembra-nos que Deus é o condutor da história. Mostrando aos videntes o coração cheio de Deus, a Senhora mais brilhante do que o sol profetizou que o seu imaculado coração “trunfará”.

3. TUDO É POSSÍVEL A QUEM CRÊ

Maria vem recordar-nos também uma frase que o Anjo da anunciação pronunciou e ela arquivou no coração: “A Deus nada é impossível” (Lc 1, 37).

A Sagrada Escritura ensinava-lhe que quando Deus precisa de um ser humano escolhe os seus pais e prepara-os com uma longa esterilidade. Lembremos os pais de Isaac, Jacob, Samuel, João Baptista...; a Maria preparou-a com a virgindade. Em face do que é humanamente impossível aparece então o que é possível a Deus. Ele faz brotar flores no deserto, torna fecundos os ventres estéreis, envia o seu Filho nascido de uma virgem. Perita nos caminhos da fé, quantas vezes não terá mergulhado nestas coisas ao ver que esse divino Filho se revelava um especialista em “impossíveis”: multiplicar cinco pães para uma multidão, converter a água em vinho, transformar o pão e o vinho no seu corpo eucarístico...

Maria, a estéril bendita, é o sinal do poder da graça e a demonstração daquilo que é verdadeiramente fecundo e salvífico no ser humano: a disponibilidade, a abertura, o deixar Deus ser Deus, o permitir que o seu Espírito atue e manobre à vontade. “Tudo é possível a quem crê” – (Mc 9, 22; cf Mt 17, 21). “Abbá, ó Pai, tudo te é possível” – rezou Jesus (Mc 14, 36). Basta oferecer a Deus uma confiança que não discute, para que o impossível se torne possível. Quando, à maneira de Maria, acolhemos o Seu amor, Ele “é capaz de fazer mais, infinitamente mais do que nós possamos pedir ou imaginar” (Ef 3, 20-21).

4. A PORTA DA FÉ

João Paulo II abriu o seu pontificado com um apelo vibrante que deve ressoar por toda a Igreja, principalmente neste ano: “Abri, abri de par em par, as portas a Cristo!”

“Cada pessoa humana tem uma porta por onde Cristo entra” – ensinava Santo Ambrósio. (*De inst. virg.* 54: PL 16, 334).

A porta grande que o ser humano pode abrir ou fechar a Cristo é só uma e chama-se liberdade. Única, repito. “Mas abre-se conforme três modalidades diferentes ou conforme três tipos diferentes de decisão, que podemos considerar como outras tantas portas. Portas são de todo especiais: abrem-se de dentro e de fora ao mesmo tempo, com duas chaves, uma das quais está na mão do ser humano e outra na mão de Deus. Nenhum deles pode abrir sem o outro. São virtudes teologais, divinas, infusas, fruto mais da graça do que da liberdade. A pessoa humana *não pode* abrir sem a colaboração de Deus e Deus *não quer* abrir sem a colaboração da pessoa humana. Aquele que entrou com as portas fechadas no cenáculo não entra com as portas fechadas no coração humano, mas está à porta e bate” (Ap 3, 20)².

Deus vem, pois, ao nosso encontro para que O acolhamos na fé e demos testemunho da alegre *esperança* do Seu reino na *caridade*³. A quantos recebem Jesus Cristo, Ele dá-lhes o poder de se tornarem filhos do Abbá, irmãos, família, povo convocado para realizar um grande projecto “de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz”. A graça é a mão de Deus que se estende para oferecer a salvação e a vida; a fé é a mão do ser humano que se estende para acolher a dádiva⁴.

A fé não se limita a abrir a porta a Cristo e a acolhê-lo. “Pela fé, Cristo habita nos nossos corações” (Ef 13, 17). Faz morada neles. E aqui aparece de novo Maria diante de nós como modelo e figura da Igreja e de todo o crente. Ela é a porta personificada.

² RANIERO CANTALAMESSA, *Com Cristo en el Tercer Milenio*, Burgos 2004, p. 111.

³ Cf. Prefácio do Advento.

⁴ Cf. RANIERO CANTALAMESSA, O.C., p. 117.

A fé de Maria é um acto de amor e de docilidade, um ato livre, se bem que suscitado por Deus, misterioso como misterioso é todo o encontro entre a graça e a liberdade. Tal é a verdadeira grandeza pessoal de Maria, a sua bem-aventurança proclamada por Isabel (“Feliz aquela que acreditou no cumprimento das palavras do Senhor: Lc 1, 45) e confirmada pelo próprio Jesus (“Felizes aqueles que escutam a palavra de Deus e a realizam”: Lc 11, 27).

Viveu a fé com uma intensidade singular, mas o seu caminho não foi iluminado e fácil, antes uma penosa travessia pela “noite escura”. Guardava no seu interior tudo o que acontecia, tudo o que via, tudo o que escutava (cf. Lc 2, 19. 51) e ia-o amadurecendo, desde as promessas aos “mistérios” que envolviam aquele Filho amado. As promessas diziam-lhe que Ele seria grande e reinaria para sempre. O mistério adensava-se, porém, sempre que a dura realidade parecia desmentir as profecias e as promessas: assim acontecia, por exemplo, quando via Jesus pequeno e pobre, ou quando alguns parentes julgavam que Ele estava louco e, sobretudo, quando Ele agonizava no Calvário. O seu coração de Mãe partia-se de dor e só a plena confiança em Deus a fazia manter-se “inteira”. Maria “progrediu na fé, ou seja, à medida que caminhava pela vida foi crescendo e aperfeiçoando-se na fé⁵.

Maria é a primeira a quem se pode aplicar outra bem-aventurança: “Felizes os que crêem sem terem visto” (Jo 20, 29). Ela acreditava que o seu Filho era o Filho de Deus, mas não via senão um homem com uma história semelhante à de tantos outros. Só com os olhos dóceis da fé “via mais além”.

Há duas brevíssimas palavras que Maria pronunciou na altura da Anunciação: “Eis-me aqui” e “Faça-se” (ou “Amen”, “Sim” (cf. Lc 1, 38). São as duas palavras que todo o peregrino deve proferir ao chegar ao Santuário de Fátima: “Eis-me aqui, ó Mãe, disposto a dizer “sim”, como Tu, à vontade de Deus.

⁵ Cf. CONC. VATICANO II, Ib, 58.

5. CONSELHOS MATERNAIS

Se Nossa Senhora de Fátima nos pegasse pela mão, que é que nos diria hoje? Por onde nos levaria?

1.º – Acho que, em primeiro lugar, nos pediria *autenticidade*, isto é, que procurássemos ser cristãos de nome e de facto, verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, mensageiros alegres do Evangelho, pessoas conscientes de que a fé é fonte de civilização e de benefício para todos.

Se as palavras: “Fazei o que Jesus vos disser” (Jo 2, 5) são as últimas que os evangelhos põem nos lábios de Maria, à laia de testamento espiritual ou de última vontade, a mensagem de Fátima não pode propor coisa diferente. Vir a Fátima é renovar os compromissos do batismo, do matrimónio, da ordenação sacerdotal, da vida consagrada.

2.º – Em face das dificuldades e problemas que fervilham dentro de nós e à nossa volta, Nossa Senhora pedir-nos-á, seguidamente, que *não cruzemos os braços, mas decidamos fazer tudo o que está ao nosso alcance*. Não falou ela de “reparação”? Reparação é mais do que horas santas, primeiros sábados e sacrifícios. Reparar é refazer, consertar, restaurar. Há tanta coisa a emendar, a reconstruir, a arranjar, a restabelecer na nossa vida pessoal e familiar, no ambiente que nos rodeia, na esfera social, educativa, económica, política... Jesus mandou a São Francisco que “reparasse” a sua Igreja. A Virgem de Fátima diz-nos outro tanto, como porta-voz que é do seu divino Filho.

O “adeus” que se canta no termo das peregrinações implica o propósito de pôr mãos à obra. Não podemos desistir, resignados perante a situação do mundo atual. Não se trava no céu de Fátima uma grande batalha entre as forças do amor e da vida, simbolizadas no coração imaculado de Maria, e as forças do pecado e da morte? Não é a esperança a “antecipação militante do futuro”? Não abundam razões para sonharmos e irmos à luta?

Pode acontecer que também nós, como a Lúcia, sintamos desamparo, tristeza, angústia. Ou, pior ainda, uma sensação de impotência, de incapacidade face a tantas coisas que não podemos alterar. Fora, todavia, o medo e o desânimo. Temos a garantia consoladora de Maria: “O meu coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”.

Bento XVI declarou: “Maria está diante de nós como sinal de consolação, de encorajamento e de esperança. Dirige-se a nós, dizendo: “Tem a coragem de ousar com Deus. Tenta. Não tenhas medo d’Ele. Tem a coragem de arriscar com a fé. Tem a coragem de arriscar com a bondade. Compromete-te com Deus, e então verás que, precisamente assim, a tua vida se há-de tornar ampla e iluminada... repleta de surpresas infinitas, porque a bondade infinita de Deus jamais se esgota”.

3.º – A Virgem Maria deixar-nos-á, também, uma mensagem de *absoluta confiança* no Senhor. Lembrar-nos-á o primado da graça: “Se o Senhor não construir a casa... se o Senhor não guardar a cidade... baldados serão os nossos esforços (cf. Sl; Jo 15). Mas não deixará de acrescentará que “Se Deus é por nós, não temos de recear o que quer que seja contra nós” (cf. Rom 8, 31).

Vir a Fátima é refazer a experiência dos discípulos de Emaús: deixar que o Senhor da vida caminhe connosco, nos aqueça a alma e nos abra os olhos com a sua Palavra e o seu Pão. Ouvi-lo-emos declarar então: “Tende confiança. Eu venci o mundo” (Jo 16, 33). O que não podemos é dizer que “a morte é certa”, quando a única certeza é que a Vida venceu e vencerá. Esta é a grande notícia que temos para dar, ao ir de Fátima para as nossas comunidades.

Jesus não venceu apenas o mundo de então, mas também o mundo de sempre no que tem de oposto e resistente ao Evangelho. Fazem-nos sorrir as recorrentes profecias sobre o inevitável fim da Igreja e do cristianismo na sociedade tecnológica do futuro. Temos

uma profecia bem mais autorizada a que ater-nos: “Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar” (Mt 24, 35). Profecia que assume, na Cova da irlia, uma versão e um tom maternais: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará”. A graça e a misericórdia de Deus, refletidas e esponjadas no coração puríssimo de Maria, levarão a melhor.

No mundo de hoje há muita coisa bela que não podemos esquecer: maior sentido de justiça, consciência mais viva da dignidade humana, mais solidariedade entre as pessoas, comunidades cristãs vivas... Convém celebrar as maravilhas que o Senhor realiza na nossa pequenez, para não desistirmos da esperança e da alegria.

4.º – Por último, se deixarmos que ela nos pegue pela mão, a Virgem que consolou a vidente Lúcia, oferecendo-lhe o seu coração como abrigo e como luzeiro, invocará sobre nós o Espírito Santo para que nos torne o coração misericordioso como o do seu amado Filho e como o dela. Deste modo seremos, também nós, porto, refúgio e proteção para os irmãos e as irmãs que mais precisam: os indefesos, os marginalizados e excluídos, os doentes, as vítimas de uma sociedade que tantas vezes sacrifica a pessoa humana aos seus fins e interesses, os desprovidos de fé e de sentido para a vida. “Se houver dois para uma dor, sofre-se menos” – observava Santo Agostinho.

Maria impede os nossos corações de se congelarem e endurecerem perante o sofrimento que existe à nossa volta. Um dos maiores e mais belos serviços que podemos prestar é o de sarar os corações feridos, levantar os que caíram, enxugar as lágrimas de quem enfrenta as provas deste mundo. “A Virgem, durante a vida, foi modelo daquele amor materno de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica da Igreja para a redenção da humanidade”⁶.

⁶ CONC. VATICANO II, *Ib.*, n. 65.

Ela que, no cenário sublime mas terrível do Calvário, permaneceu unida ao seu divino Filho e nos foi dada como Mãe ensinamos a abraçar o projecto do divino Crucificado e a estar ao lado de todos os crucificados da terra. Com a nossa ternura e com o nosso empenho, temos de ser, para os nossos irmãos e irmãs, o sinal e a prova de que a promessa de Jesus (“Estarei sempre convosco”) se cumpre e verifica.

“Ter coração” é a herança e a oferta que Maria nos faz hoje. O amor iluminou todo o seu peregrinar. Que escola teve Jesus! Que escola teve Maria junto de Jesus! Amor insondável: aí está a fonte e o segredo desta criatura maravilhosa e simples, que é Maria de Nazaré. Por isso lhe suplicamos: “Dá-nos um coração grande para amar”.

DÊMOS RAZÕES DA NOSSA ESPERANÇA

Francisco Pereira

PRÓLOGO

No ano de 1977 um musical da Broadway surpreendeu o mundo com a história de uma criança órfã que acompanhada por um rafeiro e ajudada por um benfeitor luta para encontrar os pais, escapando à obscuridade do orfanato e à violência da diretora. Uma das músicas, precisamente quando a pequena Annie encontra pela primeira vez o cão, continua, ainda hoje, a fazer vibrar os corações de quem a escuta. Tomorrow¹ (Amanhã) é um raio de luz na nossa vida que nos faz acreditar que o sol brilhará, e essa esperança limpa as teias de aranha e as penas, que quando estamos presos a um dia cinzento e solitário levantamos o queixo e com um trejeito dizemos: – o sol desponta amanhã e que aconteça o que acontecer passamos o dia porque o amanhã está a um dia de distância.

A Igreja Católica faz-se eco da condição humana logo no prólogo da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”.

¹ CHARNIN, MARTIN, Annie, “Tomorrow”, 1997: The sun'll come out / Tomorrow / Bet your bottom dollar / That tomorrow / There'll be sun! / / Just thinkin' about / Tomorrow / Clears away the cobwebs, / And the sorrow / 'Til there's none! / / When I'm stuck a day / That's gray, / And lonely, / I just stick out my chin / And Grin, / And Say, / Oh! / / The sun'll come out / Tomorrow / So ya gotta hang on / 'Til tomorrow / Come what may / Tomorrow! Tomorrow! / I love ya / Tomorrow! / You're always / A day / A way!

A Igreja como comunidade humana dos filhos de Deus não pode estar desligada do gênero humano e da sua história, mas deve assumir esta condição para poder conduzir esta mesma humanidade ao bem, à verdade, à beleza. Mergulhada profundamente na humanidade é sua tarefa ser sinal de esperança, de futuro, de finalidade.

A INQUIETUDE HUMANA

O primeiro objetivo da vida é a sobrevivência, esse é também o primeiro objetivo da vida humana, mas com um acréscimo, que nasce da sua condição racional, inteligente e volitiva: a felicidade. Todos queremos ser felizes.

Em qualquer abordagem à história da humanidade, mesmo a mais simples, a nossa experiência contemporânea da vida social mostra-nos que é dessa busca da felicidade que nasce a inquietude, insatisfação, desejo que se transforma num permanente desejo de progresso, de avanço.

Não conseguimos estar parados. Parar é morrer diz o povo e o movimento só pode ser em frente. Este progresso humano tornou-se uma tarefa mais premente com o Iluminismo, fonte de autonomia humana em relação ao universo que o envolve. A Revolução Francesa, em termos ideológicos, e a Revolução Industrial, em termos práticos, ocorrendo praticamente ao mesmo tempo, buscavam uma libertação do homem de todas as opressões.

Mas outras escravaturas surgiram como consequência destas mudanças, das quais o homem se procurou libertar buscando uma autonomia cada vez maior, centrando essa autonomia na razão e na ciência, libertando-se de todas as cadeias que impediam o completo desenvolvimento da humanidade. Para muitos filósofos Deus era o maior obstáculo ao desenvolvimento humano, sem querer retomando o papel da serpente do relato da criação no Livro do Génesis, sereis como Deus, ou, para usar a expressão de Nietzsche: sereis super-homens.

Mas nesta busca da libertação do homem chegámos ao fim do segundo milénio mergulhados em desgraças, com duas guerras mundiais e regimes políticos ditatoriais que provocaram a morte de milhões de pessoas e destruição de vias de comunicação e habitação. Com o fim das grandes ditaduras e estabelecimento na Democracia na maior parte dos países, abria-se a promessa do fim dos problemas para a humanidade a ponto de Fukuyama proclamar o fim da história.

Mas em vez do cumprimento das promessas feitas foi um manto de escuridão que desceu à nossa volta. Sozinhos no mundo tudo nos mete medo. Lembramos as nossas infâncias quando o escuro e o desconhecido nos assustavam, quando os monstros debaixo da cama se elevavam à nossa frente e nos tolhiam de pavor porque eram uma barreira que nos separava da segurança e conforto do pai e da mãe.

Hoje já não temos monstros debaixo da cama, no entanto, à nossa volta há escuridão, montanhas alcantiladas que se levantam à nossa frente, negras florestas que brotam do solo a cada momento tolhendo a nossa caminhada.

“I don’t need no arms around me
And I dont need no drugs to calm me.
I have seen the writing on the wall.
Don’t think I need anything at all.
No! Don’t think I’ll need anything at all.
All in all it was all just bricks in the wall.
All in all you were all just bricks in the wall.”²

² Pink Floyd, *Another brick in the wall*, part 3, *The Wall*, produzido por David Gilmour, Bob Ezrin, and Roger Waters, 1979: Não preciso de abraços, não preciso de calmantes, vi a escrita na parede, não pensem que preciso de alguma coisa, não, não pensem que preciso de alguma coisa, no fim de contas são apenas tijolos na muralha, vocês são apenas tijolos na muralha.

Como Pink Floyd criamos uma muralha à nossa volta que nos protege dos perigos do mundo, mas que nos impede de ver a beleza e o amor que existem no mundo. É essa muralha que nos impede de sermos verdadeiramente livres.

Desde sempre o homem foi confrontado com tragédias e perigos. A vida sempre foi difícil, mas há sempre a esperança que nos faz vencer o medo. Essa esperança tanto se revela no mito da Caixa de Pandora como no do pecado original relatado no Livro do Génesis.

A sociedade em que vivemos ensina-nos a ser desconfiados e cínicos, a não crer em nada, a relativizar tudo, a viver numa indiferença entre bem e mal, entre certo e errado, por isso nada vale a pena, nada tem valor. E se nada tem valor não vale a pena investir, arriscar, comprometer-se. A pessoa fecha-se em si mesma como uma estrela que colapsa tornando-se num buraco negro que suga tudo à sua volta destruindo o que a rodeia.

Nós não podemos ser buracos negros, podemos ser estrelas que pontilham a existência do mundo, como os pequenos Francisco e Jacinta Marto, “candeias que Deus acendeu para alumiar a humanidade nas suas horas sombrias e inquietas. Brillhem elas sobre o caminho desta multidão imensa de peregrinos e quantos mais nos acompanham pela rádio e televisão. Sejam uma luz amiga a iluminar Portugal inteiro e, de modo especial, esta diocese de Leiria-Fátima”³.

Quando ouvimos falar de modernização, isso significa também a secularização, ou seja o declínio e afastamento da crença e prática religiosa. Os filósofos do século XIX e XX (Comte, Feuerbach, Hegel, Marx, Nietzsche e Sartre) afirmavam que só o modernismo era capaz de gerar uma humanidade cada vez mais adulta e madura, assistida pela ciência e tecnologia, a qual já não teria

³ Homilia do Papa João Paulo II na beatificação dos veneráveis Francisco e Jacinta Marto, Santuário de Fátima, 13 de maio de 2000.

necessidade de Deus. Mas em nome do humanismo, ao qual Henri de Lubac chama humanismo ateu, a Europa tornou-se num matadouro, com duas guerras mundiais e duas ditaduras assassinas chefiadas por Hitler e Stalin.

Mesmo quando lemos a *Iliada* e a *Odisseia* e as comparamos com a *Bíblia* descobrimos duas perspetivas opostas da divindade. Nos clássicos gregos até os melhores mortais estão sujeitos ao capricho dos deuses, é na cultura grega clássica que é criada a palavra tragédia para significar essa mesma impossibilidade de mesmo os melhores se libertarem dos caprichos divinos. E no nosso tempo tornamos a encontrar esta perspetiva trágica da nossa existência em séries de televisão como “The Wire” (A escuta) criada por David Simon entre 2002 e 2008, “The Shield” criada por Shawn Ryan também entre 2002 e 2008, ou mesmo “Lost” (Perdidos) criada por Jeffrey Lieber, J. J. Abrams e Damon Lindelof nos anos 2004-2010. Também na literatura desta época pós-moderna nos é apresentado esse sentido trágico da existência humana como por exemplo na trilogia dos “Jogos da Fome” (The Hunger Games) escrito por Suzanne Collins⁴.

Todas as histórias que nos contam, os filmes que vemos, as músicas que ouvimos, os romances que lemos nos falam da vitória do bem sobre o mal. Todos os contos de fadas nos dizem que o amor é o “feitiço” mais poderoso. Toda a nossa cultura está permeada da busca incansável do homem por alcançar a felicidade; a esperança surge como garantia desse objetivo.

S. Agostinho logo no início do seu livro “Confissões” escreve: “Nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós”. A vida humana só ganha verdadeiro sentido quando nos aproximamos de Deus, nos elevamos da mediocridade de uma vida vazia e sem futuro e abrimos os nossos horizontes.

⁴ COLLINS, SUZANNEO, *Os Jogos da Fome*, Editorial Presença, Lisboa, 2009; Em Chamas, Editorial Presença, Lisboa, 2010; A Revolta, Editorial Presença, Lisboa, 2011

SINAIS DE ESPERANÇA NUM MUNDO INCERTO

Na carta de S. Pedro lemos “no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça”. (1 Pe 3, 15)

A *Bíblia* é o grande sinal da Esperança para o mundo, porque é a história de uma relação amorosa e apaixonada de Deus pela sua criação, de maneira particular pelo homem, com quem tinha uma relação tão próxima que “percorria o jardim [do paraíso] pela brisa da tarde” (Gn 3 8). Depois do pecado original Deus não abandona o homem ao seu destino mas faz-lhe uma promessa que será garantia de salvação e fonte de esperança para toda a humanidade: “Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar”. (Gn 3, 15). Com o pecado original o homem descobre-se nu, sem nada, descobre a sua finitude e as suas limitações. Mas há uma promessa, uma aliança inquebrantável, pela história da Revelação descobrimos que não estamos sós, não fomos abandonados, Deus continua a vir ao encontro do homem, para passear com ele pelos caminhos do mundo.

Na *Bíblia* Deus diz-nos 365 vezes: “Não tenham medo”. Uma para cada dia do ano, para que não nos deixemos desanimar. S. Paulo na Carta aos Romanos diz-nos que nada nos pode separar do amor de Deus: “Nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso” (Rm 8, 38-39).

Deus é Amor, somos seus filhos e por isso Ele não nos pode abandonar. Desaparecida a ilusão do paraíso o único sentido da vida é a esperança, esta promessa de Deus. Mas não uma esperança passiva, como quem corta a floresta para fazer casas, barcos, todos os utensílios e as fogueiras que dão luz e aquecem e depois cruza

os braços esperando que surja uma nova floresta, ou que do nada surjam outros materiais para poder construir o que é necessário.

A esperança certa é aquela de quem corta a floresta e depois semeia uma outra, que só o será verdadeiramente no tempo dos seus filhos e netos (Mc 4, 26-29).

Neste tempo de escuridão e desespero não são as manifestações e protestos que afastam o medo, é a família, a comunidade, a solidariedade e entrelaçada. Se as instituições não nos podem salvar, porque são construções artificiais e frágeis, a salvação está na nossa natureza: somos filhos de Deus porque somos criados à sua imagem e semelhança.

Só o amor nos salva, o amor que Jesus tinha por cada um de nós que o levou a derramar o seu sangue em resgate do nosso sangue e dar a vida pela nossa vida. Ele próprio que sentiu na pele a aniquilação resultante de projetos de vida meramente humanos, com a condenação à morte na cruz e que grita nos momentos finais da sua vida: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste” (Mt 27, 46). Mas o Salmo 22 não é apenas este versículo; este salmo demonstra a esperança de quem sabe que Deus é absolutamente fiel à sua promessa original: “Em ti confiaram os nossos pais; confiaram e tu os libertaste” (Sl 22, 5); “Pois Ele não desprezou nem desdenhou a aflição do pobre, nem desviou dele a sua face; mas ouviu-o quando lhe pediu socorro” (Sl 22, 25). É esta a nossa esperança, a nosso motivação para continuar a nossa peregrinação humana percorrendo os caminhos da vida, apesar dos entraves que encontramos.

Os teólogos e filósofos falam da lei natural como alicerce da vida humana, uma lei que brota da nossa essência que não é o indivíduo mas a comunidade: “Deus disse: ‘Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra’. Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gen 1, 26-27).

Na *Bíblia* as coisas são muito diferentes: Deus criou o mundo, os homens e as mulheres que nele vivem, com uma ligação direta com o criador através do culto e da oração e por isso já não joguetes, mas livres e responsáveis. O Deus de Abraão, Isaac e Jacob entra na história e faz-se nosso companheiro na peregrinação da vida. Estar em comunhão com Ele era ser libertado do destino, libertado para a liberdade e para a excelência humana.

O que a Fé cristã apresenta como liberdade, o humanismo ateu apresenta como escravidão, mas foram as formas concretas de realização deste humanismo que acabaram por destruir bilhões de vidas ao colocar as pessoas umas contra as outras em guerras e revoluções constantes à procura de uma sociedade tão perfeita que ia eliminando os sinais de imperfeição: as pessoas.

Mas no meio das trevas surgem sempre pequenas luzes que alimentam a esperança: Maximiliano Kolbe e S. Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), judia, filósofa e carmelita que a dado passo da sua vida dizia que a alternativa a este humanismo ateu é o humanismo cristão, um humanismo fundado nas três virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade. Este humanismo cristão foi bem explicado por Niebuhr: “Nada que mereça a pena fazer pode ser alcançado no decurso da nossa vida; por conseguinte, teremos de ser salvos pela esperança. Nada que seja verdadeiro, ou belo ou bom faz pleno sentido no contexto imediato da história; por conseguinte, teremos de ser salvos pela fé. Nada que façamos, por muito virtuoso que seja, pode ser conseguido somente com as nossas forças; por conseguinte teremos de ser salvos pelo amor. Nenhum gesto de virtude parece tão virtuoso do ponto de vista do nosso amigo quanto do nosso próprio ponto de vista. Por conseguinte teremos de ser salvos pela forma última do amor que é o perdão”⁵.

⁵ Reinhold Niebuhr (teólogo americano, 1892-†1971) citado por Wilfred McClay no ensaio “The new irony in american history”, *First Things*, Fevereiro de 2002.

Na sua carta apostólica *Tertio Millenio Adveniente* de 10 de novembro de 1994, o Papa Joao Paulo II escreveu: “A atitude fundamental da esperança, por um lado, impele o cristão a não perder de vista a meta final que dá sentido e valor à sua existência inteira, e por outro oferece-lhe motivações sólidas e profundas para o empenhamento quotidiano na transformação da realidade a fim de a tornar conforme ao projeto de Deus” (TMA 49).

Cada cristão, pela graça iniciada com o Batismo, é responsável por esta transformação do mundo em que está inserido, por tornar real a promessa de Deus, não de construir um paraíso na terra, mas uma casa que todos possam habitar como irmãos, uma família onde cada qual possa encontrar o amor e a beleza.

Pregava em 2000 à Cúria Romana o Bispo Francois Xavier Nguyen Van Thuan: “Recordo a minha experiência durante os anos obscuros do meu encarceramento. Naquele abismo de sofrimento, alguns sentimentos davam-me a paz: nunca deixei de amar a todos, nunca excluí nenhum do meu coração. É o Deus amor que me julgará – disse para comigo – não o mundo, não o governo, não a propaganda. Tudo passa, só Deus não muda. Estou nas mão de Maria. Devo permanecer fiel ao exemplo dos meus antepassados mártires, à lição aprendida com minha mãe quando era garoto”⁶. Este bispo vietnamita foi preso em 1975 pelo Exército às ordens do Regime Comunista do Vietname do Norte e libertado em 1988, mas permanecendo em prisão domiciliária até 1991. Dos 13 anos de prisão 9 foram passados na solitária, e durante todo esse tempo permaneceu firme na sua fé, esperança e caridade e que apesar de tudo conseguiu durante esse tempo ser alento e força para o seu povo, conseguindo através de pequenos pedaços de papel escritos a lápis animá-los para permanecerem fiéis à mensagem de Cristo⁷.

⁶ VAN THUAN, FRANCOIS NGUYEN, *Testemunhas da esperança*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 2002, p. 108

⁷ VAN THUAN, FRANCOIS NGUYEN, *The Road of Hope: a Gospel from prison*, Pauline Books & Media, Boston, 2001

O alimento para uma verdadeira esperança é a oração, como nos diz o Papa Bento XVI na Encíclica *Spe Salvi*: “Quando já ninguém me escuta, Deus ainda me ouve. Quando já não posso falar com ninguém, nem invocar mais ninguém, a Deus sempre posso falar” (32). Rezar significa viver em relação com Alguém, significa acima de tudo quebrar a muralha que nos isola e nos prende, significa ganhar asas para nos elevarmos de uma existência rasteira e podermos contemplar a beleza da imensidão do mundo contida numa gota de orvalho. Quando rezamos também não estamos sozinhos porque a oração não é só nossa, é de todos aqueles que conosco rezam. As fórmulas orantes, que tantas vezes repetimos, quase sem dar conta, como na oração do rosário, são uma longa prece, uma longa cadeia que não nos une apenas a Deus, mas a todos aqueles que espalhados pelos quatro cantos do mundo e ao longo dos séculos usam as palavras da própria revelação (Pai Nosso, Ave Maria).

MARIA, ESTRELA DA ESPERANÇA

Olhemos para o exemplo do papa João Paulo II, que arrastava multidões de jovens consigo, porque nele o compromisso assumia uma forma irresistível, não porque se vergasse a nós, mas porque nos desafiava, porque nos dizia: nunca te contentes com nada inferior à grandeza da alma que Deus te concedeu para viver, por causa de Cristo. E donde lhe vinha esta força e este compromisso?

De Maria, como ele próprio disse no santuário de Chestokova, da Virgem Negra, em 1979, logo na sua primeira visita à Polónia, ainda sob o jugo do regime comunista: “Sou um homem com muita confiança, Aprendi a sê-lo aqui, rezando diante desta imagem de Nossa Senhora que nos introduz no mistério do seu papel especial na História da Salvação – que é a história do mundo, entendida na sua autentica profundidade. Aprendi a confiar, não

em ‘opções’ ou ‘estratégicas de saída’, mas na mãe que sempre nos conduz ao seu filho, a Cristo, que nunca falta às suas promessas”⁸.

Maria continua a ser fonte de esperança para todos os homens, como tão bem o expressa o hino “Salve, estrela do mar” das II vésperas do comum de nossa senhora do ofício das horas, de origem incerta mas já encontrado num manuscrito do Séc. IX da Abadia de St. Gallen, na Suíça: “Dá-nos a vida pura / E o seguro caminho, / Para que, vendo o teu filho, / Sempre nos alegremos”. Sobretudo num país de marinheiros como o nosso Portugal e que sempre teve Maria como principal padroeira não podemos deixar de nos encomendar à sua proteção.

A exemplo de Maria, mãe solteira, refugiada e emigrante, somos convidados a confiar em Deus e a enfrentar as incertezas da vida com a certeza do amor e de que se fizermos o que Jesus nos disser também na nossa vida o milagre de Caná continuará a acontecer.

⁸ Beato João Paulo II, *Dom e Mistério: Nas Minhas Bodas de Ouro sacerdotais*, Edições Paulinas, 1996

DEUS PERMANECE FIEL

Mário Sousa

*Tu, Senhor,
és um Deus misericordioso e compassivo,
paciente e grande em bondade e fidelidade (Sl 86,15)*

A história da salvação é um relato do amor fiel de Deus pelo homem. De uma fidelidade incansável, que não desiste, apesar das recorrentes perfídias humanas. Tendo consciência disto, o salmista maravilha-se. E transforma em canto laudatório o que no seu coração contempla... As mesmas palavras poderiam sair da nossa história pessoal. Apesar das nossas infidelidades, Deus não nos abandona. Tal como a Adão, após cada queda, ele pergunta-me – e a toda a humanidade: «onde estás?» (Gn 3,9).

1. DEUS, EM PROCURA PERMANENTE

O relato da Criação é uma narração do Amor. De um Amor que, por natureza, não podia ficar fechado em si mesmo e que, por isso, cria. O homem surge como a coroação da obra criadora; mais: aparece-nos, quase, como a *causa* da Criação! Deus tudo preparou, para que o ser humano pudesse encontrar na natureza a moldura da sua existência, mas, sobretudo, lograsse viver da própria vida divina (como se expressa no hálito divino de que se torna participante: Gn 2,7), na intimidade da amizade divina (finalidade expressa, de forma tão ingénua como profunda, nos encontros do Senhor com Adão e Eva, no jardim, na «frescura do dia»: Gn 3,8). O pedido de Deus ao homem para que não coma da árvore que «está no meio do jardim» expressa o desejo de correspondência, de *fidelidade*. E nem

a desobediência dos Pais primordiais desfez o sonho divino. «Escondido» de Deus (Gn 3,8), o homem (Adão) perde a paz com ou outros seres humanos (Eva) e com a Criação (serpente) (Gn 3,12-13). Mas, o Senhor procura-o. Não o quer «escondido» atrás dos arbustos da existência e da história, envergonhado e desfeito. Não desiste de Adão, mesmo que a humanidade tenha desistido d'Ele.

Por isso, depois do dilúvio, volta a procurar o homem, para, através de Noé, com ele (re)estabelecer uma aliança de vida (Gn 9,1ss).

E de novo, apesar do pecado da soberba, em Babel, Deus conduz a história, de forma a possibilitar, em Abraão, a renovação da aliança (Gn 11,1-32). Através dele, o Senhor deseja renovar o projeto primordial e, nele, «abençoar todos os povos da terra» (Gn 12,3). Na fé de Abraão, Deus encontra eco à sua fidelidade (Gn 12ss) e, mesmo quando aquele – depois de tantos anos sem que o Senhor lhe conceda o filho da promessa – vacila e procura descendência através da escrava (Gn 16,1ss), Deus mantém-se fiel e renova o que prometeu (Gn 17,1-8). De facto, como diz através do profeta: «Eu sou o Senhor e não mudo» (Ml 3,6).

A fidelidade de Deus ao seu projeto de salvação faz com que, mesmo do pecado e do mal, Ele faça surgir o bem. É nesta moldura que podemos ler a história do patriarca Jacob. Filho de Isaac, tinha como irmão mais velho Esaú. Fazendo-se passar por este, recebe do pai, cego, a bênção destinada ao primogénito, que já não poderá ser retirada (Gn 27,33). Apesar da mentira, Deus conduzirá a história pelos trilhos da Sua fidelidade e renovará, através de Jacob, a promessa feita a Abraão (Gn 28,13-15). O mesmo acontece com o pecado dos filhos de Jacob, que vendem o irmão José (Gn 37ss). Desta desgraça familiar, Deus fará brotar a salvação dos israelitas, livrando-os da fome e protegendo-os na terra do Egito.

2. UM DEUS DE OUVIDO INCLINADO

Deus não se esquece de Israel. Não é insensível ao seu sofrimento. O amor que lhe tem não permite que continue no Egito, sob o jugo opressor do faraó. Não olvida o pacto que estabeleceu com os patriarcas (Ex 2,23-25; 6,2ss). Deus – cujo primeiro mandamento é que Israel «escute» a Sua palavra (de facto, o mandamento de «escutar» é anterior ao de «amar sobre todas as coisas e sua condição: Dt. 6,4) – é também capaz de escutar: «ouvi o clamor do meu povo que está no Egito» (Ex 3,7.9). A escuta é o princípio da relação, porque condição para o conhecimento do outro. Deus permanecerá sempre fiel a esta atenção escutante, como o próprio salmista reconhece: «amo o Senhor, porque ouviu a voz do meu lamento; Ele inclinou para mim os seus ouvidos» (Sl 116,1-2; cf. 17,6; 18,5; 34,16). O Senhor não está impassível nos céus, mas «inclina-se» sobre o mundo dos homens, sobre a história pessoal daqueles que ama e que o invocam. Tal como com Israel no Egito, continua atento ao grito dos seus filhos: «na minha angústia clamei ao Senhor: o Senhor escutou-me e pôs-me a salvo. O Senhor está comigo, nada tenho a temer; que mal me poderão fazer os homens?» (Sl 118,5-6).

3. A ALIANÇA: EXPRESSÃO DA FIDELIDADE DE DEUS

A fidelidade de Deus é o fundamento da segurança e da serenidade do crente. O Sl 91 é um convite à confiança, pois – apesar de poderem «cair mil à tua esquerda e dez mil à tua direita», com a «peste que alastra nas trevas ou do flagelo que mata em pleno dia» (Sl 91,6-7) – aquele que confia no Senhor encontrará nele refúgio seguro, porque «a sua *fidelidade* é escudo e couraça» (Sl 91,4).

Assim, Moisés convida Israel a reconhecer a libertação da escravidão como consequência do amor fiel de Deus: «porque o Senhor vos ama e é fiel ao juramento que fez a vossos pais, por isso

é que, com mão forte, vos tirou e vos salvou da casa de servidão, da mão do faraó, rei do Egito. Reconhece, pois, que o Senhor teu Deus é que é Deus, o Deus fiel, que mantém a aliança e a bondade para com os que o amam e observam os seus mandamentos até à milésima geração» (Dt 7,8-9). A fidelidade do Senhor enraíza-se na história e projeta-se na eternidade. O compromisso de Deus com os homens brota do seu amor e misericórdia e expressa-se, de forma particularíssima, na Aliança do Sinai.

A Aliança é o coração do AT. Trata-se de um compromisso recíproco de amor, mas com uma iniciativa exclusivamente divina: «Tomar-vos-ei para Mim como povo e Eu serei o vosso Deus» (Ex 6,7). Não é uma amizade imposta; pergunta à liberdade e pede a vontade de todos e cada um dos filhos de Israel: «Moisés tomou o livro da Aliança e leu-o na presença do povo, que disse: ‘Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos e obedeceremos’» (Ex 24,7). Israel compromete-se; faz do Senhor o seu único Deus e o centro gravitacional da sua vida. Mas, como com todas as relações, é necessário que alimente, fortaleça e renove essa vontade primeira ao longo do seu peregrinar no tempo. Em vários momentos da história, será convidado a confirmar o pacto que assumiu com Deus: quando chega e se instala na Terra Prometida (Js 24,1-28) e, de forma particular, no tempo de Josias (2Re 23,1ss) e de Esdras (Ne 8). É ainda a Aliança o fundamento da aliança com David e a sua casa: «se os teus filhos guardarem a minha aliança e os preceitos que lhes hei de ensinar, também os filhos deles se hão de sentar para sempre no teu trono» (Sl 132,12; cf. 89,4-5.20ss.31ss). Em Jesus, descendente de David, este compromisso divino alcançará a sua dimensão escatológica.

Os profetas são essencialmente sentinelas da Aliança. Acoradam Israel, quando se deixa adormecer; recordam-lhe o compromisso com Deus. Mas fazem-no de uma forma nova e com uma grande beleza existencial: esbatem o carácter jurídico prevalente na Torá e sublinham a Aliança como uma história de amor entre

Deus-esposo e Israel-esposa (Ez 16,6-14). De facto, já no deserto – quando Moisés destrói as tábuas da Lei, como sinal da quebra da Aliança pelo povo (que se prostrara diante do bezerro de ouro: Ex 32,19) – Deus ordena que se talhem novas tábuas, «iguais às primeiras» (Ex 34,3), significando com isso que, da Sua parte, nada mudou. E isto porque «O Senhor é um Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de *amor e fidelidade*» (Ex 34,6). Esta fidelidade, está, pois, ancorada, não no legalismo do «contrato», mas no *amor* (em hebraico *hesed*), que é característico do carinho das relações interpessoais e familiares (cf. Gn 24,49; 47,29).

4. O DESGOSTO DE DEUS

Mas, a este amor, Israel responde com a infidelidade: «roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar incenso a Baal, seguir deuses estrangeiros, que nunca conhecestes!... E depois apresentais-vos diante de Mim, neste Templo onde o Meu nome é invocado, e dizeis ‘estamos salvos’, para depois continuardes a praticar todas essas abominações!» (Jr 7,9-10). O ponto culminante da infidelidade de Israel é a idolatria, que os profetas comparam à prostituição. Deus – esposo fiel – desgosta-se com o seu povo, que presta culto e levanta templos aos deuses vizinhos como «uma prostituta sem vergonha [...] uma mulher adúltera que recebe os estrangeiros em lugar do seu marido» (Ez 16, 30.32). E pior, se possível fosse: recebe os estrangeiros no leito do marido: «colocaram ídolos abomináveis no templo em que é invocado o meu nome, profanando-o» (Jer 7,30). Por isso, Deus não quer saber dos presentes da sua amada: «nada prescrevi aos vossos pais, no dia em que os fiz sair da terra do Egito, a respeito de holocaustos e sacrifícios». Apenas lhe interessa o essencial: «a única ordem que lhes dei foi esta: ‘*escutai a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo; segui sempre o caminho que vos indicar, para que sejais felizes*’» (Jr 7,23).

Agarrado a um culto mecanizado, Israel deixou de «escutar» e de fazer do Senhor o seu único Deus. Permitiu que a sua vida gravitasse à volta de outros senhores e a consequência não tardou: perdeu a paz, a felicidade, o Templo e a própria soberania nacional. Os sofrimentos de Israel são consequência da sua infidelidade; aqueles em quem colocou a sua lealdade não lhe serão propícios (Is 7,10-8,15; 30,1-5); os povos vizinhos, com cujos deuses se prostituiu, devastarão a terra da promessa (Ez 16,35ss). E pior: a infidelidade de Israel atinge tal ponto, que destrói o pacto do Sinai (Jr 31,32).

Mas Deus, mais uma vez, anuncia, através de Oseias, que não desistirá de lhe «falar ao coração», para que de novo Israel lhe possa chamar «meu marido»; será um tempo que a paz reinará e, então, diz o Senhor «te desposarei para sempre [...] com misericórdia e amor; desposar-te-ei com fidelidade» (Os 2, 16-25). Anunciam-se os tempos messiânicos.

5. A NOVA ALIANÇA EM JESUS

O coração do homem revelou-se incapaz de ser fiel ao coração de Deus. Por isso, o Senhor anuncia um tempo em que arrancará o empedernido coração humano e no seu lugar colocará um de carne, capaz de receber uma nova aliança, que nele será gravada. (Jr 31,33ss; 33,20ss; Ez 36,26.35ss). Esta renovará a Aliança do Sinai (Ez 16,60) e a de David (Ez 34,23-24) e trará a possibilidade de receber o Espírito divino (Ez 36,27). Não é selada, como a antiga, com o sangue de animais imolados sobre o altar (Ex 24,8), mas com o do próprio Filho de Deus, derramado na cruz: «isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que será derramado por muitos» (Mc 14,24). Ele é o Cordeiro de Deus, que se oferece para «tirar o pecado do mundo» (Jo 1,29.36). Pela sua fidelidade ao projeto de Deus, Jesus restaura o plano original, que a desobediência do primeiro Adão tinha destruído (1Co 15,21ss): «o meu alimento é

fazer a vontade daquele que me enviou» (Jo 4,34). Pela vida oferecida sobre a cruz, Cristo abre aos homens a porta da participação na própria vida divina: «eu vim para que tenham Vida e, em abundância, a tenham» (Jo 10,10ss).

Em Jesus, Deus manifesta de forma antonomástica a sua fidelidade: «Fiel é Deus, por quem fostes chamados à comunhão com seu filho, Jesus Cristo, nosso Senhor» (1Co 1,9). E a fidelidade de Deus é a garantia da nossa comunhão com Ele; o sangue divino, no qual a Aliança foi selada, é a garantia de que jamais será quebrada: «se nos mantivermos firmes, reinaremos com Ele; se o negarmos, também Ele nos negará; se formos infiéis, Ele permanecerá fiel, pois não pode negar-se a si próprio» (2Tm 2,12-13). A Aliança, feita no sangue derramado «por muitos», não pode ser cancelada, pois Deus permanecerá sempre fiel; no entanto, pode ser pessoalmente negada, pois Deus, como sempre, tem um respeito sagrado pela liberdade humana. Por isso, a eucaristia dominical, na qual fazemos «memorial» da Aliança realizada por Jesus, renova, pessoal e comunitariamente, pela bondade de Deus, essa Aliança realizada de uma vez para sempre.

6. RECORDAR A FIDELIDADE DE DEUS

«Recordar» é um dos verbos mais importantes no livro do Deuteronomio. É necessário que Israel «recorde» todos os prodígios que o Senhor fez por ele no Egito e na caminhada pelo deserto, não só para não cair na tentação da idolatria (6,12ss) como para ter confiança, pois se o Senhor agiu assim no passado, continuará a fazê-lo no presente: «Recorda-te do que fez o Senhor teu Deus ao faraó e a todo o Egito: as grandes provas que os teus olhos viram, os sinais e prodígios daquela mão forte e daquele braço estendido com os quais o Senhor teu Deus te libertou; assim fará o Senhor a todos os povos diante dos quais tens medo» (7,18-19).

Fazer memória da ação salvífica de Deus é condição para perceber a história como história de salvação e descortinar como, apesar do pecado, Deus continua sempre fiel. Por isso, os prodígios do passado renovar-se-ão no presente; nada há a temer, pois também «o Senhor recorda a Sua aliança» (Sl 105,8) e, mesmo no pesadelo da humilhação do exílio na Babilónia, não se esquece de Israel (Sl 136,23). De facto, como diz através de Isaías: «acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria» (Is 49,15). É o saborear existencial desta afirmação que leva o salmista a exclamar: «O teu amor é tão grande que chega aos céus e até às nuvens se estende a tua fidelidade» (Sl 57,11; cf. 108,5). Por isso, apesar da consciência do seu pecado, o salmista confia na salvação de Deus: «Não recordes os meus pecados de juventude e os meus delitos. Lembra-te de mim, Senhor, pelo teu amor e pela tua bondade [...] Todos os caminhos do Senhor são *amor e fidelidade*, para os que guardam a sua aliança e os seus preceitos» (Sl 25,7.10; cf. Sl 85,11; 86,15;). Ou, como afirma o Sl 89,15: «A retidão e a justiça são a base do teu trono; o amor e a fidelidade caminham à tua frente»; a declaração do salmista faz-nos perceber como amor e fidelidade são sinónimos, tal como retidão e justiça; e, assim, como esta é a concretização daquela, assim a fidelidade é concretização do amor. A garantia da fidelidade de Deus é o amor que nos tem. E a epifania desse amor é a dádiva do seu próprio Filho: «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o Seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que crê nele não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3,16). Por isso, não celebramos a eucaristia sem ter diante a cruz redentora; não para contemplarmos o sofrimento, mas o amor incomensurável e fiel de Deus, que chega a tal ponto. A cruz do Senhor é um desafio ao nosso amor a quem tanto e de tal forma nos amou!... É sinal da fidelidade de Deus que pergunta pela nossa...

CONCLUSÃO

A história do mundo e a nossa própria são uma narrativa da fidelidade de Deus. Saborear a história de Israel, como história de salvação, é convite a desfiar a permanente e obstinada fidelidade do Senhor. Mas, é, sobretudo, em Jesus, que esse amor fiel se reveste de particular visibilidade, porque se tornou carne. Na última frase do seu evangelho, Mateus deixa-nos registada, a também última declaração de Jesus, antes de subir para o Pai: «Estou sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28,20). Com a mesma afirmação tinha o anjo anunciado a José a missão de Jesus: «hão de chamá-lo Emanuel, que quer dizer *Deus [está] connosco*» (Mt 1,23). Em Jesus, Deus faz-se presente, tornou-se próximo. E jamais nos abandonará, até «ao fim dos tempos». No seu Filho, a intemporalidade de Deus fez-se história humana e tornou-se companheira, para sempre, no caminho dos homens. Jesus estará presente não apenas nalguns momentos, mas «sempre». A fidelidade do Senhor é razão da nossa confiança e da nossa esperança. Perante as dificuldades da vida e das nossas debilidades e infidelidades, sabemos que Ele não nos abandona. Por isso, Nossa Senhora, cujas aparições em Fátima são manifestação e concretização desta fidelidade de Deus, que jamais abandona o peregrinar dos homens, afirma a Lúcia, no diálogo de 13 de junho de 1917: «Não desanimes. **Eu nunca te deixarei.** O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus». E no Coração da Mãe, encontramos o Amor do seu e nosso Senhor, que nunca nos deixará e cuja voz continua a ecoar pelos séculos, sem descanso, nem desânimo: «onde estás?» (Gn 3,9).

«A VOSSA FACE SENHOR EU PROCURO!» O PARADOXO DE DEUS VELADO E REVELADO

Alexandre Palma

*«O rosto é, simultaneamente,
mestre e mendigo».*
(E. Lévinas)

«Senhor, meu Deus: [...] Eu chamo e não há ninguém para me responder. Ninguém a quem me possa agarrar. Não, ninguém. Só... Onde está a minha fé»? Estas não são palavras de um qualquer ateu empedernido. Nem de um agnóstico que desespera com a questão de Deus. Estas são palavras de uma crente, de fé confessada pela palavra e testemunhada pelas obras. São palavras de madre Teresa de Calcutá. São a oração de uma crente que, num dado momento da sua vida, se debate com o silêncio de Deus.

Estes e outros desabafos semelhantes de madre Teresa geraram, aquando da sua divulgação¹, uma certa controvérsia. Como é possível que alguém que se havia tornado um ícone de fé no mundo moderno experimentasse uma tal aridez espiritual? Como é possível que alguém falasse tão eloquentemente de Deus ao mundo (por gestos e palavras), mas sentisse que Deus não lhe falava a ela? Como é possível ser modelo de fé para outros, enquanto interiormente se luta para conservar a sua própria fé?

São sérias as questões que a descoberta destes «escritos privados da santa das sarjetas» fez e faz levantar. Importa não iludir a dificuldade que elas encerram. Todavia, só por ingenuidade ou

¹ Em 2007, quando foram editados alguns dos seus escritos privados (cf. Madre Teresa de Calcutá, *Vem, sê a minha luz. Os escritos privados da «santa de Calcutá»*, Aletheia, Lisboa 2008).

desconhecimento é que um tal confronto com o silêncio de Deus pode aparecer como uma novidade inaudita e escandalosa. Bem pelo contrário, este depoimento é apenas mais um da história bimilenar de árdua descoberta que Deus não é apenas palavra, mas também é silêncio. Não escasseiam, tanto na história do cristianismo como para lá dela, testemunhos de crentes que, sem nunca deixarem de o ser, perceberam como Deus lhes escondia o seu rosto e emudecia a sua voz. Os crentes sabem que o seu percurso de fé não se faz apenas sob o sol do meio-dia, onde Deus se mostra próximo e luminoso; mas sabem como ele supõe ainda que se caminhe através da «noite escura» dos sentidos e do espírito (cf. S. João da Cruz). Aí a oração faz-se toda busca e repete sempre a mesma súplica: «Pastor de Israel, escuta [...]. Senhor do universo, volta-te para nós, mostra-nos o teu rosto» (cf. Sl 80, 2.4.8.20)!

É, pois, pelo paradoxo que passa o itinerário crente. O paradoxo de saber (um saber de experiência feito) que Deus fala, que Deus toca, que Deus age, que Deus se mostra. No fundo, saber que Deus nos *revela* o seu rosto. O paradoxo de saber também que Deus se cala, que Deus espera, que Deus se detém, que Deus se esconde. No fundo, experimentar como Deus também nos *vela* o seu rosto.

1. DEUS VELADO E REVELADO: O TESTEMUNHO BÍBLICO

Estamos (e bem) habituados a ver na Sagrada Escritura a grande narrativa da revelação de Deus. De facto, quando queremos saber quem é Deus, quando queremos conhecer como é Deus, não há para os cristãos outro mestre tão eloquente quanto a Bíblia. Aí guardamos o tesouro do que Deus foi mostrando acerca de si e dizendo acerca da sua vontade ao longo de uma história que, com Ele presente, se transformou em lugar de salvação. Ela é o grande sumário da revelação de Deus. Por ela conhecemos os contornos do seu rosto e nos afeiçoamos ao timbre da sua voz. Na Sagrada

Escritura conserva-se viva no tempo a revelação de Deus, tornando possível que o que Ele disse em tempos antigos continue a ressoar por todos os tempos.

Todavia, a própria Sagrada Escritura não desconhece que Deus, apesar de falar e se mostrar, também por vezes se cala e esconde. A revelação que nela acontece não ilude o realismo da nem sempre fácil relação Deus-Homem. E se a questão do silêncio de Deus é motivo de justa perplexidade, talvez a observação de que tal faz parte do próprio dinamismo da revelação bíblica ajude a interpretar teológica e espiritualmente o paradoxo de Deus velado e revelado. Eis alguns elementos que nos indicam como este paradoxo se insinua já na própria Sagrada Escritura:

Moisés: o amigo de Deus que o vê de «costas» – talvez não haja, em todo o Antigo Testamento, outra figura tão íntima de Deus como Moisés. A nenhum outro foi revelado, com tal profundidade, o rosto de Deus, o nome de Deus, a vontade Deus, a Lei de Deus. Moisés falava com Deus «face-a-face». Conhecia pois «a face de Deus». Moisés conversava com Deus «como um homem fala com o seu amigo» (Ex 33, 20). Conhecia portanto a voz de Deus (cf. Sl 17, 14). Moisés escutou a revelação que Deus fez do seu nome: «Eu sou aquele que sou» (Ex 3, 14). Conhecia enfim algo da identidade de Deus. Na relação de aliança entre Deus e Moisés temos então um dos vértices da revelação de Deus à história. E no entanto, também ele (ou melhor, até ele) experimentou como Deus, por vezes, não mostra o seu rosto, mas antes o esconde. Quando Moisés pedia para ver a glória de Deus, este respondeu-lhe: «Tu não poderás ver a minha face». E assim foi. Quando a glória de Deus passou junto a Moisés, este só o viu «pelas costas», pois a «face de Deus não se pode ver» (cf. Ex 33, 18-23).

Job: o clamor “de profundis” e a redescoberta de Deus – não há, em toda a Sagrada Escritura, melhor ícone do que é a dura experiência do silêncio de Deus que Job. Ele é a personificação do clamor do Sl 130: «Do profundo abismo chamo por Vós Senhor». Abandonado por Deus ao limite do imaginável, Job não cala a sua indignação: «as setas do Todo-Poderoso vêm contra mim [...]». O terror do Senhor assedia-me» (Jb 6, 4). A situação de Job é a hipérbole do que pode ser a experiência da ausência de Deus. Mas no final, depois de ele muito debater com os seus amigos, Deus finalmente intervém, mais para o questionar que para lhe responder (cf. Jb 38-39). Então sim, Job pode dizer: «Sei que podes tudo e que nada te é impossível. [...] De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber. [...] Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos» (Jb 42, 2.3b.5). Misteriosamente, foi preciso passar pelo Deus velado, para poder chegar ao Deus revelado.

Elias: o profeta da força e da suave brisa de Deus – também no ciclo dos profetas se reconhece o paradoxo do Deus ativo e passivo. Se olharmos, por exemplo, para Elias vemos como este é um profeta com sobejos sinais da potente ação divina: em resposta à sua oração e perante «todos os filhos de Israel», Deus faz cair fogo do céu, revelando-se assim o verdadeiro Deus de Israel e confirmando Elias como seu profeta. Diante de tão evidente prodígio, todo o povo exclamou: «O Senhor é que é Deus» (cf. 1Rs 18, 20-41)! Mas Elias é também um profeta ciente da discreta presença de Deus. Perseguido, tem de fugir. Refugiado numa caverna é-lhe anunciado que Deus vai passar por aquele local. Deus não passa, porém, nem no vento impetuoso que se levanta, nem na terra que entretanto treme, nem no fogo que tudo consome. Deus passa sim no «murmúrio de uma brisa suave» (cf. 1Rs 19, 9-14). Assim é Deus no seu silêncio: uma brisa tão suave que se torna quase impercetível;

Deus Pai: falador no batismo, silencioso na cruz – também os Evangelhos dão nota de como Deus é palavra e é silêncio. Também Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, fez essa experiência de Deus ora próximo ora distante. No vale do Jordão, quando Jesus se faz batizar por João, o Pai faz ouvir a sua voz, faz ver a sua intimidade: «Tu és o meu Filho muito amado» (Mc 1, 11). É Deus revelando-se ao extremo, mostrando-se naquilo que é em si: uma comunhão amorosa de pessoas. Entre as oliveiras do Getsémani e sobre o cume do Calvário, porém, o Deus Pai de Jesus parece esconder-se: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste» (Mc 15, 34)? A fé cristã acredita que a resposta a esta pergunta chegou três dias depois. Mas durante esses três dias, o Pai parece mesmo ter-se calado.

Deus Filho: o rosto transfigurado e desfigurado – «Quem me vê, vê o Pai» (Jo 14, 8). Com estas palavras Jesus respondia não só a Filipe, nem somente ao clamor do salmista: «A vossa face, Senhor, eu procuro» (Sl 27, 8). Ele respondia a um anseio profundo do coração humano: ver a Deus. No rosto de Jesus se resolve essa incessante procura. Deus livremente mostra o que, há tanto, o homem buscava e lhe pedia. No alto do Tabor, Jesus revela o esplendor divino do seu rosto humano. Segundo S. Lucas, «o aspeto do seu rosto modificou-se» (Lc 9, 29). Transfigurando-se, o rosto de Jesus revela-se no tempo com os seus contornos de eternidade; revela-se na humanidade com os contornos da divindade. O mesmo Jesus, o mesmo rosto, porém, surgem na cruz com todo um outro aspeto. Aí não resplandece a luminosa glória de Deus. Aí escandaliza-nos «o seu rosto desfigurado», «sem figura nem beleza» e «diante do qual se tapa o rosto» (cf. Is 52, 13 - 53, 12). No sepulcro, o rosto de Cristo é escondido pelos panos com que se envolve aquele corpo agora arrefecido, porque morto.

2. VIVER NA FRONTEIRA DA PRESENÇA E AUSÊNCIA DE DEUS

Importa reconhecer que, tomado assim, este olhar panorâmico sobre a Sagrada Escritura não resolve a perplexidade inerente à experiência do silêncio de Deus. Quanto muito, ele apenas distribui o incômodo por mais gente. Ou então, apenas o aumenta, na medida em que agrava a extensão e a intensidade de uma tal situação.

Mas da meditação destes e de outros dados semelhantes (bíblicos e extra-bíblicos) não deixa de brilhar uma ténue luz que nos ajuda a viver na fronteira da presença e ausência de Deus. Talvez seja mesmo isto o mais importante: mais que resolver o incômodo, importa esboçar uma sabedoria que nos permita viver no incômodo do silêncio de Deus. Sem desesperar e perscrutando o caminho que Deus, mesmo de forma muda, nos aponta. Quem é, então, este Deus que se cala e esconde?

1. *Um Deus diferente* – a experiência do silêncio de Deus é, em primeiro lugar, uma experiência iconoclasta, anti-idolátrica. Quero com isto dizer que o incômodo inerente ao silêncio de Deus advém, em boa parte, do facto de essa experiência contradizer a imagem de Deus que trazemos em nós. Habitados que estamos a construir as nossas imagens a partir de raciocínios, o silêncio divino surge como um autêntico sismo que abala os fundamentos da nossa visão de Deus. Por mais sofisticadas que sejam as nossas concepções, Ele é sempre diferente, Ele está sempre para lá. Não é precisamente isto que vemos em Jesus? Em que quadro mental se poderia esgotar aquilo que proclamamos ao acreditar que o Filho de Deus se fez Homem? Que tenha assumido essa condição «até à morte e morte de cruz» (Fil 2, 8)? O Deus silêncio é, pois, sempre diferente das concepções que d'Ele temos. É um Deus, como diz alguma teologia, *sub contrario* (traduzindo livremente: um Deus às avessas). Talvez seja para desconstruir os castelos em que tantas vezes enclausurámos a Deus que Ele se cala e se esconde. A sua

ausência poderá ser um pungente desafio a purificar imagens muito ingênuas de Deus. Não será mero acaso que o Deus da fé cristã se revele pelo acontecimento e pela relação. Só depois virá a ideia de Deus. Viver no paradoxo do Deus velado e revelado supõe, então, deixar que Deus seja Deus, que Ele seja mesmo o absolutamente Outro; mesmo se os nossos quadros mentais o não conseguem acompanhar.

2. *Um Deus peregrino* – se for verdade que o Deus silêncio é sempre um Deus diferente, então facilmente se percebe que ser crente é mesmo ser discípulo, isto é um seguidor. Pode dar-se o caso que, para alguns, da experiência do silêncio divino se possa apenas extrair o desespero ou a descrença. Isto, porém, não é uma fatalidade. Outra resposta é possível. Quando, como Moisés, de Deus não vemos o rosto mas somente as costas, então é porque Deus está em movimento, é porque Ele já seguiu para diante. De nós talvez outra coisa não espere senão que o sigamos e que nos ponhamos, como Ele, em movimento. Por isso, o silêncio de Deus é para o crente não apenas um desconstrutor de teologias ingênuas, mas também um desbloqueador de vidas concretas. Ao silêncio de Deus pode-se, portanto, não apenas responder com a parálise, mas também com o caminhar. Aqui mora a peculiaridade da resposta de fé. É certo que o crente sabe de não poder alcançar Aquele que sempre caminha à sua frente. Mas esta é a sua insanável condição: um peregrino de Deus e dos rastros da sua glória neste mundo, tal como Deus, em primeiro lugar, se fez Ele próprio peregrino da humanidade.

3. *Um Deus mistério* – por fim, não há como iludir que, perante o silêncio e a ausência de Deus, não temos todas as respostas. Nunca as teremos. A verdade de Deus, agora, só a vemos «como num espelho; de maneira confusa» (1Cor 13, 12). Por um lado, importa que levemos a sério as perplexidades que uma tal situação gera em nós e na nossa vida de fé. Talvez valha a pena não

ceder a respostas demasiado prontas e formatadas, as quais, apesar de bem intencionadas, servirão mais para driblar o problema que para iluminá-lo. Por outro lado, em tais circunstâncias tocamos na nossa carne aquilo que tantas vezes escutamos ou dizemos: Deus é mesmo mistério. Com a palavra mistério quero dizer que Deus nos envolve, nos abraça, mas também que infinitamente nos ultrapassa. E é bom que tenhamos isto sempre presente. Deus e as suas razões, seja quando Ele se revela seja quando Ele se vela, nunca serão por nós plenamente compreensíveis. Como sabiamente dizia S. Agostinho: «Falamos de Deus. Qual é a admiração se não compreendes? Na verdade, se compreendes, então não é Deus»².

A questão do silêncio de Deus promove, no fundo, uma conversão da nossa noção de Deus e, sobretudo, uma conversão na nossa relação com Deus. Como todas as conversões, esta também não se faz sem uma dose de luta, de perseverança e, por que não dizê-lo, de sofrimento. Ela supõe que o crente vá descobrindo que, também em Deus, *o silêncio é apenas a palavra pronunciada por quem escuta*³. Se assim o entendermos, então o paradoxo do Deus velado e revelado não é o dilema do Deus presente ou ausente, mas é o realismo do encontro com o Deus que, mesmo tendo-se feito próximo, não deixa de ser mistério.

Desde o terramoto de 1755 que abalou Portugal e o otimismo iluminista ao holocausto em Auschwitz que fez tremer os fundamentos da cultura ocidental, nunca faltaram na história da humanidade momentos em que intensamente se elevou ao céu a pergunta: onde estava Deus? Como pode Ele permanecer calado⁴?

² *Sermo*, 52, 6, 18.

³ Adaptação minha de uma afirmação de R. Panikkar: «o sacramento é a palavra pronunciada por quem escuta» (cf. R. Panikkar, *Opera omnia*. I. *Mistica e Spiritualità*. 1. *Mistica, pienezza di vita*, Jaca Book, Milano 2008, 119).

⁴ Cito apenas, e a título de exemplo, parte do discurso que Bento XVI

Estas serão meras derivações coletivas da experiência pessoal do silêncio de Deus. Todas elas apontarão coerentemente para a tal conversão da noção e da relação com Deus, tanto a nível pessoal como comunitário.

Concluo como comecei: citando madre Teresa de Calcutá. Faço-o para tornar ainda mais evidente como a sinuosa linha do paradoxo se acha inscrita no coração do itinerário crente. Também em madre Teresa o paradoxo é real e manifesto. Ela que pedia de Deus uma palavra, abandonada que se achava ao seu silêncio, é a mesma para quem «Deus é amigo do silêncio». É a mesma que afirma: «vê como a natureza – árvores, flores, erva crescem em silêncio; vê as estrelas, a lua e o sol, como eles se movem em silêncio. Precisamos do silêncio para tocar as almas». É assim mesmo. Precisamos do silêncio para tocar as almas. Mesmo se esse silêncio for o de Deus.

proferiu no contexto da sua visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau: «Quantas perguntas surgem neste lugar! Sobressai sempre de novo a pergunta: Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou? Como pode tolerar este excesso de destruição, este triunfo do mal?» (Bento XVI, 28/5/2006).

CONFIANÇA

«MANTENHAMOS FIRME A CONFIANÇA»

Manuel Joaquim Gomes Barbosa

1. CONFIAR, EM ANO DA FÉ

Na proposta do Papa Bento XVI para celebrarmos e vivermos o Ano da Fé, estão diversas circunstâncias da vida da Igreja, como os 50 anos de início da abertura do Concílio Vaticano II e os 20 anos do Catecismo da Igreja Católica, num certo ambiente de esmorecimento da prática da fé cristã. Bento XVI não se ficou pelas circunstâncias jubilares nem por algumas indicações gerais, mas sugeriu que se fosse ao fundo da questão e à raiz do problema, para se encontrarem as soluções profundas no sentido de a Igreja renovar a sua fidelidade ao seu único Senhor. Nas palavras do Papa, «o Ano da Fé é convite para uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo» (*Porta Fidei*, 6).

Falar de confiança tem a ver fundamentalmente com este dinamismo de sempre e para todos, em particular nesta proposta espiritual e pastoral do Santo Padre. Etimologicamente, aliás, confiança tem a ver com fé. Viver a Fé é CONFIAR, aderir à Pessoa de Jesus Cristo, deixar-se levar por Ele. Viver a Fé é CONHECER a Pessoa de Jesus Cristo e, n'Ele, o Pai e o Espírito, e tantas verdades doutrinárias que implicam quotidiana existência. Viver a Fé é COMPROMETER-SE com a Pessoa de Jesus Cristo e, n'Ele, com tantas pessoas e situações que interpelam e exigem a presença solidária da nossa atitude crente. São os três “C” da Fé, três dimensões em íntima relação, a reavivar, a renovar, a reviver. Sempre inseparáveis, mas em que o decisivo está sempre no confiar.

Lendo em dialogal a Carta Apostólica *Porta Fidei*, percebemos que os apelos de Bento XVI se situam nesta tonalidade de encontro confiante e decisivo com o Senhor: acolher a Porta da Fé com empenho; redescobrir o caminho da fé na alegria e no entusiasmo; viver a fé em autêntica e renovada conversão ao Senhor; viver a fé como dom que nos faz crescer e fecundar no Amor; decidir estar com o Senhor, para viver com Ele na Igreja; professar, celebrar, viver e rezar a fé; manter o olhar fixo sobre Jesus Cristo; tomar a fé como companheira de vida.

Podemos ainda recordar aqui o início da primeira encíclica de Bento XVI, em palavras que se foram repetindo em tantas situações posteriores: «No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» (*Deus caritas est*, 1).

2. DESAFIADOS A CONFIAR

Como é que andamos de confiança? Por mero exercício de curiosidade acerca do modo como o mundo virtual a apresenta, abri o “Google” e pesquisei a palavra «confiança». Verifiquei os primeiros 50 sites referidos. Referem-se a empresas, política, desporto, supermercados, turismo, economia, emprego e recursos humanos, editoras, imobiliário e mobiliário, música, ourivesaria, bancos, desporto e associações desportivas, sabonetes e perfumarias, alimentação, etc. Nem uma referência à dimensão cristã da confiança.

Dei também uma vista de olhos à bem conhecida e utilizada “Wikipédia”, que define a confiança como «o ato de deixar de analisar se um facto é ou não verdadeiro, entregando essa análise à fonte de onde provém a informação e simplesmente considerando-a. Refere-se a dar crédito, considerar que uma expectativa sobre algo ou alguém será concretizada no futuro. Aceitar a própria decisão de

outra pessoa. Confiar no outro é muitas vezes considerado um ato de amizade ou amor entre os humanos, que costumam dar provas dessa confiança. Sem essas provas, o indivíduo tende a basear-se apenas na informação dada (ou a falta dela) acabando por seguir provavelmente uma linha de pensamento longe da verdade. Confiança é o resultado do conhecimento sobre alguém. Quanto mais informações sobre quem precisamos confiar, melhor formamos um conceito positivo da pessoa».

Este singelo exercício, sem grande valor estatístico, pode inserir-se nos tais desafios a que somos chamados quando falamos de confiança. Propositadamente, iniciei esta breve reflexão aludindo ao sentido da confiança na fé no Deus de Jesus Cristo, na qual se apoia a confiança entre as pessoas que n'Ele acreditam. Mas percebemos que isso raramente passa para mundos e linguagens que habitamos, incluindo as chamadas “redes sociais”; prefiro dizer “redes virtuais”, porque as que são autenticamente sociais implicam encontro, proximidade, relação, confiança... com uma Pessoa e com as outras pessoas.

3. A CONFIANÇA COMO ATITUDE

Somos desafiados a confiar, sempre, porque a confiança é um desafio permanente, nunca acabado. Uma atitude de vida, prática e a praticar.

A confiança tem vários significados e variantes conforme os textos e contextos. Dizemos ou ouvimos dizer: “confio plenamente em ti”; “tenho confiança em que tudo saia bem”; “tenho uma grande confiança”; “falta-me segurança e confiança em mim mesmo”; “força, tem confiança, Deus há-de ajudar-te”. O ponto de partida é sempre a necessidade que a pessoa tem de confiar; e quando tal não acontece, gera-se angústia com conseqüências no crescimento pessoal ou comunitário.

Podemos elencar alguns valores que se encontram em interação com a confiança: fortaleza, firmeza, colaboração, tolerância, respeito, cordialidade, auto-estima, sinceridade, amizade, diálogo, segurança, coerência, generosidade, etc... Noutro sentido, há os chamados contra-valores que bloqueiam a confiança: insegurança, desconfiança, intolerância, falta de respeito, engano, mentira, insegurança, etc... Mais do que fazer uma listagem exaustiva, importa ver a dimensão de relacionamento e de contributo neste tão importante bem pessoal e comum que é a confiança. A confiança fundamenta e faz crescer a nossa relação com os outros e com Deus, com a vida e com as circunstâncias que nos rodeiam, a auto-consideração de nós mesmos como seres confiantes. Sem confiança não há qualquer autêntico relacionamento, seja em que dimensão for.

A confiança como atitude significa confiar nos outros e gerar confiança nos que nos rodeiam. Para isso é necessário que haja verdade, paz, bondade e segurança; que haja o profundo sentimento de amar e sentir-se amado. Em qualquer idade da vida, a imagem da criança que se lança sem mais para os braços abertos do pai, porque sente plena segurança, continua a ser ícone desta atitude. A mentira e o engano levam, naturalmente, à perda de confiança, difícil de se retomar. Aquele que confia só pode ser solidário, o que desconfia de tudo e de todos só pode continuar como solitário. Não há meios termos; há, isso sim, todo um caminho de recuperação e de transformação, que, à luz da existência cristã, se chama conversão.

A confiança como atitude significa ainda confiar na vida e nos acontecimentos como necessidade vital, confiar em si mesmo e, em grau supremo, confiar em Deus.

4. CONFIAR EM DEUS E NÃO EM SI MESMO

Confiar em Deus é pôr todo o nosso ser no seu coração, Ele que nos ama com toda a ternura, bondade e misericórdia. Essa atitude humana de abertura à presença de Deus só pode trazer paz e serenidade.

A confiança, ou desconfiança, é uma atitude permanente ao longo da história da salvação, da aliança de Deus com o seu Povo. No princípio, o homem e a mulher preferiram confiar em si mesmos, provando o fruto da árvore proibida, da falsa confiança. E sabemos quais foram as consequências pelo facto de não terem mantido a confiança no Senhor. Temos o exemplo de Abraão, chamado “pai da fé”, a confiar plenamente no Senhor. Quem estaria disposto a sacrificar o próprio filho, conforme Deus lhe pediu como prova, se não tivesse plena confiança em Deus? O Povo de Israel lá vai confiando no Senhor, mas de vez em quando, e em momentos decisivos, deita tudo a perder; confia nos ídolos, descentra a sua caminhada, lamenta-se e murmura, estraga tudo, pois sem Deus no centro da sua caminhada a confiança perde-se. Vemos as profundas atitudes de confiança dos profetas e doutras figuras do Antigo Testamento, sempre em apelo a que o povo se sintonize com os projetos de Deus, deixando tudo o resto de lado. “Insensato é o homem que confia só no parecer próprio” (Prov 28,26). “Desgraçado o homem que põe a confiança no homem. Feliz aquele que confia em Javé” (Jer 17,5.7). Os salmos são, assiduamente, expressão orante da profunda confiança no Senhor. “Confiai no Senhor. Em paz me deito e adormeço tranquilo porque só Vós, Senhor, me fazeis repousar em segurança” (Sl 4,6.9). A oração é a máxima expressão da plena confiança que o crente em Deus é chamado a viver quotidianamente.

Podemos tentar ver modelações de confiança, mas confiança verdadeira só em Deus. Quando Jesus apela a uma certa despreocupação quanto ao alimento e ao vestuário (cf. Mt 6,24-34), não está a convidar à falta de empenho ou ao desleixo; antes,

lança um forte apelo a confiar na Providência de Deus e a «procurar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, porque tudo o mais se dará por acréscimo».

A confiança é da essência do amor e condição para a fidelidade. A plenitude da confiança está no amor, cuja prova é a fidelidade constante. «Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como Eu, que tenho guardado os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor» (Jo 15,10).

5. CONFIAR EM CRISTO

Toda a Palavra de Deus é inspiradora de confiança. Muitos outros textos bíblicos poderiam ser evocados nesta dimensão. Quando penso nos encontros de Jesus com os discípulos, encontros que só podem ser de confiança, recordo imediatamente três episódios, e todos eles em ambiente de mar, ventos e águas revoltas. Não é por acaso que aí o imaginário da insegurança nos pode assaltar de forma mais intensa. Em situações radicais do mar alto das águas revoltas, das poderosas ondas do mar, da pesca onde não se vêem peixes, onde buscar a confiança?

O primeiro episódio (Lc 5,1-11) é o chamamento aos discípulos a ser pescadores de homens, depois de Jesus lhes ter mandado lançar as redes ao mar para uma pesca que, na perspectiva de profissionais da pesca, não daria qualquer fruto. Da pesca no lago de Genesaré percebiam eles. Primeira provocação de Jesus a Simão: “Faz-te ao largo e lançai as redes para a pesca”. Resposta profissional de Pedro, mas também de início de confiança: “Mestre, andámos na faina toda a noite e não apanhámos nada. Mas, já que o dizes, lançarei as redes”. A sequência dá-nos conta da grande quantidade de peixes recolhida, onde em princípio não deveria haver nada, e a profissão de fé de Pedro aos pés de Jesus: “Senhor, afasta-Te de mim, que sou um homem pecador”. E termina com o convite

à confiança: “Não temas. Daqui em diante serás pescador de homens”. A resposta final de vida é plenamente confiante no Senhor: “Eles deixaram tudo e seguiram Jesus”.

À luz deste episódio, ser cristão é confiar em Jesus. Isso implica estar com Jesus no mesmo barco, escutar a sua proposta, fazer o que Ele diz, cumprir as suas indicações, lançar as redes ao mar. Às vezes, as propostas de Jesus podem parecer ilógicas, incoerentes, ridículas, e quantas vezes assim parecem, face aos esquemas e valores do mundo; mas é preciso confiar incondicionalmente, entregar-se nas mãos d’Ele e cumprir à risca as suas indicações. Confiar em Jesus é ainda reconhecer que Ele é o Senhor, que preside ao mundo e à história, com as suas propostas que geram vida e fecundidade para todos, e aceitar a missão que Jesus propõe: ser pescador de homens. No ideário judaico, o mar era o lugar dos monstros, onde residiam os espíritos e as forças demoníacas que procuravam roubar a vida e a felicidade do homem. Desse modo, só com plena confiança no Senhor os discípulos podem continuar a obra libertadora de Jesus em favor do homem, procurando libertar o homem de tudo aquilo que lhe rouba a vida e a felicidade. Trata-se de salvar o homem de morrer afogado no mar da opressão, do egoísmo, do sofrimento, do medo, enfim, das forças demoníacas que impedem a sua felicidade. Essa confiança radical em Jesus implica, finalmente, deixar tudo e seguir-l’O. Uma confiança expressa na generosidade e no dom total como sinais distintivos dos crentes e das comunidades que seguem Jesus.

O segundo episódio tem a ver com a tempestade acalmada (Mc 4,35-41). Jesus vai com os discípulos no barco para a outra margem, quando se levanta uma grande tormenta e Jesus simplesmente dorme. Depois de Jesus transformar a tempestade em bonança, diz aos discípulos: “Porque estais tão assustados? Ainda não tendes fé?”

Uma vez mais, é de confiança que se trata. Os discípulos estão novamente com Jesus no mar e ao anoitecer, em ambiente hostil, adverso, perigoso, caótico, rodeados pelas forças que lutam

contra Deus e contra a felicidade do homem; a noite é o tempo das trevas, da falta de luz; aparece como elemento ligado com o medo, com o desânimo, com a falta de perspectivas. O mar e a noite definem uma realidade de dificuldade, de hostilidade, de incompreensão, de desconfiança. O sono de Jesus parece dar a entender que os discípulos estão sós e abandonados à sua sorte e que Jesus não está com eles a enfrentar as vicissitudes da viagem. A tempestade refere-se a todos os momentos de crise, de perseguição, de hostilidade que os discípulos terão de enfrentar ao longo do seu caminho histórico, até ao fim dos tempos.

Mas Jesus está sempre com os discípulos, nunca os abandona, é o único que lhes pode inspirar confiança. Repreende-os pela falta de confiança, pois de tanto andarem com Ele já deviam saber que Ele nunca está ausente nem alheado das suas vidas. O temor final dos discípulos – expresso na pergunta “quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?” – encerra um misterioso poder de atração que se traduz em confiança, obediência, entrega, entusiasmo. O crente sabe que pode confiar incondicionalmente em Jesus e entregar-se nas suas mãos; reconhecem que Jesus é o Deus presente no meio dos homens, e a quem os homens são convidados a aderir, a confiar, a obedecer com total entrega.

O terceiro texto evangélico é o episódio de Jesus a caminhar sobre as águas ao encontro de Pedro (Mt 14,22-33). Depois do susto dos discípulos, Jesus apela à confiança, seguindo-se o diálogo com Pedro:

«Tende confiança. Sou Eu. Não temais». Respondeu-Lhe Pedro: “Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas”. “Vem!” – disse Jesus. Então, Pedro desceu do barco e caminhou sobre as águas, para ir ter com Jesus. Mas, sentindo a violência do vento e começando a afundar-se, gritou: “Salva-me, Senhor!” Jesus estendeu-lhe logo a mão e segurou-o. Depois disse-lhe: “Homem de pouca fé, porque duvidaste?”»

Uma vez mais estamos num ambiente de dificuldades, no mar e na noite, em que os discípulos se sentem perdidos, sozinhos e abandonados, desanimados e desiludidos, inquietos e preocupados, incapazes de enfrentar as tempestades, as forças da morte e da opressão, os ventos contrários. É aí precisamente que Jesus manifesta a sua presença e inspira confiança. A exortação “tende confiança, não temais” transmite aos discípulos a certeza de que nada têm a temer porque Jesus, o Deus que vence as forças da morte e da opressão, acompanha a par e passo a sua caminhada histórica e dá-lhes a força para vencer a adversidade, a solidão e a hostilidade do mundo.

Depois do diálogo entre Pedro e Jesus, a desconfiança dos discípulos transforma-se em fé firme: “Tu és verdadeiramente o Filho de Deus”. É para aqui que converge todo o relato nesta confissão que reflete a fé dos verdadeiros discípulos, que têm incondicional confiança ou fé firme em Jesus, o Senhor da vida e da história que acompanha a caminhada dos seus, que lhes estende a mão quando eles estão desanimados e com medo e que não os deixa afundar.

6. CONFIANÇA EM CRISTO EM APELO À ESPERANÇA

A Irmã Lúcia, no “apelo à esperança”, cita precisamente este último texto de Mateus, introduzindo-o deste modo: “Para verdes o que deve ser a nossa confiança em Cristo, recordo-vos a travessia do lago feita pelos Apóstolos, depois da multiplicação dos pães”. Depois de transcrever o texto bíblico na sua íntegra, faz o seguinte comentário:

«Esta passagem da vida de Jesus Cristo ensina-nos o que deve ser a nossa confiança, tanto no comportamento dos Apóstolos lutando entre as ondas do mar, como na atitude dos Genesarenos apresentando a Cristo os seus enfermos. Diz-nos o Evangelista que todos quantos tocassem ao menos a fimbria da sua capa, ficavam curados; porque tocavam Cristo com fé e confiança. Esta é a condição

para se obter a graça: aproximarmo-nos de Cristo com fé, confiadamente na sua bondade e no seu amor.

Aquilo que o Senhor lá disse aos Apóstolos vale também para nós todos: “Tranquilizai-vos, sou Eu, não tendes medo”. No meio das tempestades que se levantam na vida, talvez – como sucedeu aos Apóstolos – tudo nos pareça um fantasma, fazendo-nos medo. Mas, se soubermos levantar o nosso olhar para Cristo, veremos que junto de nós é Ele que está, e teremos a felicidade de ouvir no íntimo do nosso coração o som harmonioso da sua voz, que nos segreda: “Sou Eu, não tendes medo”!

Mas, para ouvir o som desta voz e compreendê-lo, é preciso que não tenhamos o espírito “empedernido”, como diz o Evangelista que o tinham os Apóstolos, e, por isso, não compreendiam as palavras de Jesus. É preciso, pois, que o nosso espírito esteja livre do demasiado apego às coisas da terra, às vaidades que arrastam pelo caminho da leviandade, do exagero das modas que dão mau exemplo e escandalizam o próximo, incentivando-o ao pecado. Se, porém, seguimos as nossas más inclinações, a cobiça daquilo que não nos pertence nem pode licitamente pertencer, as invejas, os ciúmes e as tentações de vingança contra a justiça e contra a caridade, etc., então estas coisas cegam-nos e ensurdecem-nos de tal modo que não vemos nem ouvimos, nem compreendemos as palavras de Jesus Cristo, e assim desfalece em nós a fé e a confiança» (Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, p. 76-77).

E assim termina a Irmã Lúcia este apelo à esperança, com acentuação nítida na atitude de confiança, à luz da nossa união e identificação com Cristo:

«Resta-nos, pois, seguir com fé esta palavra de vida eterna; segui-la com fé e com aquela humildade de uma criança que, certa da própria impotência, se abandona nos braços do pai; aí descansa e dorme tranquila, porque sabe que o pai a segura, defende e leva ao lugar de repouso; e, se algum dia ofendeu o pai, transgredindo alguma das suas ordens, ela conhece o seu coração, confia no seu

amor, corre ao seu encontro, com humildade confessa a sua falta, espera o seu perdão e, com a mesma confiança de antes, lança-se nos seus braços. Junto de Deus, todos somos crianças. Ele é o Pai da grande família humana: embala-nos a todos no berço da sua Providência e conduz-nos pelos caminhos do amor. Não queiramos nós desviar-nos desta via, nem arrancarmo-nos dos seus braços paternos! Assim, a nossa esperança está assente em Deus, na sua Palavra, no seu amor de Pai, na sua mão salvadora. Como filhos abandonados em seus braços, certos da sua infinita misericórdia, sabemos que a nossa confiança não será desiludida» (Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, p. 76-77).

É uma longa citação da Irmã Lúcia que importa ser relida e meditada, pela sua atualidade e pela interpelação que lança às nossas vidas, mantendo firme a confiança em Deus, o único Senhor das nossas vidas.

7. DAR RAZÕES DE CONFIANÇA NALGUMAS INTERPELAÇÕES

As razões da confiança dão-se a partir do nosso coração, onde tudo se decide, submergido no Coração de Deus; a confiança, pois, uma atitude profundamente humana. Mas é no húmus do nosso ser que recebemos o dom da confiança dos outros e de Deus. Parece-me pertinente apelar a três interpelações, entre outras, que nos vêm de vários quadrantes da Igreja.

A primeira surge da exortação apostólica *Ecclesia in Europa*, convite a anunciar, celebrar e servir o Evangelho da esperança, que é a própria Pessoa de Jesus Cristo. Isso só pode acontecer em atitude de renovada confiança:

«Europa, não temas! O Evangelho não é contra ti, mas a teu favor... Tem confiança! No Evangelho, que é Jesus, encontrarás a esperança sólida e duradoura por que anseias. É uma esperança

fundada na vitória de Cristo sobre o pecado e a morte. Esta vitória, quis Ele que te pertencesse para tua salvação e alegria. Podes estar certa! O Evangelho da esperança não desilude. Nas vicissitudes da história de ontem e de hoje, é luz que ilumina e orienta o teu caminho; é força que te sustenta nas provações; é profecia de um mundo novo; é indicação de um novo início; é convite a todos, crentes e não crentes, para traçarem caminhos sempre novos que desemboquem na “Europa do espírito” a fim de fazer dela uma verdadeira “casa comum” onde haja alegria de viver» (*Ecclesia in Europa*, 121).

A segunda vem do processo em estilo sinodal «Repensar juntos a Pastoral da Igreja em Portugal». Um processo de reflexão que tem envolvido as dioceses, movimentos e congregações religiosas e outras instâncias eclesiais. Entre tantas luzes e sombras, na procura de novos caminhos para uma nova maneira de ser Igreja em Portugal, uma vez mais é a profunda confiança no que somos e fazemos, a partir do encontro decisivo com Jesus Cristo, que determina a renovação das nossas vidas e comunidades. Sem este dinamismo de confiança, de nada valem tantas iniciativas de nova evangelização nem variados processos de reorganização da vida das comunidades cristãs e religiosas.

A terceira interpelação está uma vez mais na proposta de vivência do Ano da Fé, que nos convida à confiança segura, confiando no Senhor Jesus:

«Possa este Ano da Fé tornar cada vez mais firme a relação com Cristo Senhor, dado que só nele temos a certeza para olhar o futuro e a garantia dum amor autêntico e duradouro [...] A vida dos cristãos conhece a experiência da alegria e a do sofrimento. Quantos Santos viveram na solidão! Quantos crentes, mesmo em nossos dias, provados pelo silêncio de Deus, cuja voz consoladora queriam ouvir! As provas da vida, ao mesmo tempo que permitem compreender o mistério da Cruz e participar nos sofrimentos de

Cristo, são prelúdio da alegria e da esperança a que a fé conduz: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). Com firme certeza, acreditamos que o Senhor Jesus derrotou o mal e a morte. Com esta confiança segura, confiamos-nos a Ele: Ele, presente no meio de nós, vence o poder do maligno; e a Igreja, comunidade visível da sua misericórdia, permanece nele como sinal da reconciliação definitiva com o Pai. À Mãe de Deus, proclamada “feliz porque acreditou”, confiamos este tempo de graça» (*Porta Fidei*, 15).

E já agora, como vimos nalguns aspetos da dimensão bíblica, a confiança precisa de ser rezada. Não resisto a transcrever esta bela oração sobre a estrada da Confiança, no livro dos andamentos do Padre Tolentino:

«Faz-nos trilhar, Senhor, a estrada da Confiança. Dá-nos um coração capaz de amar serenamente aquilo que somos ou que não somos, aquilo com que sonhámos ou as coisas que não escolhemos e que, contudo, fazem parte da nossa vida.

Ensina-nos a devolver a todos os Teus filhos e a todas as criaturas a extraordinária Bondade com que nos amas. Não permitas que o nosso espírito se feche no medo ou no ressentimento: ensina-nos que é possível olhar a noite não para dizer que pesa em todo o lugar o escuro, mas que a qualquer momento uma Luz se levantará. Dá-nos ousadia de criar e recriar continuamente mesmo partindo daquilo que não é ideal, nem perfeito. E quando nos sentirmos mais frágeis ou sobrecarregados recebamos, com igual confiança, a nossa vida como um Dom e cada dia como um dia de Deus» (José Tolentino Mendonça, *Um Deus que dança*, p. 118).

8. CONFIAR É DIZER SIM COMO MARIA

A Quarta Memória da Irmã Lúcia, que descreve a aparição de 13 de junho de 1917, pode ficar como interpelação final deste

permanecer em Deus, no Qual mantemos firme a confiança. À pergunta final do diálogo com Lúcia (“fico cá sozinha?”), Nossa Senhora responde: “Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”. E na descrição que se segue, Lúcia diz que Nossa Senhora abriu as mãos e comunicou o reflexo da sua luz imensa e “nela nos víamos como que submergidos em Deus”.

Que esta belíssima definição de confiança – “submergidos em Deus” – possa constituir o dinamismo dos nossos andamentos quotidianos na essência daquilo que somos: discípulos de Cristo, consagrados na fé, fecundos no amor, peregrinos em missão. Sempre com profunda e plena confiança em Deus, a exemplo de Maria, no seu *sim/fiat* a Deus!

III

PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA

“NÃO TENHAIS MEDO”

CATEQUESE PARA CRIANÇAS DOS 8 AOS 10 ANOS

Maria Isolinda

I - INTRODUÇÃO

1.1. O fenómeno do medo

O medo é um sentimento natural do ser humano, perante uma ameaça, real ou imaginária, seja ela material ou psicológica. Pode começar por ser apenas uma apreensão, um receio, por aquilo que se teme venha a acontecer contra a nossa vontade. Mas pode chegar a uma situação algo angustiosa, perante a percepção do perigo iminente. Em qualquer caso, é um sinal de alerta que revela dúvida, receio ou insegurança perante alguma coisa, pessoa ou situação, o que gera sempre um sentimento desagradável.

Este sentimento desagradável provocado pelo medo ou insegurança, não raras vezes, provoca conflitos de desconfiança na relação entre as pessoas e é gerador de preconceitos e juízos precipitados que afetam ainda mais essa relação.

O sentimento de insegurança próprio do medo pode influir no modo de tomar decisões, de assumir compromissos, de se comprometer consigo e com ou outros... não deixando que a pessoa se realize eficazmente.

Mas o medo pode ser vencido. Deus quer-nos livres e felizes. Com Ele podemos vencer o medo e recuperar o sentido da confiança que está implícita em toda a realidade humana, para dar sentido ao viver e ao agir. Sem essa confiança, o progresso e o empenho pessoal quotidianos por superar-se não serão possíveis. A Mensagem de Fátima, como mensagem de esperança, pode ajudar-nos na libertação dessa tendência negativa que tantas vezes nos impede de sermos felizes.

1.2. A recusa do medo pela confiança

O sentimento de medo não é só um facto pessoal. É também social e cultural.

Tem-se medo dos outros, medo de se ser controlado pelo que quer que seja, sem a pessoa se dar conta de que, bloqueada pelo medo, é ela própria que se controla a si mesma, deixando de viver com espontaneidade a vida social e relacional.

Tem-se medo do que pode acontecer amanhã, dos efeitos maléficos dos maus espíritos, mas também se tem medo de Deus, medo de se comprometer com Ele, medo de ser “controlado” por Ele... E, contudo, só com Ele podemos vencer os nossos medos.

Toda a Sagrada Escritura nos revela um Deus que vem ao nosso encontro, não para nos controlar, mas para nos libertar e ensinar a ser livres. Um Deus que se dá em amor gratuito e que nos vem ensinar que esse amor é aquela força que, se movida pela fé n’Ele, pode superar todos os medos. E se possuímos essa força, não temos que ter medo... (1 Jo 4,18; Mt 8,26; Mt 10, 17-20; 14, 27-31;).

Não temos que ter medo; mas temor, sim; temer apenas a quem devemos temer (Lc 12,4-5), no temor de Deus. Porque quem teme, confia; ao contrário, quem tem medo, foge, resiste e desiste... Por isso, diz o Salmo, é feliz o homem que teme o Senhor (Sl 112).

O “não tenhais medo” da Senhora da Cova da Iria é a voz de Deus, conhecedor dos nossos medos, que tantas vezes ecoa na Revelação a incutir ao Seu povo a confiança e a certeza da Sua Presença salvadora (Is 41,10; Dan 10,12;Is 44,8; Jer 51,46; ...).

Na atitude dos pastorinhos que viram Nossa Senhora, aprendemos que confiar em Deus é recusar o medo; é voltar-se para Deus, entregar-se a Ele, mesmo nos tempos de escuridão... porque sabemos em Quem pomos a nossa confiança (2Tim 1,12b).

Porque o nosso Deus é o Deus da confiança, a nossa fé não pode deixar de assentar nessa confiança; uma confiança abandonada nas mãos do Pai do Céu, providente e bom, que faz chover para

justos e injustos (Mt 5, 45). É nesta fé que queremos conduzir as nossas crianças...

1.3. A criança e medo

Na criança, como ser ainda mais inseguro e frágil, ficar assustado, ter medo, sobretudo do desconhecido, é algo muito mais natural do que no adulto. Um medo natural que, em certo sentido, também serve para a proteger. Perante um animal feroz ou um precipício, por exemplo, se a criança não tem medo, é porque não percebe o perigo. Mas se percebe o perigo, tem medo e, porque tem medo, procura defender-se. Assim, o medo é um mecanismo psicológico útil, de sobrevivência e defesa, que permite responder, eficaz e rapidamente, às condições adversas.

Este mecanismo natural é frequentemente explorado nos programas de entretenimento para crianças, em histórias e filmes de terror, mesmo já nos desenhos animados. E, se é por demais, pode produzir nas crianças um efeito contrário ao desejado: insónias, sonhos violentos, pesadelos, agitação, falta de segurança... cujas marcas se podem repercutir na vida adulta em atitudes de profunda demissão perante a vida.

A criança, que é simples, espontânea e aberta, quando começa a tomar consciência da responsabilidade dos seus atos, pode protagonizar, desde logo, medos que comprometam as suas decisões, o seu sentido de responsabilidade e de empenhamento, naquilo que lhe vai sendo pedido.

Porém, esse medo é educável; é o momento de incutir-lhe este fundamento transcendente da confiança; uma confiança assente no amor e na fé em Deus; Amor que tudo providencia para nosso bem, mesmo quando há dor e sofrimento.

Os critérios educativos do medo devem conduzir à tranquilidade, paz e segurança interiores que abram caminho à compreensão e aceitação daquela “outra” segurança e paz que Deus nos quer

dar, que não é precisamente como o mundo no-la dá (Jo 14, 27). O caminho será uma pedagogia de fé e de confiança na Providência, pela via da prática da presença de Deus e da oração.

Neste sentido, a 2.^a aparição de Nossa Senhora em Fátima é profundamente eloquente: Nossa Senhora pede que rezem; perante o sofrimento de Lúcia pela descrença dos seus nas Aparições, apresenta o Seu Imaculado Coração como refúgio seguro e caminho para Deus e termina envolvendo os Pastorinhos no reflexo daquela luz imensa que é Deus (*Memórias da Ir. Lúcia*, 4.^a Memória, 2007, 165).

A pedagogia da Senhora da Cova da Iria é a da confiança: “Não desanimes, eu nunca te deixarei”; uma mensagem reconfortante, a dizer-nos que estamos seguros se confiamos nesse amor-providência de Deus que nunca nos abandona; uma mensagem que vem ao encontro do nosso desejo de paz e de sentido desse algo transcendente que nos dê segurança e certeza no caminho; segurança e certeza que nesta catequese queremos anunciar às crianças como uma boa nova, propondo-nos a atingir os seguintes:

1.4. Objetivos

– Descobrir na Mensagem da 2.^a aparição de Nossa Senhora, um grande apelo a ultrapassar o medo, confiando no amor misericordioso de Deus;

– Aprender com os Pastorinhos a acolher a Mensagem e a confiar em Deus, mesmo no sofrimento;

– Esforçar-se por viver sempre sob o olhar de Deus e confiar n’ Ele;

1.5. Observações pedagógicas

– As crianças desta idade (8-10 anos) têm ainda muito medo. E até das coisas de Deus, porque desconhecidas, que se lhes apresentam como algo misteriosas.

Esta catequese pretende, tanto quanto lhe é possível, desmitificar esse medo. Nesse sentido, como ponto de partida, na Experiência Humana, tentamos provocar uma possível sensação de medo, pela presença de um pequeno animal que alguém, previamente convidado e preparado, levará à presença das crianças. Mas é bom ter em atenção alguma criança excessivamente tímida ou sensível ao medo; e também o cuidado de que tudo decorra com simplicidade e sem grande alarido.

– Perante todos os medos, incertezas ou dores, de que as crianças possam ter sido ou vir a ser protagonistas, com a ajuda das palavras de Nossa Senhora, a atitude de confiança dos Pastorinhos e a palavra de Jesus, queremos anunciar a boa nova da confiança e certeza da proteção de Deus junto de nós, que transmita muita paz e segurança às crianças. Ao catequista ou orientador confia-se a tarefa delicada de tentar conseguir este objetivo.

– Nesta idade, as crianças estão a crescer, gradualmente, na consciência da responsabilidade dos seus atos; precisam, por isso, de ir percebendo que também em relação a Deus a sua atitude comportamental deve ser responsável. Também nesse sentido esta catequese pretende ajudar a criar essa atitude, em confiança filial, ao jeito dos Pastorinhos.

1.6. Material a preparar

- Bíblia;
- Imagem da Aparição de Nossa Senhora com os Pastorinhos;
- Dísticos: “Não tenham medo”; “Não desanimes, eu nunca te deixarei”
- Dístico: “Não vos preocupeis...nessa altura o Espírito do Pai falará por vós”;
- Cântico: “Sou do Céu, não tenham medo” (Da Peregrinação das Crianças de 2007)
- Um terço;

- Pequenos papéis ou cartolinas em forma de coração – um para cada criança;
- Algo para escreverem.

II - DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Ensaiai o cântico acima indicado, sem dar qualquer explicação, antes de começar a catequese e fora da sala, se possível.

Experiência humana

Depois de entrarem na sala, alguém bate à porta com alguma pressa e insistência:

Quem será? – E com tanta pressa!... *(A partir da reação das crianças, dialogar):*

– Pois, quando somos surpreendidos por algo de que não estamos à espera, temos medo, não é? Mas não vai ser nada. Vamos abrir...

Entra alguém com um pequeno animal, devidamente seguro. Pode ser um cãozito, um gato, uma qualquer ave... Deixar observar e convidar as crianças a pegar nele. A primeira reação será, possivelmente, de algum receio...:

– Não há razão para ter medo deste animalzinho; é sossegado, simpático, até parece que gosta da nossa companhia... *(Agradecem à pessoa que veio mostrar o seu animal e continua a catequese):*

– Porque é que temos medo?... Até do que não nos faz nenhum mal?... Já vos aconteceu alguma vez ter medo de alguma coisa? Como foi? Quem quer contar?... *(Deixar que as crianças se exprimam e contem as suas experiências de medo):*

– E não é só das coisas e das pessoas que temos medo. Às vezes até temos medo de nos responsabilizarmos por alguma coisa que nos peçam, porque pensamos que não somos capazes, ou não sei porquê... A quem é que já aconteceu isso?... *(deixar que as crianças se exprimam):*

– É assim mesmo: temos medo, e às vezes nem há razão para ter medo. Somos todos assim, mesmo os que têm mais idade. Também eu, às vezes sinto medo, sobretudo de assumir algumas responsabilidades... *(O catequista aqui “adapta” o seu testemunho, conforme a circunstância)*

– Conhecem os Pastorinhos a quem Nossa Senhora apareceu na Cova da Iria, não é verdade? Estes meninos, apesar de estarem habituados ao campo e à serra para onde iam com as ovelhas, por vezes também sentiam medo, sobretudo dos relâmpagos, quando se anunciava trovoada e chuva... ou de alguma coisa desconhecida.

– Mas será que podemos vencer os nossos medos?... Como?... *(deixar que as crianças se exprimam)*

Palavra de Deus

O que vós dissestes é interessante... É que o medo tolhe-nos, não nos deixa avançar, não nos deixa crescer, ser o que devemos ser... não é?...

Mas digo-vos uma coisa: Deus conhece os nossos medos e está muito interessado em ajudar-nos a vencê-los. Aqui, no livro da Sua Palavra *(apontar a Bíblia)* Deus está constantemente a dizer-nos: não tenhas medo! Não tenham medo!... Se Eu estou convosco, porque é que têm medo? – De facto, onde Deus está, está claro que não tem sentido o medo, não acham?...

É curioso que também Nossa Senhora, quando aparece aos Pastorinhos em Fátima, começa por lhes dizer: “Não tenhais medo” – não tenham medo! *(colocar a imagem da Aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos e o dístico “Não tenham medo”, por baixo da imagem)* – não tenham medo! É que Nossa Senhora sabia que eles podiam ter medo naquele momento e quis dar-lhes confiança, quis dispor bem os seus corações para acolherem o que Deus lhes quisesse pedir. Ela vinha do Céu. E tudo o que é do Céu é muito bom

para nós. Depois, envolveu-os numa grande luz, como uma certeza da presença de Deus, que nunca abandonaria os Pastorinhos. Assim, quando começaram a sofrer muito, com os castigos dos pais, que não acreditavam nas Aparições e pensavam que eles mentiam, eles tinham a certeza que Deus estava com eles, a dar-lhes força para vencerem a situação.

Isso entenderam-no melhor na 2.^a aparição de Nossa Senhora, a do mês de junho. Nesse dia, a Lúcia estava muito triste e Nossa Senhora notou-o. E disse-lhe: “sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus” (*mostrar e ler o dístico “Não desanimes...” que deve ser colocado por baixo do outro dístico*).

“Eu nunca te deixarei” ... por meio de Maria, é Deus a dizer-nos, também a nós, que nunca nos deixará; nos maus momentos, sempre porá alguém ao nosso lado para nos dar coragem e ajudar na dificuldade. E isso ajuda-nos a não ter medo, a confiar n’Ele... É assim que Deus faz connosco, porque nos tem amor.

Mas será mesmo assim? Vejamos o que Jesus diz aos seus discípulos, também num momento de dificuldade (cf. Mt 10, 17-20 – *o catequista pega na Bíblia e lê o texto adaptado que se segue*):

“Haveis de ser perseguidos e presos por causa de mim. Mas quando vos entregarem, não vos preocupeis com o que haveis de dizer. Nessa altura, vos será inspirado o que tiverdes de dizer; não sereis vós a falar, mas é o Espírito do Pai que falará por vós”. Palavra do Senhor! (*Silêncio*)

Afinal, é mesmo assim. É Jesus que o diz. E num momento em que os discípulos deveriam ter muito medo (porque maltratados...). Não vos preocupeis...nessa altura o Espírito do Pai falará por vós” (*mostrar, ler o dístico e colocá-lo por cima da imagem da Aparição*).

Jesus assegura aos discípulos que naquele momento difícil o Espírito do Pai os defenderá e responderá por eles. Por isso, não têm que ter medo ou receio do que lhes possa acontecer.

Também a nós, se acreditamos n'Ele, no Seu amor, Ele nos defenderá nos momentos difíceis... o Seu coração e o coração de Maria, a Mãe do Céu, serão o nosso grande conforto e o nosso melhor refúgio, quando estamos com medo ou temos alguma dificuldade...

Expressão de Fé

Que maravilhoso! Não é maravilhoso sabermos que Deus está sempre ao nosso lado, para nos ajudar a vencer os nossos medos e dificuldades?... Não é maravilhoso que Ele queira que Nossa Senhora venha a Fátima mostrar o Seu Coração, para nos dizer e garantir que Deus nunca nos abandona, nos ama muito e que, em paga, só quer que nos voltemos para Ele?...

Apetece-me cantar agora aquele cântico que aprendemos no início. Querem cantar comigo?... Então, cantemos:

Refrão: *Sou do Céu, sou do Céu, não tenham medo. Sou do Céu.
Viestes Santa Maria, ensinar a amar Jesus,
Abençoar nossa terra, abrir caminhos de luz.
Refrão: Sou do Céu, sou do Céu...*

É isso! A Senhora veio do Céu para nos ensinar a voltar o nosso coração para Deus e a amá-lo como Ele deseja. É o que temos que fazer. Acreditar que, com Ele, estamos muito mais seguros... somos mais capazes de ser responsáveis por aquilo que nos pedem... como os Pastorinhos que, mesmo a sofrer, foram tão responsáveis por aquilo que Deus lhes foi pedindo... e tudo fizeram para Lhe dar muita alegria. (*Silêncio*)

Nossa Senhora sempre pedia que rezássemos: “rezem o terço todos os dias” (*mostrar o terço*). Temos que rezar! Podemos rezar agora mesmo, não acham? – Não o terço, mas apenas três Ave-Marias a pedir-lhe que nos meta no peito aquela luz de Deus que envolveu os Pastorinhos, na Aparição de junho, para que o amor a Deus cresça muito, muito, no nosso coração, está bem? – Rezemos então:

Oração: *Ave Maria cheia de graça... etc.* (3 vezes).

Cantemos de novo: *Sou do Céu, sou do Céu, não tenham medo... etc.*

E que podemos nós fazer, também, para que o amor cresça no nosso coração?... (*deixar que se exprimam*). Olhem, vou dar-vos um papelinho em forma de coração, que representa o vosso próprio coração. Nesse coração de papel, cada um vai escrever o que gostava que entrasse no seu coração, para o tornar mais amigo de Deus, mais voltado para Ele... (*Silêncio. Dar tempo para pensar e escrever. Depois concluir*):

– Quem é que quer partilhar o que escreveu nesse coração de papel?... (*deixar que se exprimam*) Agora, vão levá-lo para casa. Ponham-no num lugar onde o possam ver todos os dias, para se lembrarem que são responsáveis por aquilo que escreveram... e por fazer o esforço para o conseguir, de acordo?

Depois, é preciso rezar como Nossa Senhora pediu. Rezar sempre, com muita confiança em Deus e em Nossa Senhora. O terço, quem sabe? – Pode ser rezado com outras pessoas... Não querem experimentar desafiar os vossos pais, para o rezarem todos, lá em casa? – Não tenham medo! Nada de mal vos poderá acontecer por isso!...

Vamos terminar, mas não nos vamos esquecer do que hoje o Senhor nos quis dizer por meio de Nossa Senhora, dos Pastorinhos e, sobretudo, por Jesus... e até podemos contar tudo isso aos outros:

aos pais, aos irmãos... talvez ficassem contentes por saber. Era muito interessante!...

Cantemos, mais uma vez, antes de sair:

Cântico: *Sou do Céu, sou do Céu... etc.*

“NÃO TENHAIS MEDO”

UMA PROPOSTA DE CATEQUESE PARA CRIANÇAS DOS 8 AOS 12 ANOS

Maria Fernanda Tavares (SNSF)

I – INTRODUÇÃO

(Para o(a)s catequistas)

Ao realizarmos esta catequese somos convidados, tal como o grupo de crianças que teremos pela frente, a fazer um percurso na fé, ainda que rápido, ao longo da História da Salvação sobre a forma de Deus se aproximar e se relacionar com os seres humanos.

A interpelação a não temer vem-nos logo desde os longínquos tempos bíblicos do Antigo Testamento. Irrompando também no início do Novo Testamento, perpassa-o de tal forma, que as palavras que vêm do alto e a confiança motivada por elas puderam suscitar e sustentar no Homem uma resposta promissora e decisiva na realização de projetos divinos. Nas circunstâncias mais variadas, Deus segredou ao coração humano: “Não temas”; “Eu estou contigo”.

Pela nossa experiência humana, damos credibilidade às palavras de confiança a pôr de parte temores, quando essas palavras vêm de alguém que, pela sua competência e conhecimentos, favorece uma adesão e cria tranquilidade. Mas essa prova de confiança que nos é dada, retirando-nos o medo ou temor, será tanto mais considerada segura, se vier de uma pessoa que nos estima e dedica afeto, ou seja, está verdadeiramente interessada na nossa feliz realização.

Passando então para a nossa experiência de crentes, reconhecemos, em Deus, Aquele que se aproxima e pretende libertar do medo, pela insondável promessa de vida feliz que tem origem no seu amor: «Reconhecer esta dependência total no Criador é fonte de sabedoria e de liberdade, de alegria e de confiança» (*Catecismo da Igreja Católica*, 301).

O teólogo Juan Ambrosio no seu texto de reflexão “Sei em quem coloquei a minha confiança”, sobre o tema para o Ano Pastoral de 2012-2013, no Santuário de Fátima, parte da experiência de encontro para melhor entendermos a realidade da fé:

Quando, por exemplo, dizemos creio nele – e é a este nível que devemos refletir a fé cristã – essa afirmação é sustentada a partir da confiança gerada numa experiência de encontro. O importante é o outro a quem eu me dirijo e que se dirige a mim. Esse outro é alguém que conquistou a minha confiança. A partir da relação que este encontro gera pode surgir a amizade e o amor. Então esse outro, que é alguém que me ama e que eu amo, é simultaneamente, e por isso mesmo, alguém em quem eu confio e que confia em mim. Por isso, eu já não só acredito no que o outro me diz por causa da força das palavras que me são ditas, mas, pelo contrário, as suas palavras têm ainda mais força, porque me são ditas por alguém em quem eu confio.

O título escolhido para tema do Ano Pastoral “Não tenhais medo”, e a consequente atitude crente da confiança, remete-nos para o acontecimento das Aparições de Fátima e sua ligação com a mensagem da esperança em Deus Salvador que vem ao encontro do Homem. A sua presença é sempre inspiradora de paz e de começo de vida nova. Na afirmação do teólogo Borges de Pinho, num texto introdutório ao tema proposto para o ano 2012/2013, «“Não temais”/“Não tenhais medo” exprime, então e basicamente, o anúncio e o reconhecimento da presença atuante de Deus e seu amor salvífico no nosso mundo, como raiz de uma confiança sólida e motivo de uma fundada esperança».

Tendo-nos sido confiada a tarefa de sermos anunciadores e testemunhas da fé e da confiança, particularmente junto dos nossos irmãos mais novos, reconhecemo-nos envolvidos no mandato de Jesus «ide pois, fazei discípulos... ensinando-os a cumprir tudo

quanto vos tenho mandado» (Mc 28, 18-20). Sentimos também quanto é difícil fazer discípulos e, mais difícil ainda, tornarmo-nos seus discípulos. Mas aí, sim, numa confiança ativa e fortalecidos pela promessa de que Ele estará sempre connosco, não teremos medo. Assim a reflexão que esta catequese nos proporciona é também ocasião para sentirmos a ajuda divina no fortalecimento da nossa fé e confiança.

Na dinâmica da História da Salvação, encorajar alguém numa decisão ou situação difícil, receber um feliz anúncio ou ser incumbido duma tarefa ou missão são situações que, na Bíblia, foram precedidas do convite da parte de Deus, a confiar e a entregar-se na fé. É Deus que se antecipa. Antes de lá chegarmos, Ele já lá está ou, melhor, Ele está sempre connosco.

Para alimentar e aprofundar esta relação do encontro de Deus connosco e saborear a sua presença na confiança de quem, nas mais variadas circunstâncias nos diz “não temas, crê somente”, “Eu estou contigo”, precisamos de dar atenção à sua presença e aprender com o Senhor Jesus como viver esta relação de confiança. Para um cristão, a grande oração da confiança é o Pai Nosso. «Quando oramos no Espírito de Jesus, especialmente com o Pai Nosso, caminhamos como que nas sandálias de Jesus e podemos estar seguros de que chegamos ao coração do Pai» (YOUCAT 477, *Catecismo Jovem da Igreja Católica*).

Insistindo na confiança filial que coopera com a providência do Pai, «Jesus não nos incita a qualquer espécie de passividade, mas quer libertar-nos de toda a inquietação dominante e de qualquer pre-ocupação. Assim é o abandono filial dos filhos de Deus» (CIC, 2830).

No texto introdutório à experiência humana desta catequese somos fortemente interpelados a pôr a nossa segurança num Deus que vê muito mais para além daquilo que os nossos olhos podem avisar, mesmo se não compreendemos. Em relação ao drama descrito, o cardeal (cf. doc. 1) continua: «aquele rapazinho debruçado na janela

de uma casa em chamas não é, porventura, a imagem do cristão diante de Deus? No momento do perigo eis que a voz do Pai se faz ouvir: “Tem confiança em Mim, lança-te nos meus braços!”». E muitas vezes nós somos levados a responder: “Pai, eu não Te vejo...”».

Este Ano Pastoral vai coincidir com o “Ano da Fé”, ocasião para aprofundarmos a fé como acolhimento de um dom que não se conquista mas se recebe e é resposta que se sabe apoiada pela iniciativa gratuita de Deus, “é ação recebida” (cf. Borges de Pinho, na reflexão já citada) e, continua o mesmo teólogo, «a fé é a experiência de uma certeza interior, fundada em Deus e no seu compromisso de Amor, de que essa Promessa se cumprirá, mesmo quando humanamente não se vê como é que isso pode acontecer (cf. Rm 4, 18-20); é um viver o presente com os olhos postos no futuro como no lugar/tempo em que Deus se manifestará, na verdade do seu poder e da sua força, como realização definitiva das nossas esperanças mais profundas e consistentes». Como, de resto, o havia já intuído um autor que, não sendo teólogo soube exprimir a realidade da fé numa linguagem simbolicamente bela e profunda: «A fé é a virtude que nos faz sentir o calor do lar, enquanto cortamos a lenha» (Miguel de Cervantes).

No caminhar da nossa vida e, dando sentido à mesma, deixemo-nos conduzir pela luz da fé, mantendo-nos firmes, como se contemplássemos o invisível, segundo a afirmação da Carta aos Hebreus (11, 27).

Que Maria, “Estrela da Esperança”, nos oriente – e que nós nos deixemos orientar – para Aquele que “é o nosso Tudo, a nossa esperança maior”, Jesus Cristo (cf. Bento XVI, *Caritas in Veritate*, n.º 78).

Objetivos

- Reconhecer que a aproximação de Deus ao Homem é sempre geradora de paz e inspiradora de confiança;
- Acreditar, com convicções fundamentadas na Palavra de Deus, que Ele nos ama e nos acompanha no nosso caminhar e na nossa história.

Materiais¹

- Bíblia
- Cópia do texto do Cardeal Suenens (**doc. 1**);
- Pequenas folhas de papel colorido, recortadas segundo o formato de pétalas e contendo cada uma delas uma frase bíblica (**doc. 2**);
- Cópia de duas frases bíblicas em papel cortado em forma circular (**doc. 3**);
- Cópia(s) do texto do **doc. 4**;
- Folha de cartolina com frase: “Não tenhais medo”;
- Leitor de CD ou computador;
- Músicas e texto – A ou B (**doc. 5**);
- Texto para ser completado (**doc. 6**);
- Cola.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Experiência Humana

Com música de fundo (um dos dois cânticos que são indicados), o(a) catequista acolhe o(a)s catequizando(a)s, no local da catequese,

¹ Os textos dos vários documentos referidos no material de apoio a esta catequese encontram-se disponíveis na página oficial do Centenário das Aparições, www.fatima2017.org, durante o ano pastoral de 2012-2013, em Textos e Documentos / Catequese.

distribuindo a cada um uma frase bíblica (doc. 2), escrita em papel, de preferência colorido, cortado com o formato de uma pétala de flor. Dir-lhes-á que a guardem até ao momento oportuno.

Pode entretanto iniciar um breve diálogo sobre o decorrer dos últimos dias, suas atividades e, se surgir qualquer referência a acontecimentos que tenham provocado medo ou pânico, aproveitar para valorizar essa referência tendo em conta o tema desta catequese.

Vou agora ler um texto de um Bispo (cardeal da Bélgica), escrito há já alguns anos, cujo assunto muito me impressionou. Querem ouvir? *O(A) catequista lê o texto do Cardeal Suenens (doc.1) e estabelece um pequeno diálogo. A título de sugestão, apontam-se algumas questões:* – O que é que motivou a aflição daqueles pais? Como é que eles souberam que o filho mais novo ainda estava dentro da casa já em chamas? Desejando tanto salvar o menino de cinco anos, o que é que o pai lhe ordenou? Mas o menino teve medo, porquê? E, como é que sabemos que o menino confiou no pai, mesmo dando-lhe uma ordem daquelas?

Dirigir agora o diálogo à situação concreta do(a)s catequizando(a)s: E, vocês, já alguma vez viveram assim uma situação de medo? Sim? Não? E nunca se sentiram com medo? E medo de quê? Às vezes também temos medo de não conseguirmos os nossos objetivos, não é verdade? E há também quem tenha medo que descubram as suas asneiras. Outras vezes temos medo, porque pensamos que estamos sozinhos e que ninguém quer saber de nós.

Pensemos mais um pouco e agora num outro plano: acontece que às vezes temos medo, porque nos sentimos diante de Deus como aquele menino diante do perigo. Dizemos que acreditamos n'Ele e temos tantas provas de que Ele está connosco e que quer o melhor para nós, mas quantas vezes também somos levados a responder "Pai, eu não te vejo"? E depois, por não O ver, dizemos (ou dizem algumas pessoas) que não acreditamos n'Ele.

Mas sabem, a Deus agrada muito a nossa confiança e por isso nos diz: “Não tenham medo!”. Querem ver como na Palavra de Deus, na Bíblia, aparece sempre essa preocupação de Deus pelas pessoas, quer individualmente quer em grupo ou em comunidade? Sobretudo quando estão numa aflição, ou quando são chamadas a cumprir uma tarefa ou missão, ou então quando ficam muito admiradas e surpreendidas por um grande acontecimento.

A Palavra

Neste momento, vou colocar a Bíblia em lugar de destaque, para que todos tenham presente que as frases que vamos ouvir foram retiradas de vários livros da Bíblia – são Palavra de Deus – na qual os nossos antepassados na fé acreditaram e, hoje, nós é que somos desafiados a acreditar.

O(A) catequista pede agora a cada um do(a)s catequizando(a)s, pela ordem que for designada, que leia a frase bíblica que já tem em mãos, enquanto todos os outros permanecem em silêncio.

*Quando todos tiverem lido a sua frase o(a) catequista convida o grupo a pôr-se de pé e pede a 2 elementos do grupo, previamente designados, para se aproximarem da Bíblia e, a partir dela, lerem as passagens seguintes que já estarão devidamente assinaladas e por esta ordem: 1.^a – «Anunciei-vos estas coisas para que em mim tenhais a paz. No mundo, tereis tribulações; mas **tende confiança**: Eu já venci o mundo!» (Jo 16, 33); 2.^a – E sabeis que **Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos**» (Mt 28, 20).*

Dirigindo-se agora ao grupo o(a) catequista diz:

Reparem bem: Jesus apresenta aqui a razão para não termos medo. Diz-nos para termos **confiança n’Ele**, porque **Ele está sempre connosco**.

Por isso estas duas frases vão ficar no centro daquilo que vai parecer uma flor: as vossas frases são as pétalas e este círculo com as duas citações, tão importantes para nós, vão ser o olho, o centro da flor. Assim não esqueceremos esta mensagem.

*Coloca-se, então a folha de cartolina em cima de uma mesa e, depois de colado o papel em forma de círculo com as duas frases (**doc. 3**), todos (cada um de sua vez ou dois a dois para não demorar muito) vão colar, à volta do círculo, as suas folhas de papel com as frases que leram, dispostas como se fossem pétalas de uma flor. Poder-se-á optar por todas as frases transcritas e indicadas no material, independentemente do número de elementos do grupo e, neste caso, surgirá mais de uma camada de pétalas e para isso convém que a segunda camada só fique colada junto à base do olho da flor, para que se possa ler a frase de cada uma das pétalas, que ficam por baixo.*

Este convite a não ter medo continua a ecoar nos ouvidos do nosso coração. Vamos agora lembrar mais um acontecimento. Em Fátima, segundo a narração feita pela Irmã Lúcia, o Anjo que se aproximou dos três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta começou por dizer-lhes: «não temais. Sou o Anjo da paz». Depois no ano seguinte, em 1917, através das palavras de Nossa Senhora, viemos mais uma vez a saber que em Deus nós estamos sempre seguros. E que através de Maria (como já alguns de nós ouvimos, no Evangelho de S. João, ela foi-nos dada como mãe, por Jesus, o que é um grande sinal da sua amizade por nós, que somos os seus discípulos de hoje), temos também essa garantia de estarmos seguros e tranquilos no caminho para Deus.

Vamos ouvir o que diz a Ir. Lúcia.

*A leitura do texto (**doc. 4**) pode ser feita em forma de diálogo – um(a) narrador(a) para o 1º parágrafo com mais dois catequizando(a)s, representando um(a) a voz da Ir. Lúcia e o(a) outro(a) a voz de Nossa Senhora, até ao final da última frase de Nossa Senhora (que termina em: “*te conduzirá até Deus*”).*

Como veem, é tão bom sabermos que Maria, que também ouviu a saudação que lhe chegou do Céu, pelo Anjo Gabriel (“**não temas**, Maria”), desafia agora a nossa confiança e se apresenta com um coração cheio de ternura a dizer-nos que, ainda que tenhamos problemas e dificuldades, a nossa esperança deve voltar-se sempre para

a escolha do bem, para o Céu, para Deus e que ela nos acompanha sempre nesse caminho de busca, e ela sabe bem que, às vezes, ele é marcado por incertezas e desacertos, mas deixando-nos guiar por ela, cresceremos na fé, na confiança e com o nosso olhar fixo num grande “Ídolo” e numa grande “Star”: Jesus Cristo, o único “the special one” ao qual vale a pena dar ouvidos e imitar, pois a sua palavra é segura.

Para não esquecermos esta mensagem de Nossa Senhora, vamos completar a frase dita à pastorinha Lúcia mas que também é dirigida a cada um de nós. (*Apresenta o **doc. 6** numa folha A4*).

Completada e aprendida ou fixada a frase, pede a dois elementos do grupo que cole a folha na parte da cartolina que está livre. Fica assim uma espécie de cartaz com o resultado a que se chegou nesta sessão. Na parte superior da cartolina, já deve estar escrito em grandes caracteres NÃO TENHAIS MEDO!

Expressão de Fé

Compromisso (*De acordo com o nível etário do(a)s catequizando(a)s encontrar uma forma de compromisso que os leve a viver este desafio da confiança em Deus, apoiados na promessa da ternura maternal de Maria, que é como quem diz uma forma de Deus manifestar a sua presença amorosa e próxima junto de cada uma das pessoas*).

Como vimos, temos muitas razões para confiar em Deus. Então vamos comprometer-nos a rezar também por aqueles que perderam a esperança ou que pensam já não terem razões para confiar. Deste modo manifestamos a nossa solidariedade na fé, na confiança e no amor – nós que gostamos tanto de ser solidários. E se alguma coisa está a correr mal, na nossa vida, vamos procurar não desanimar, tendo um pensamento para Deus e para Nossa Senhora. Lembremo-nos, então, de que o coração de Deus é extremamente grande e forte. Cabem lá todos. E os seus braços são suficientemente compridos para nos irem buscar onde nos encontramos.

(Ouvir e mesmo cantar a canção escolhida, para interiorizar e preparar o momento de oração).

Oração (*adaptar consoante as idades*)

Convidar o(a)s catequizando(a)s mais ou menos nestes termos:
Agora, de pé, vamos falar com Jesus, que está sempre connosco. Podemos até fechar os nossos olhos, para concentrar melhor a nossa atenção e o nosso coração naquilo que estamos a dizer. Podem repetir, frase por frase, ou então, mesmo sem palavras, acompanhando com o pensamento o que eu digo a Jesus em nome de cada um e de cada uma de vós.

– Ó Jesus, eu não te vejo, mas sei que tu me vês e que gostas muito, mesmo muito, de mim. Sem te ver, sei que tu olhas para mim com muito afeto e com um amor de predileção (de preferência). É verdade que eu não te vejo, mas confio em ti, pela certeza da tua Palavra que me desafia a não ter medo e a ter confiança. Tua mãe também me acompanha no caminho da minha vida. Por isso não estou só e por isso te agradeço.

Ó Jesus, ajuda-me a confiar sempre em Ti!

Para guardar na memória e no coração:

– «O Senhor é meu pastor: nada me falta. Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos, não temerei nenhum mal, porque Tu estás comigo e me enches de confiança». (*do Salmo 23*)

– «O meu imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus». (*Memórias da Irmã Lúcia*)

Para ajudar a lembrar estas duas frases que estão diretamente relacionadas com o tema “Não tenhais medo” e com a atitude cren-te da confiança, sugere-se que sejam registadas no caderno dos(as) catequizandos(as) e escritas também no cartaz².

² Tendo possibilidade de tirar fotografias ao grupo, no decorrer da sessão

III – DOCUMENTOS

Documento 1

Conta o Cardeal Suenens: «Em plena noite, uma casa começa a arder. Pai, mãe, filhos correm para a rua e assistem impotentes ao avançar das chamas. De repente lembram-se, horrorizados, que falta o mais pequenino, um menino de cinco anos; na altura da fuga, amedrontado pelo fogo e pelo fumo, voltara para trás e subira para o andar de cima.

Que fazer? Aventurar-se naquela fornalha é impossível. E eis que lá em cima, abre-se uma janela e a criança debruça-se gritando desesperadamente. O pai ouve-o e grita:

– Salta daí!

Debaixo de si o pequeno não vê senão fumo e chamas, mas ouve a voz e responde:

– Papá, eu não te vejo!...

– Mas vejo-te eu! Salta daí! – Responde o pai.

E, a criança salta e cai, sã e salva, nos braços do pai, que a apanhou no ar...»

Em *Liturgia Diária*, outubro de 2005, p. 139.

Documento 2

A partir da Palavra de Deus, desafiados a não ter medo:

Frases bíblicas

1. «Após estes acontecimentos, o SENHOR disse a Abrão numa visão: “Nada temas, Abrão! Eu sou o teu escudo, e a tua recompensa será muito grande”. (Gn 15,1)

desta catequese, sugerimos que sejam enviadas, através de suporte informático, algumas das que melhor captem o envolvimento das crianças na(s) atividade(s) proposta(s), para: Secretariado do Centenário das Aparições – centenário@fatima.pt com a indicação do nome da Paróquia e Diocese e o ano de Catequese.

2. (Ao Povo de Israel) «Nada temas, porque Eu estou contigo; (...). Porque Eu o SENHOR, teu Deus, tomo-te pela mão, e digo-te: “Não tenhas medo, Eu mesmo te ajudarei!” pobre vermezinho de Jacob, mísero inseto de Israel!». (Is 41, 10. 13-14)

3. (Vocação de Jeremias) «Mas o SENHOR replicou-me: Não digas: ‘Sou um jovem’. Pois irás aonde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar. Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar. Não temas diante deles, (...) porque Eu estou contigo para te salvar». (Jr 1, 7-8.17)

4. «Disse-lhe o anjo: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus”». (Lc 1, 30)

5. «O anjo do Senhor apareceu-lhe em sonhos e disse: “José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa”». (Mt 1, 20)

6. «Um anjo do Senhor apareceu aos pastores, e a glória do Senhor brilhou em volta deles; e tiveram muito medo. O anjo disse-lhes: “Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, em Belém, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor”». Lc 2, 9-11)

7. «Jesus disse a Simão: “Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens”». (Lc 5,10)

8. «Mas o anjo tomou a palavra e disse às mulheres: “Não tenhais medo. Sei que buscais Jesus, o crucificado; não está aqui, pois ressuscitou, como tinha dito!”. (Mt 28, 5-6)

9. «Jesus disse às mulheres: “Não temais. Ide anunciar aos meus irmãos que partam para a Galileia. Lá me verão”». (Mt 28,10)

10. «O jovem disse às mulheres: “Não vos assusteis! Buscais a Jesus de Nazaré, o crucificado? Ressuscitou; não está aqui!”. (Mc 16, 6)

11. «Mas, os discípulos vendo-o andar sobre o mar, julgaram que fosse um fantasma e começaram a gritar, pois todos o viram e se assustaram. Mas Ele logo lhes falou: “Tranquilizai-vos, sou Eu: não temais!”». (Mc 6, 49-50)

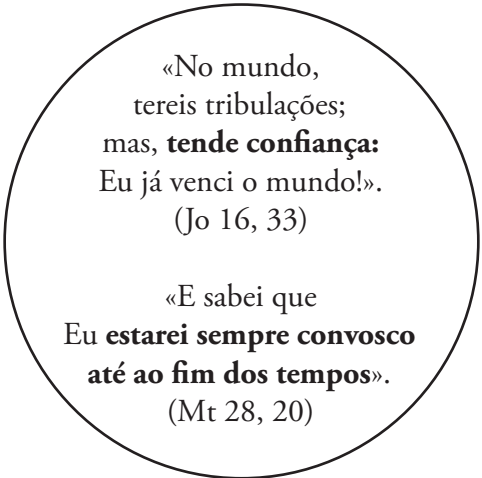
12. «Mas Jesus, disse ao chefe da sinagoga (Jairo): “Não tenhas receio; crê somente!”». (Mc 5, 36)

13. «Jesus disse aos discípulos: “Digo-vos a vós, meus amigos: (...) não temais: valeis mais do que muitos pássaros!”». (Lc 12,7)

14. «Disse-lhes Jesus: “Não temais, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino”». (Lc 12, 32)

15. «Enquanto isto diziam, Jesus apresentou-se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco!” (...). Dominados pelo espanto e cheios de temor, julgavam ver um espírito. Disse-lhes, então: “Porque estais perturbados e porque surgem tais dúvidas nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo!”» (Lc, 36 -39)

Documento 3



«No mundo,
tereis tribulações;
mas, **tende confiança**:
Eu já venci o mundo!».
(Jo 16, 33)

«E sabeis que
Eu **estarei sempre convosco**
até ao fim dos tempos».
(Mt 28, 20)

Documento 4

Memórias da Irmã Lúcia (Quarta Memória)

«Dia 13 de Junho (*de*) 1917 – Depois de rezar o terço com a Jacinta e o Francisco e mais pessoas que estavam presentes, vimos de novo o reflexo da luz que se aproximava (a que chamávamos relâmpago) e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira, em tudo igual a Maio.

– Vossemecê que me quer? – perguntei.

– Quero que venhais aqui no dia 13 do mês que vem, que rezeis o terço todos os dias e que aprendam a ler. Depois direi o que quero.

Pedi a cura dum doente.

– Se se converter, curar-se-á durante o ano.

– Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu.

– Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração.

– Fico cá sozinha? – perguntei, com pena.

– Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Foi no momento em que disse estas últimas palavras que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora, estava um coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação.

Eis, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, ao que nos referíamos, quando dizíamos que Nossa Senhora nos tinha revelado um segredo em Junho. Nossa Senhora não nos mandou, ainda desta vez, guardar segredo, mas sentíamos que Deus a isso nos movia».

Documento 5

Cânticos (para seleccionar um: A ou B)

A – O Senhor é meu Pastor

1. Confiarei nessa voz que não se impõe,
mas que eu ouço bem cá dentro no silêncio a segredar.
Confiarei, ainda que mil outras vozes
corram muito mais velozes, para me fazer parar.

E avançarei, avançarei no meu caminho.
Agora eu sei que tu comigo vens também.
Aonde fores, aí estarei, em Ti avançarei:

Refrão

O Senhor é meu pastor,
sei que nada temerei.
Ele guia o meu andar,
sem medo avançarei. (2x)

2. Confiarei na Tua mão que não me prende,
mas que aceita cada passo do caminho que eu fizer.
Confiarei, ainda que o dia escureça
não há mal que me aconteça, se conTigo eu estiver.

E avançarei, avançarei no meu caminho.
Agora eu sei que tu comigo vens também.
Aonde fores, aí estarei, em Ti avançarei:

Refrão

3. Confiarei, por verdes prados me levas,
e em Teu olhar sossegas a pressa do meu olhar.
Confiarei, a frescura das Tuas fontes
deixa a minha vida cheia, minha taça a transbordar.

E avançarei, avançarei no meu caminho
Agora eu sei que tu comigo vens também.
Aonde fores, aí estarei, em Ti avançarei:

Partitura e vídeo: www.paroquia-sppv.pt, diversos 7.09

B – O Senhor é a minha força

O Senhor é a minha força,
ao Senhor o meu canto.
Ele é o nosso Salvador,
Nele eu confio e nada temo.
Nele eu confio e nada temo.

Partitura e vídeo: www.paroquia-sppv.pt, Taizé 8.53

Documento 6

Frase para completar:

«O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho
que te conduzirá até Deus». (*Memórias da Irmã Lúcia*)³.

³ Dado que o texto se apresenta de forma lúdica, com imagens e palavras para completar – facilitando assim a memorização das crianças – convidamos o(a)s catequistas a descarregá-lo do site: www.fatima2017.org, em: Textos e Documentos/Catequese.

PERCORRER COM MARIA O CAMINHO DA ESPERANÇA

CATEQUESE COM ADOLESCENTES

José Henrique Pedrosa

1. INTRODUÇÃO

«Não desanimes»

Na segunda Aparição de Nossa Senhora, a 13 de junho de 1917, a Lúcia fala em nome dos Pastorinhos pedindo a Nossa Senhora que os leve para o Céu. Maria responde-lhe que sim: a Jacinta e o Francisco levá-los-á em breve; mas ela ficará mais algum tempo com a missão de A fazer conhecer e amar, pois Jesus quer estabelecer no mundo a devoção ao Seu Imaculado Coração. Lúcia, com pena, pergunta: «Fico cá sozinha?» Nossa Senhora responde-lhe: «Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus». E continua a descrição das *Memórias* da irmã Lúcia: «Foi no momento em que disse estas últimas palavras que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus».

É no contexto desta Aparição que, neste terceiro ano da celebração do centenário das Aparições de Fátima, nos é proposta uma reflexão sobre a esperança cristã.

«O meu Imaculado Coração será o teu refúgio...»

A esperança é, em primeiro lugar, confiança nas promessas de Deus, «é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos Céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo» (*CIC*, 1817).

Por isso Maria convida Lúcia a não desanimar: ela não ficará só! Pode confiar na palavra que lhe é dada da parte de Deus. E pode desde já experimentar essa presença divina naquela luz imensa em que se viu submergida em Deus. No coração de Maria, Lúcia pode ter a certeza de encontrar um refúgio, um porto seguro onde saboreia desde já as promessas de Deus.

A esperança é convite a olhar para o futuro envolvidos pela luz de Deus. A encontrar refúgio no Deus que cumpre a sua promessa, mesmo quando o presente é cheio de interrogações e dúvidas: Abraão confiou «para além do que se podia esperar» e tornou-se «pai de muitos povos» (*Rom* 4, 18); Moisés confiou na palavra de Deus e o deserto tornou-se caminho para a Terra Prometida; a longa espera messiânica fez-se carne no seio da Virgem Maria, e Jesus trouxe ao mundo a salvação.

Para nós hoje, a esperança continua a lançar-nos para além do que conseguimos ver e a confiar naquilo que Deus nos prometeu pela Criação, pelos Profetas e em especial, por Jesus Cristo (cf. *Youcat*, 308). Uma esperança que traz a alegria serena de se saber a caminho da Bem-aventurança eterna. No meio dos percalços da vida, mas com a meta no Céu: «O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que o amam» (*1Cor* 2, 9).

«... e o caminho que te conduzirá até Deus»

Mas a esperança é também um olhar novo sobre o presente: ela faz olhar para a vida de cada dia como o lugar onde se constrói a felicidade desejada. «A virtude da esperança responde ao desejo da felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purificando-as e ordenando-as para o Reino dos Céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna. O ânimo que a esperança dá preserva do egoísmo e conduz à felicidade da caridade» (*CIC*, 1818).

A esperança leva a procurar no presente os meios para conseguir o fim que se deseja. Ela é dom recebido de Deus, mas também tarefa humana de quem se põe no caminho que conduz para Deus. Ela alimenta-se na escuta da Palavra, na celebração dos sacramentos, na oração, na prática da caridade.

Ela ilumina a vida, e faz ultrapassar os desânimos do presente. Faz não ter medo de arriscar a vida pelo que vale realmente a pena. Ajuda a caminhar contra a corrente de uma cultura tantas vezes pessimista, egoísta, materialista, centrada na euforia do momento presente...

A esperança cristã é presente e futuro, já e ainda não, caminho a percorrer e certeza alcançada. Dá capacidade para vencer os medos, pois Deus nos garante, em Jesus Cristo, que quer para nós «vida em abundância» (Jo 10, 10).

Maria é a Mãe da Esperança. Ela vive com a confiança que lhe é transmitida pelo Anjo: «Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus» (Lc 1, 30). E é essa confiança que, em Fátima, nos transmite, e da qual nos quer fazer experimentar: «O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus».

Objetivos:

- Conhecer a mensagem da Aparição de Nossa Senhora em Fátima em junho de 1917;
- Reconhecer em Nossa Senhora a Mãe da Esperança;
- Descobrir como viver hoje a esperança cristã.

2. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE:

Apresentam-se de seguida alguns tópicos para o desenvolvimento prático de uma catequese com adolescentes.

2.1. Experiência humana (20 minutos)

2.1.1. *Diálogo inicial*: O que é a «esperança»? O que esperam as pessoas à nossa volta? E nós, o que esperamos? A esperança é importante para a nossa vida? Porquê?

2.1.2. *Uma história que fala de esperança*: Aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos de Fátima, a 13 de junho de 1917.

Leitura dialogada das *Memórias da Irmã Lúcia*:

Lúcia: Depois de rezar o terço com a Jacinta e o Francisco e mais pessoas que estavam presentes, vimos de novo o reflexo da luz que se aproximava (a que chamávamos relâmpago) e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira, em tudo igual a maio.

– Vossemecê que me quer? – perguntei.

Maria: – Quero que venhais aqui no dia 13 do mês que vem, que rezeis o terço todos os dias e que aprendam a ler. Depois direi o que quero.

Lúcia: Pedi a cura dum doente.

Maria: – Se se converter, curar-se-á durante o ano.

Lúcia: – Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu.

Maria: – Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração.

Lúcia: – Fico cá sozinha? – perguntei, com pena.

Maria: – Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Lúcia: Foi no momento em que disse estas últimas palavras que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. À frente da

palma da mão direita de Nossa Senhora, estava um coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação.

2.1.3. Diálogo: O que mais impressionou neste relato? Porque podemos ver nele uma mensagem de esperança? A que esperança convida Maria?

2.1.4. Síntese a partir do reforço de expressões do texto das *Memórias*: «Não desanimem. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus».

2.2. Escuta da Palavra (20 minutos)

A partir deste momento, o grupo pode continuar o encontro na igreja ou numa outra sala preparada para estar em clima de oração. É conveniente que esse espaço tenha a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

2.2.1. Maria é a Mãe da Esperança: a história do Povo de Deus é uma história de esperança. Abraão confia na Palavra de Deus, Moisés confia na palavra de Deus... Maria acolhe em si toda a esperança do Povo, e por ela Cristo faz-se presente no mundo.

2.2.2. Lectio Divina do texto *Lc 1, 26-38* (*distribuir folha com o texto e as questões para meditação e espaço para o compromisso final; distribuir esferográficas*)

a) Leitura do texto:

Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salve, ó

cheia de graça, o Senhor está contigo». Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim». Maria disse ao anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?». O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus». Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra». E o anjo retirou-se de junto dela.

b) Leitura individual, em silêncio
(possibilidade de ter música de fundo)

c) Questões para a meditação
(cada um poderá escrever a sua resposta)

Maria perturbou-se... Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas»

Perante a perturbação que Maria sente, o Anjo convida-a à confiança, a não ter medo... A esperança traduz-se numa atitude de confiança, a não ficar fechado nos medos, mas a ter o coração aberto à surpresa de Deus, e avançar na vida com a força que vem da presença do Espírito Santo em nós. Em Fátima, Maria convida à confiança: «Não desanimes. Eu nunca te deixarei».

Também nós somos desafiados a viver com confiança em Deus, a ter esperança e a não desanimar. Temos vivido com esta confiança? Sabemos ultrapassar as dificuldades para viver a Palavra

de Deus? Em casa e na escola, com os amigos, sabemos dar testemunho da nossa esperança como cristãos?

«... Porque nada é impossível a Deus»

A esperança cristã centra-se nas promessas de Deus, na certeza de que a Ele nada é impossível. É olhar para o futuro com o olhar de Deus. Saber que nós somos limitados, mas Deus não. Maria acolhe o desafio de não ficar presa às dificuldades do presente: ela sabe esperar em Deus e nas suas promessas. Sabe que neste mundo tudo é passageiro, mas Deus é eterno, e é para Ele e para a Sua Vida que todos caminhamos. E em Fátima quer fazer-nos experimentar esta mesma segurança que ela viveu: no seu coração, Lúcia encontrará o refúgio: «O meu Imaculado Coração será o teu refúgio...»

Acreditamos que a Deus nada é impossível? Ficamos presos aos nossos limites, ou sabemos confiar-nos a Deus? Acreditamos que caminhamos para a ressurreição e a vida que Jesus nos prometeu? Vivemos com a esperança da felicidade eterna em Deus?

«... faça-se em mim segundo a tua palavra»

A esperança é também um olhar novo sobre o presente. A confiança nas promessas de Deus compromete o nosso presente. Toda a vida de Maria se transformou pela sua esperança: porque confiou na Palavra de Deus, tornou-se a Mãe de Jesus Cristo. O «sim» de Maria é o exemplo concreto de quem torna a esperança uma forma de viver. A esperança é um caminho que se percorre para Deus com as opções de cada dia. É nesta esperança que Maria envolve os Pastorinhos em Fátima: «O meu Imaculado Coração será... o caminho que te conduzirá até Deus».

A esperança alimenta-se na escuta da Palavra, na celebração dos sacramentos, na oração, na prática da caridade. Procuramos estes meios para alimentar a esperança em nós?

2.3. Expressão de Fé (20 minutos)

2.3.1. Cântico

***Quero ser como Tu, como Tu, Maria
Como Tu, um dia, como Tu, Maria***

Quero aprender a amar...

Quero dizer meu sim...

2.3.2. Introdução à partilha: Em clima de oração, cada um é agora convidado a partilhar a meditação que fez: pode repetir apenas uma frase do texto bíblico que mais o tenha tocado, uma questão que o fez pensar mais, ou alguma das respostas que escreveu.

a) Tempo para a partilha

b) Durante a partilha pode intercalar-se um cântico mariano

*Ao longo da tua vida nunca sozinho estás,
Contigo pelo caminho Nossa Senhora vai.*

***Vem, vem connosco, vem caminhar,
Nossa Senhora vem! (bis)***

*Se pelo mundo os homens sem conhecer-se vão,
Não negues nunca a tua mão a quem contigo vai.*

c) Avé Maria... *(no final da partilha)*

2.4. Síntese e compromisso final

a) *Introdução*: a esperança cristã é presente e futuro, já e ainda não, caminho a percorrer e certeza alcançada. Dá capacidade para vencer os medos, pois Deus nos garante, em Jesus Cristo, que quer para nós «vida em abundância» (Jo 10, 10). Maria é a Mãe da Esperança. Ela vive com a confiança que lhe é transmitida pelo Anjo: «Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus» (Lc 1, 30). É essa confiança que, em Fátima, nos transmite, e da qual nos quer fazer experimentar: «O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus».

b) *Compromisso*: no final do nosso encontro, somos convidados a descobrir alguma forma concreta de viver a esperança na nossa vida. O que podemos fazer para viver na confiança que Maria viveu e convidou os Pastorinhos a viver? (*pode fazer-se uma partilha de ideias*) Podem reler o que escreveram nas respostas às questões levantadas, e depois tirar uma consequência prática para a vossa vida.

c) Cântico final

Mãe, olha para mim

Guarda o meu sim, neste novo dia.

Como Tu, quero-me entregar,

Ensina-me a rezar: Avé Maria!

Coloca Tuas mãos sobre meus olhos

De Mãe que o filho adormece;

Fixa no meu o Teu olhar,

Escuta, Virgem Mãe, a minha prece.

Materiais necessários: Bíblia, folha com o texto das *Memórias da Irmã Lúcia*, folha com o texto bíblico para a *Lectio Divina* (com as questões e espaço para as respostas, espaço para o compromisso final e os diversos cânticos a utilizar), esferográficas.

Fontes: *Textos bíblicos: edição da Difusora Bíblica de Março de 2009; Memórias da Irmã Lúcia; Catecismo da Igreja Católica (CIC); Youcat, Catecismo Jovem da Igreja Católica; Vitamina C, Cancioneiro Juvenil do Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil de Leiria-Fátima.*

MISTÉRIOS DO ROSÁRIO

Irmãs da Aliança de Santa Maria

MISTÉRIOS GOZOSOS

1.º Mistério: A Anunciação do Anjo a Maria

Do Evangelho de S. Lucas

O Anjo Gabriel disse a Maria: *Não temas, pois achaste graça diante de Deus* (Lc 1,30).

Com estas palavras, o Anjo Gabriel confortou Maria, para que ela pudesse confiar sem medo no Senhor. “Não temas...” e, para nós, poderíamos talvez acrescentar: não temas o futuro incerto, o sofrimento, os insucessos, a dureza da vida... não temas pois também tu, isto é, cada um de nós; tem a graça de ser imensamente amado por Deus. Ele acompanha-nos verdadeiramente, ainda que por vezes pareça ausente. É desse amor que nasce também a grande promessa que Nossa Senhora faz na aparição de junho: “O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus” (*Memórias da Irmã Lúcia* (=MIL) IV, p. 175).

Confortados e sustentados por esta certeza do amor de Deus e do colo maternal de Maria, que cada cristão saiba deixar-se conduzir livremente pelos caminhos de santidade.

2.º Mistério: A Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel

Do Evangelho de S. Lucas

Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou repleta do Espírito Santo (Lc 1,41).

Vivemos na era da imagem e do som e, talvez mais do que nunca, somos sensíveis às artes plásticas, à música e a todas as formas

de expressão cultural. Porém, de um modo geral, somos menos sensíveis ao sentido do sagrado. Deixamo-nos tocar por uma música envolvente ou por uma bela paisagem e, no entanto, somos tantas vezes indiferentes à presença de Deus em tantas circunstâncias da vida.

Em Fátima descobrimos três crianças incrivelmente sensíveis ao sagrado. Pensemos nesta exclamação do pequeno Francisco: “Do que gostei mais foi de ver Nosso Senhor naquela luz. Gosto tanto de Deus!” (MIL IV, p. 141). É necessária esta sensibilidade, este encantamento semelhante ao de João Batista que saltou de alegria no seio de sua mãe perante a proximidade do “seu Senhor”.

Rezemos, por intercessão da bela Senhora de Fátima, pelos pais e educadores, para que saibam formar os sentidos espirituais dos mais novos, tornando-os sensíveis a este Deus que vem sempre ao nosso encontro.

3.º Mistério: O Nascimento de Jesus em Belém

Do Evangelho de S. Lucas

O Anjo disse aos pastores: “Anuncio-vos uma grande alegria. Hoje, nasceu-vos em Belém um Salvador”. E os pastores “foram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura (Lc 2,10-11.16).

Para aqueles que vivem na esperança cristã, a Igreja faz ouvir um novo anúncio de uma grande alegria: hoje “Deus entra no mundo e deixa-se tocar na liturgia”. Como diz Bento XVI, a liturgia “é o ato onde ocorre o essencial: nós entramos em contacto com Deus”, primeiro através da sua Palavra onde “O ouvimos realmente falar”, e depois porque “Ele doa-se no pão transformado” (cf. Bento XVI, *Luz do mundo*, p. 151-152). Por isso, também nós somos impelidos a ir assídua e *apressadamente* ao banquete da Eucaristia.

Comove-nos ver como o último desejo do Beato Francisco era receber a sagrada comunhão. Na véspera da sua morte, depois

de comungar, dizia à irmã: “Hoje sou mais feliz do que tu, porque tenho dentro do meu peito a Jesus escondido” (MIL IV, p. 164).

Peçamos a sua intercessão para que nós, cristãos de hoje e para hoje, saibamos reconhecer sempre na Eucaristia esse precioso encontro com Jesus, causa da nossa “grande alegria”.

4.º Mistério: A Apresentação do Senhor no Templo

Do Evangelho de S. Lucas

Segundo a Lei de Moisés, Maria e José levaram o Menino a Jerusalém para O apresentarem ao Senhor. Ora vivia em Jerusalém um homem chamado Simeão; era justo e piedoso. Tinha-lhe sido prometido que não morreria antes de ter visto o Messias (Lc 2,22-26).

Somos hoje confrontados com mudanças constantes na forma de concebermos o mundo e a religião. Talvez por isso se verifique nos cristãos aquilo que Bento XVI chama de “existência dividida” (cf. Bento XVI, *Luz do mundo*, p. 62): por um lado, queremos ser bons cristãos mas, por outro lado, somos pressionados pelas exigências e críticas da sociedade moderna.

O justo Simeão é exemplo de resposta a este desafio pela sua fé humilde e perseverante. Ele deixou-se guiar e foi capaz de ver, naquele menino, o Messias.

Os Beatos Francisco e Jacinta foram também um exemplo de humildade e fidelidade. Diz-se do Francisco que “jamais se viu nele o mínimo sinal de vaidade ou de orgulho” (*Positio Fr.*, p. 254-255) e da Jacinta que “era extraordinariamente fiel no cumprimento dos deveres de cada dia” (*Positio Ja.*, p. 68).

Peçamos a sua intercessão, para que cada cristão reconheça com humildade a sua pequenez diante da promessa de Deus e cresça na fidelidade às coisas pequenas de cada dia.

5.º Mistério: O Encontro do Senhor no Templo

Do Evangelho de S. Lucas

Depois de José e Maria andarem três dias aflitos à procura de Jesus, *encontraram-no no Templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas* (Lc 2,46).

Jesus vai sempre ao encontro daqueles que mais precisam, tal como O vemos ir ao encontro dos doutores da Lei e a ouvi-los. O Amor ativo, que parte ao encontro do outro, é uma característica essencial do cristão. Bento XVI dizia, citando Sto. Agostinho, que “a História mundial é uma luta entre dois tipos de amor: o amor por si próprio – até à destruição do mundo – e o amor pelo outro – até à renúncia de si próprio” (*Luz do mundo*, p. 65).

À pequena Jacinta tocou-lhe muito a visão do Inferno. Certo dia, em que pensava nisso, disse-lhe a Lúcia: “Não tenhas medo, tu vais para o Céu”. Mas ela respondeu: “Pois vou, mas eu queria que toda aquela gente para lá fosse também” (MIL III p124).

Peçamos a Deus, por intercessão da Virgem Maria, que nos ajude, tal como fez com os pastorinhos, “a abrir o coração à universalidade do amor” (Bento XVI, *Homilia de 13 de maio de 2010*). Com Maria seremos capazes de ultrapassar as diferenças e amar realmente como Jesus nos amou.

MISTÉRIOS LUMINOSOS

1.º Mistério: Baptismo de Jesus no rio Jordão

Do Evangelho de S. Mateus

Uma vez baptizado, Jesus saiu da água e eis que se rasgaram os céus. E fez-se ouvir uma voz que dizia: “Este é o meu Filho amado no qual pus todo o meu agrado” (Mt 3,16-17).

Na história de Salvação que Deus foi construindo com o seu povo, trata-se sempre, antes de mais, desse “rasgar” dos céus. Esse grande acto de amor de Deus fica completo com a encarnação, morte e ressurreição de Jesus. Hoje somos nós chamados a sermos esses filhos do agrado do Pai, filhos no Filho, que apontam para o rasgar dos céus com a sua entrega confiante.

A Beata Jacinta contava certo dia à sua prima Lúcia: “Nossa Senhora veio-nos ver e diz que vem buscar o Francisco muito em breve para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores. Disse-lhe que sim”. (MIL I, p59). Os santos perentencem, realmente, ao grupo desses destemidos que ousam dizer “sim” a Deus.

Impelidos pela entrega fiel de tantos cristãos, rezemos pela nossa própria capacidade de confiarmos no Senhor e de nos entregarmos à sua vontade.

2.º Mistério: As Bodas de Caná

Do Evangelho de S. João

Maria disse a Jesus: “*Não têm vinho*”. E aos serventes: “*Fazei tudo o que o meu Filho vos disser*” (Jo 2,3.5).

O papel de Nossa Senhora na história da salvação está, em parte, representado neste mistério. Ela volta o olhar de Jesus para os homens e o olhar dos homens para Jesus.

A Jacinta, com a sua pouca idade, tinha já um coração de mãe, parecido com o de Maria. Certo dia um soldado pediu a sua ajuda: a sua esposa estava doente e ele partiria em breve para a guerra, deixando-a com “três filhinhos”. Jacinta não esqueceu o pedido deste soldado e rezava sempre por ele no fim de cada terço. Passado algum tempo, ele e a esposa vieram agradecer, pois ela curara-se e ele não fora para o combate devido a uma febre que tinha tido na véspera da partida (cf. MIL I, p59).

Confiantes na intercessão da Virgem Maria e dos Beatos Francisco e Jacinta, rezemos pelos nossos irmãos que vivem em situações de pobreza extrema ou que passam alguma necessidade. Através da nossa generosidade e oração, que eles se sintam acompanhados nas suas angústias e animados na sua esperança.

3.º Mistério: Jesus anuncia o Reino de Deus

Do Evangelho de São Marcos

Jesus proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: “Arrependei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1,14-15).

A conversão é o primeiro passo necessário para acolher a Boa Nova de Jesus. “Converter-se significa mudar de direcção no caminho da vida; é ir contra a corrente, onde a “corrente” é o estilo de vida superficial, incoerente e ilusório, que muitas vezes nos arrasta, nos domina e nos torna escravos do mal” (Bento XVI, *Audiência de 17 de Fevereiro de 2010*)

Na aparição de Junho de 1917, Lúcia pede a cura de um doente e Nossa Senhora responde: “Se se converter, curar-se-á durante o ano”. (MIL IV, p175) A conversão é já uma forma de “cura” da alma e, por ela, podemos abrir-nos totalmente à graça de Deus. Por isso, o sacramento da Reconciliação é um dos chamados “Sacramentos de Cura”, onde somos transformados pelo abraço do Pai.

Assumindo as palavras de Jesus, façamos o propósito de emprender alegremente o caminho da nossa conversão, sem medo, mas antes desejosos do encontro com o Senhor.

4.º Mistério: Transfiguração de Jesus

Do Evangelho de S. Lucas

Jesus subiu a um monte para orar. E fez-se ouvir uma voz que disse: “Este é o meu Filho predilecto, escutai-o” (Lc 9,28.35).

Colocar-se à escuta é, realmente, a primeira atitude que é pedida ao povo de Deus e a cada crente em particular.

Lúcia, no início de cada aparição, perguntava a Nossa Senhora: “Vossemecê que me quer?” (MIL IV, p175). Em Junho de 1917, Nossa Senhora respondeu-lhe de forma particular: “Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar” (*idem*).

Com Maria aprendemos que, no hoje da nossa história, é nessa mesma atitude que somos convidados a encontrar o Senhor. Escutando-O, com liberdade de espírito, poderemos iniciar a aventura da história de amor que Ele quer fazer com cada um em particular.

Peçamos por todos os jovens que se colocam à escuta, em busca da sua vocação, para que não tenham medo da resposta do Senhor e estejam abertos à sua proposta, qualquer que seja o estilo de vida a que se sintam chamados.

5.º Mistério: Instituição da Eucaristia

Do Evangelho de São Mateus

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: “Tomai e comei: Isto é o meu corpo”. Tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: “Bebei dele todos” (Mt 26,26-27).

Na última ceia, Jesus “oferece antecipadamente a vida que lhe será tirada, e deste modo transforma a sua morte violenta num gesto livre de doação de Si mesmo pelos outros e aos outros” (Bento XVI, *Audiência de 11 de Janeiro de 2012*)

A Beata Jacinta, na sua doença, perguntava certo dia à Lúcia: “Quantos sacrifícios ofereceste, esta noite, a Nosso Senhor? Eu ofereci-lhe muitos, muitos; não sei quantos foram, porque tive muitas dores e não me queixei”. (MIL II, p109). Para ela o seu sacrifício tinha um sentido maior; por isso, a cada sacrifício fazia o respectivo oferecimento: “Ó meu Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos

pecadores, pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria” (MIL I, p52).

Neste mistério rezemos, de forma especial, pelo Santo Padre e por todos os sacerdotes, para que tenham sempre a força e perseverança necessárias para, à semelhança de Cristo, doarem-se continuamente à missão que lhes é confiada.

MISTÉRIOS DOLOROSOS

1.º Mistério: A Agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras

Do Evangelho de São Lucas

Jesus, como de costume, foi para o Monte das Oliveiras. Depois de orar, levantou-se, foi ter com os discípulos e encontrou-os a dormir devido à tristeza. Disse-lhes: “Porque dormis? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação” (Lc 22, 39.45).

Os discípulos, naquela noite angustiante, adormeceram “devido à tristeza”. Este triste sono lembra-nos o desânimo ou a apatia em que podemos cair, nos momentos mais dolorosos ou vazios da nossa vida. O desânimo destrói e paralisa; por isso Jesus ordena aos discípulos: “Levantai-vos e orai”.

Nas palavras de Nossa Senhora, na aparição de junho, parece-nos ouvir um imperativo semelhante. Ela diz à Lúcia e a cada um, hoje: “Não desanimes. Eu nunca te deixarei” (MIL IV, p. 175). Esse era o conforto que restava à pequena Jacinta quando se lembrava que ia morrer sozinha; ela sabia que Nossa Senhora a iria buscar (cf. MIL I, p. 62).

Rezemos pelos nossos irmãos que se sentem perdidos nas suas angústias e tentados na sua fé, para que não se deixem esmagar pelo desânimo. Apoiados em Cristo e na sua Mãe, que nós possamos encontrar sempre, de novo, a força para nos levantarmos do sono do espírito e continuarmos a caminhar na Verdade e no Bem.

2.º Mistério: A Flagelação de Jesus

Do Evangelho de S. Mateus

Levaram Jesus a Pilatos que lhe dizia: “*Não ouves de quanta coisa te acusam?*” Mas Ele não lhe respondeu sequer uma palavra, de tal maneira que o governador ficou muito impressionado. Então Pilatos, depois de açoitá-lo, entregou-o (Mt 27, 13-14.26).

Surpreende-nos sempre a serenidade de Jesus enquanto é maltratado, manietado, condenado. O silêncio eloquente de Jesus provém da sua oração e união contínua com o Pai. Como diz Bento XVI, é “na relação fiel com o Senhor, na oração constante, quotidiana, que também nós podemos, concretamente, sentir a consolação que provém de Deus” (Bento XVI, *Audiência de 30 de maio de 2012*).

O pequeno Francisco recolhia-se muitas vezes em oração. Conta a Lúcia que ele se afastava discretamente da prima e da irmã e, quando o encontravam, lá estava ele por trás de algum arbusto ou silvado, de joelhos a rezar: “gosto mais de rezar sozinho” era a sua resposta (cf. MIL IV, p. 148).

À semelhança do Beato Francisco, procuremos que o barulho do dia-a-dia, das preocupações, não impeça o silêncio interior e o tempo para a oração. Que o ambiente silencioso do nosso coração seja o conforto deste Jesus flagelado.

3.º Mistério, Jesus, coroados de espinhos

Do Evangelho de S. Mateus

Os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e dobrando o joelho diante de Jesus, escarneciam-no, dizendo: “Salve! Rei dos Judeus!” (Mt 27, 29).

Jesus era o centro das atenções daqueles soldados, mas pelos piores motivos. Coroavam-no e dobravam o joelho diante dele, para o ridicularizar e desprezar.

Hoje, Jesus continua verdadeiramente presente no meio de nós, especialmente na Eucaristia, onde, como diz Bento XVI, “está presente Aquele diante do qual se cai de joelhos” (Bento XVI, *Luz do mundo*, p. 154). De facto, adorar é mais do que um gesto exterior momentâneo ou superficial; adorar é colocar Deus no centro da própria existência e “dobrar o joelho” diante Dele numa atitude de reverência, humildade e confiança.

A pequena Jacinta, mesmo doente, passava horas a fio com os olhos fixos no sacrário e o Francisco, sabendo que em breve iria para o céu, não ia à escola, mas preferia ficar na Igreja a fazer companhia ao seu “Jesus Escondido”.

Rezemos para que os cristãos sejam verdadeiramente adoradores e consoladores de Jesus presente na Eucaristia e no sacrário.

4.º Mistério: Jesus a caminho do Calvário

Do Evangelho de São João

Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira (Jo 19, 17).

Jesus abraça a cruz por amor, transformando-a em sinal de salvação. No caminho para o Calvário, vai-se construindo a identificação de Cristo com a Cruz e é também aí que se esconde o caminho da nossa identificação com Cristo. O nosso Deus não se apartou do caminho mais difícil. Ele rejeita o facilitismo, o comodismo, a busca prioritária do prazer e do bem-estar em que hoje podemos cair com tanta facilidade. Ele propõe-nos uma nova perspectiva sobre a vida, mais exigente, mais desafiante, mas, sem dúvida, muito mais plena.

Antes das aparições, os pastorinhos costumavam rezar o terço a correr, sem dizer as palavras todas; mas, depois das aparições, a Jacinta dizia com decisão: “Agora, quando rezarmos o terço, temos de rezar a Ave-Maria e o Pai-Nosso inteiros” (MIL I, p. 45).

Que o Senhor, por intercessão de Sua Mãe, imprima também em nós essa determinação de sermos mais corajosos e coerentes na relação com Deus.

5.º Mistério: A Crucifixão e Morte de Jesus

Do Evangelho de São João

Jesus disse: “Tudo está consumado”. E, inclinando a cabeça entregou o espírito. Vendo que Jesus já estava morto, um dos soldados trespassou-lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água. (Jo 19, 30.33-34)

A entrega de Jesus culmina com o golpe da lança que trespassou o seu coração. No coração trespassado de Jesus temos uma imagem do amor gratuito e misericordioso de Deus. É desse coração que nasce a Igreja.

Em Fátima, o Coração de Jesus aparece sempre unido a outro coração, o Coração de Maria, também ele ferido, cercado de espinhos. Assim, ambos constituem um dom da misericórdia de Deus. É por isso que Nossa Senhora insiste com os videntes de Fátima que “Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria” (MIL IV, p. 175). Jacinta tornou-se uma apóstola dessa devoção. Ela exclamava muitas vezes: “Gosto tanto do Coração Imaculado de Maria! É o Coração da nossa Mãezinha do Céu!” (MIL III, p. 126)

Rezemos para que os cristãos não caiam no ódio, na vingança ou no ressentimento. Mas antes, contemplando os Corações de Jesus e Maria, sejam heróicos na paciência e no perdão e dinâmicos na construção da paz.

MISTÉRIOS GLORIOSOS

1.º Mistério: A Ressurreição do Senhor.

Do Evangelho de Lucas

Dois anjos disseram a Maria Madalena e às outras mulheres: *“Por que procurais entre os mortos Aquele que vive? Não está aqui: ressuscitou”* (Lc 24, 4-6).

“O acontecimento da morte e ressurreição de Cristo é o coração do Cristianismo, o ponto central e fundamental da nossa fé, o poderoso impulso da nossa certeza, o vento forte que afugenta toda a angústia e incerteza, a dúvida e o calculismo humano” (Bento XVI, 19 de outubro de 2006, cf. YOUCAT, p. 69).

O Beato Francisco demonstrou esta fé a toda a prova, de forma especial na experiência difícil de Ourém, em agosto de 1917. Ele dizia na sua simplicidade: “Se nos matarem, como dizem, daqui a pouco estamos no Céu! Mas que bom! Não me importa nada!” (MIL IV, p. 146).

A fé em Jesus leva-nos a ver a vida de uma forma nova e, então, os dias e os acontecimentos adquirem um novo sentido e uma beleza própria. Procuremos imitar aqueles pequenos pastores de Aljustrel que foram tão grandes na Fé. Como eles, que os cristãos tenham uma fé perseverante e esclarecida e sejam capazes de ver a beleza imensa que ela traz à condição humana.

2.º Mistério: A Ascensão de Jesus ao Céu

Do Evangelho de S. Lucas

Jesus levou os discípulos até junto de Betânia. Enquanto os abençoava, elevava-se ao Céu (Lc 24,50-51).

Ao verem Jesus subir ao Céu, os discípulos recebem a certeza de que lá encontrarão de novo e de forma ainda mais plena o

Mestre, o Amigo que tanto amam. Sabemos que essa Amizade com Cristo, que tem o seu cume no Céu, começa já nesta vida.

Os pequenos videntes, Francisco e Jacinta, encontraram a sua felicidade precisamente nessa amizade. Por isso, é uma felicidade que se reflete na forma como vivem o quotidiano e depois a doença. Do Francisco sabe-se que “durante a doença sofria muitíssimo, mas ele sabia ser feliz, porque ardia nele cada vez mais o desejo de ir para o Céu” (*Positio Fr.* p. 255).

Rezemos, então, para que também a nossa felicidade esteja assente na amizade com Cristo. Que esta seja a nossa prioridade, pois, como diz Bento XVI: “Só nesta amizade se abrem realmente as grande potencialidades da condição humana. Só nesta amizade experimentamos o que é belo e o que liberta” (Bento XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est*).

3.º Mistério: A descida do Espírito Santo

Do Livro dos Actos dos Apóstolos

Quando chegou o dia do Pentecostes, viram aparecer umas línguas, à maneira de fogo e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo (Act 2,1.3-4).

Jesus tinha prometido aos discípulos que enviaria “o Espírito da Verdade” e Ele guiá-los-ia para a Verdade completa (cf. Jo 16, 12). Esse Espírito continua a falar-nos, e de forma particular através da Sagrada Escritura. No texto sagrado temos, verdadeiramente, “Palavra de Deus em palavras humanas” (Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 19).

O Francisco e a Jacinta, já antes das aparições, tinham um grande desejo de conhecer a vida de Jesus, ou a “doutrina”, como lhe chamavam, para poderem fazer a primeira comunhão. Por isso, Lúcia tornou-se a catequista dos seus companheiros que “aprendiam com um entusiasmo único” (MIL I, p. 42).

Rezemos para que os cristãos procurem na Escritura, pela leitura e meditação assídua, esse lugar onde o Espírito Santo nos fala e nos guia para a Verdade. Como os pastorinhos, que o nosso entusiasmo nos torne proclamadores da Palavra, sobretudo, pelo exemplo na própria vida.

4.º Mistério: A Assunção de Nossa Senhora ao Céu

Do Livro do Apocalipse

Depois apareceu no céu um grande sinal, uma mulher vestida de sol, com a Lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça (Ap 12, 1).

Maria, na Assunção, inaugura aquela união total com Cristo que viveremos na eternidade. Essa é a nossa grande esperança. De facto, para vivermos, “precisamos das esperanças que, dia após dia, nos mantêm a caminho”, mas entre elas tem de prevalecer a “grande esperança”. Só ela “justifica a cansa da do caminho” (cf. Bento XVI, *Encíclica Spe Salvi*, n. 1).

Na aparição de junho vemos como Lúcia, talvez cansada do caminho, pedia a Nossa Senhora para “os levar para o Céu” (MIL IV, p. 175). O Francisco e a Jacinta iriam em breve, mas ela ficaria cá “mais algum tempo”. Na vida daquela menina adivinhavam-se ainda muitas dificuldades e sofrimentos. No entanto, a Senhora do Céu garante que não estamos sozinhos a caminho dessa “grande esperança”, Ela nunca nos deixará (cf. MIL IV, p. 175).

Pedindo a intercessão da Virgem Maria, rezemos para que os cristãos se sintam fortalecidos na sua esperança e acompanhados nas dificuldades do caminho.

5.º Mistério: A Coroação de Nossa Senhora no Céu

Do Livros dos Salmos

À tua direita está a rainha ornada com ouro de Ofir

(Sl 45,10).

Neste salmo parece-nos já ouvir um louvor à Virgem Maria. Ela é, de facto, a Rainha que Deus coloca à sua direita para cuidar das angústias e esperanças dos seus filhos.

Em Fátima, é a Senhora do Rosário que coroamos como Rainha. Ela marcou um encontro diário connosco pela oração do rosário. Aí, nesses belos encontros, a Virgem Maria ensina-nos “a arte de crer, orar e amar” (Bento XVI, *Visita ad limina apostolorum*, 2007). Para quem adere a este convite, a vida já não é apenas uma sucessão de dias, mas é uma sucessão de encontros com o Senhor, através da sua Mãe.

Na aparição de maio, o Francisco soube que iria para o Céu mas “tinha de rezar muitos terços” (MIL IV, p. 173). Ele respondia com ânimo: “Ó minha Nossa Senhora, terços, rezo todos quantos Vós quiserdes” (MIL IV, p. 141).

Rezemos para que os cristãos descubram, na oração diária do rosário, esse meio simples e eficaz de se colocarem na escola desta Mãe e Rainha que nos leva até Jesus.

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA PARA CRIANÇAS

NÃO TENHAIS MEDO

Raúla Margarida Neves Abreu

1. INTRODUÇÃO

Propõe-se que este momento de adoração seja diante do Santíssimo Sacramento, exposto no altar. Se não for possível, pode ser junto do sacrário. Neste caso o orientador fará as adaptações necessárias. As crianças devem ser motivadas para este tempo de oração e o local deve estar devidamente preparado. Em destaque estará afixado um coração grande, de cartolina ou de outro material, para nele colocar as palavras: JESUS e MARIA. Preparar as frases para afixar: “Não tenhais medo. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”.

2. ACOLHIMENTO *(De pé)*

Orientador: Estamos hoje, aqui, para adorarmos Jesus Eucaristia, presente na hóstia consagrada que vai ficar sobre este altar. Já está tudo preparado: o altar tem luz, flores... E, ali está um coração para nos lembrar o grande amor que Jesus tem por nós. *(Coloca-se no coração a palavra: JESUS)*.

Jesus ama-nos muito e nós também lhe temos muito amor. Vamos adorar Jesus, vamos deixar que Ele ocupe o primeiro lugar no nosso coração, como faziam os pastorinhos de Fátima, Lúcia, Francisco e Jacinta. Ajoelhemos e cantemos, saudando Jesus Eucaristia.

3. EXPOSIÇÃO DO SANTÍSSIMO (*De joelhos*)

Cântico (Música e letra – Rocha Monteiro)

1. Jesus, eu amo-te (4 vezes)

2. Tu és Filho de Deus (4 vezes)

3. Tu és o meu Senhor (4 vezes)

4. Jesus, eu creio em ti (4 vezes)

(Breve silêncio com música de fundo suave)

Jesus e Maria são, para nós, refúgio e caminho para Deus (*Sentados*)

Orientador: O Coração de Jesus e o Coração de Maria, Mãe de Jesus, são parecidos. Não é somente Jesus que nos ama, a Mãe de Jesus, a quem chamamos Nossa Senhora, é também nossa Mãe e ama-nos muito. Vamos olhar de novo para o coração que está ali. Ele também nos ajuda a lembrar o amor do Coração de Maria por nós (*Coloca-se no coração a palavra: MARIA*).

O Coração de Jesus e o Coração de Maria são para nós refúgio e caminho para Deus. Vamos escutar o que a Irmã Lúcia conta sobre a 2.^a aparição de Nossa Senhora, em Fátima, aos três pastorinhos:

Relato da 2.^a aparição (Por três crianças que leiam bem)

Criança 1, narrador: – Lúcia conta como foi a 2.^a aparição no dia 13 de junho de 1917. Depois de rezar o terço com a Jacinta e o Francisco e mais pessoas que estavam presentes, vimos de novo o reflexo da luz que se aproximava e em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira, em tudo igual a maio. Perguntei:

Criança 2, Lúcia: – Vossemecê que me quer?

Criança 3, Nossa Senhora: – Quero que venhais aqui dia 13 do mês que vem, que rezeis o terço todos os dias e que aprendam a ler. Depois direi o que quero.

Criança 2, Lúcia: – Queria pedir-lhe para nos levar para o Céu.

Criança 3, Nossa Senhora: – Sim; a Jacinta e o Francisco levaram-nos em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar.

Criança 2, Lúcia: – Fico cá sozinha?

Criança 3, Nossa Senhora: – Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Criança 1, narrador: – No momento em que Nossa Senhora disse estas últimas palavras, abriu as mãos e comunicou-nos, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus! A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. Nossa Senhora tinha na mão direita um coração cercado de espinhos e espalhava pelo mundo essa luz tão grande que é Deus.

Orientador: De pé, cantemos a Maria que nos tem tanto amor! **Avé, Avé, Avé Maria; Avé, Avé, Avé Maria!**

Comentário *(Sentados)*

Orientador: Vamos pensar nas palavras de Nossa Senhora. Em maio de 1917 disse aos pastorinhos: **Não tenhais medo.** (*Ler e afixar esta frase em lugar de destaque*). Sim, os Pastorinhos tiveram medo da luz que pensavam ser um relâmpago! E tiveram outros medos, sofreram muito. Em junho, Nossa Senhora diz à Lúcia: não desanimes, eu nunca te deixarei. **O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.** (*Ler e afixar esta frase num lugar de destaque*).

Em silêncio, vamos ler estas palavras de Nossa Senhora e pensar nelas, pois também são para nós! Nós também temos medo. Medo de quê? Da doença, da morte, da casa e da rua às escuras e outros medos... Peçamos a Jesus e a Nossa Senhora que nos acompanhem e nos ajudem a libertar do medo... (*Breve silêncio*)

Quando estivermos com medo, temos o refúgio do Coração de Maria e também o refúgio do Coração de Jesus presente na Eucaristia. Quando não soubermos bem como fazer a vontade de Deus nosso Pai, vamos ter com Jesus e com Maria cheios de confiança, para que nos conduzam até Deus. O Coração de Jesus e o Coração de Maria estão sempre unidos. Com Jesus e Maria, louvemos o Pai do Céu, pela Eucaristia, cantando.

CÂNTICO (M. Luís) *De pé*

Pai Nosso que estais nos Céus, sempre louvado sejais,
Pela Santa Eucaristia, Pão Divino que nos dais.

**Bendita, bendita seja a Divina Eucaristia
Que ilumina a santa Igreja como o sol de cada dia.**

Venha a nós o vosso Reino, enchei-nos da vossa luz,
Pela Santa Eucaristia, Corpo e Sangue de Jesus!

Orientador: Rezemos com Jesus a oração que Ele nos ensinou, levantando as nossas mãos, com confiança:

Pai Nosso, que estais nos Céus...

Orientador: Escutemos, agora, com muita atenção, as palavras de Jesus.

Leitura: Jo 14, 1-3 (Pelo Sacerdote ou por um adulto)

Leitura do Evangelho segundo S. João.

Não se perturbe o vosso coração. Acreditais em Deus; acreditai também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas...
Levar-vos-ei para junto de mim, a fim de que onde eu estou, vós estejais também... Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida!

Palavra da Salvação!

Glória a Vós, Senhor!

Comentário (*Sentados*)

Orientador: Jesus deu a vida por nós, ressuscitou e preparou-nos no Céu um lugar a fim de sermos felizes com Deus para sempre. Ele acompanha-nos todos os dias e, pela ação do Espírito Santo, conduz-nos para a casa do Pai. Com Jesus, com Maria, com todos os santos, com os pastorinhos, viveremos felizes para sempre em Deus. Cantemos cheios de confiança a Jesus o nosso maior Amigo, aqui presente no altar. Cada um vai oferecer uma flor a Jesus Eucaristia, sinal do amor do seu coração (*Colocar uma flor natural ou feita de papel, junto do Santíssimo exposto. Poderá ser trazida de casa, envolvendo, assim, a família*).

CÂNTICO (Henrique Faria) *Levar ao altar a flor*

Jesus Cristo, és meu amigo
Vais a meu lado e eu vou contigo.
Jesus Cristo estás em mim,
quero cantar-te dizendo assim:

**És para mim, Jesus,
Caminho e grande Luz!
És para mim, Senhor,
Meu Bem e grande Amor!**

Para ti está voltado
Meu coração, Jesus amado.
Jesus Cristo, és todo meu,
Meu coração é todo teu.

Jesus Cristo, estou contente
E vou dizê-lo a toda a gente.
Na voz da minha oração,
Rezando alto esta canção:

Tu dizes, “Isto vos mando:
Amai-vos todos como eu vos amo”.
Ó Jesus a ti vou dar
A minha vida para te amar.

Orientador: (De joelhos) Agora podemos ajoelhar e rezar a oração que o Anjo ensinou aos pastorinhos. Inclinem a cabeça e fechemos os olhos. Digam comigo (*As crianças repetem as frases*):

Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-vos. / Peço-vos perdão para os que não crêem,/ não adoram,/ não esperam / e não vos amam.

Orientador: Em silêncio, olhemos para Jesus e para a flor que oferecemos. A flor representa cada um de nós. Entreguemos a Jesus e a Maria a nossa vida, a nossa família e todas as pessoas que estão no nosso coração... (*Breve silêncio*)

Invoquemos Jesus e Maria, repetindo:
Sagrado Coração de Jesus, eu tenho confiança em vós!
Imaculado Coração de Maria, eu tenho confiança em vós!

Bênção e (ou) reposição do Santíssimo (*Se não houver sacerdote é só reposição*)

Orientador: Agora Jesus Eucaristia vai ser levado para o sacrário enquanto cantamos, louvando-O.

CÂNTICO: (Henrique Faria)

**Cantai comigo, povos da terra e anjos do céu:
Glória ao Senhor, aleluia! Glória ao Senhor, aleluia!**

Povos da terra louvai ao Senhor,
Anjos e santos cantai seu louvor.

Orientador: (De pé) Não podemos esquecer-nos de rezar o rosário. Foi um pedido de Nossa Senhora... Como os pastorinhos, queremos viver unidos ao Coração de Jesus e ao Coração de Maria. Nossa Senhora vai dizer-nos muitas vezes: Não tenhais medo!

Vamos em paz para nossas casas e confiemos em Jesus e em Maria que nos acompanham sempre. *Ámen.*

CÂNTICO FINAL

**Cantemos alegres a uma só voz:
Francisco e Jacinta, rogai por nós.**

Salve, salve, pastorinhos
Nosso encanto e alegria.
Salve, salve, pastorinhos
Prediletos de Maria.

Cantemos alegres ...

ABANDONAR-SE NO SENHOR

Célia Cabecinhas

1. INTRODUÇÃO/MOTIVAÇÃO

Na segunda aparição de Nossa Senhora em Fátima, a 13 de junho de 1917, Deus, por Maria, convida-nos à confiança.

No diálogo com a Lúcia, Maria disse: “Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”.

Deixemo-nos guiar por Maria e abandonemo-nos em Deus. É d’Ele que ela fala. É n’Ele que confia e se abandona na esperança.

Aceitando o convite de Maria, voltemo-nos para Deus. Ele é O incondicionalmente fiel, Ele é a nossa força, nossa segurança, o nosso refúgio, o sempre presente na Sua aparente ausência.

O medo em nós não poderá ter lugar porque está connosco O Deus Uno e Trino, Pai, Filho e Espírito Santo.

Abramo-nos à Sua presença! À presença de Deus vivo e verdadeiro em Jesus Eucaristia.

Façamos deste tempo de adoração, um momento de encontro confiante com o Senhor. Abandonemo-nos n’Ele!

2. EXPOSIÇÃO DO SANTÍSSIMO

Cântico (Repetir enquanto se expõe o Santíssimo)

Senhor, eu creio que sois Cristo,

eu creio que sois Cristo, Filho de Deus vivo

Eu creio Senhor, que sois o Salvador do mundo.

Que sois o Salvador do mundo.

Ou

Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-Vos.
Peço-Vos perdão para os que não crêem,
não adoram, não esperam e não Vos amam.

Silêncio de adoração

Oração em louvor do Santíssimo Sacramento

(Rezar pausadamente)

Ministro: SENHOR ENSINAI-NOS A ADORAR, a adorar-Vos a Vós, Filho de Deus, Palavra eterna do Pai, realmente presente na Eucaristia.

Leitor 1 – Que a nossa adoração seja o reconhecimento simples e sincero da Vossa presença real, da vossa transcendência divina, do vosso amor misericordioso, da Vossa ternura de Bom Pastor. Adoramo-Vos porque confiamos em Vós e em Vós depositamos todo o nosso desejo de viver, todo o nosso anseio de felicidade, todo o amor com que amamos os irmãos. Adoramo-Vos porque Vós sois tudo para nós, em vós está o segredo da nossa vida, a fonte da nossa esperança.

Leitor 2 – Ensinai-nos a adorar-Vos com todo o nosso ser, o nosso corpo e os seus dinamismos, o nosso espírito e os seus anseios.

Que a nossa adoração seja oferta de todo o nosso ser, confiança na Vossa capacidade de o redimir, desejo de Vos conhecer e de Vos amar. Que o nosso corpo saiba encontrar, em contacto com o vosso, a sua própria maneira de Vos amar e de Vos manifestar a nossa ternura e o nosso desejo de fidelidade, sem esquecer que a adoração que Vós preferis é a do coração, aquela dos que Vos adoraram em espírito e verdade.

Leitor 3 – Queremos aprender com Maria, Vossa e nossa Mãe, a maneira silenciosa de Vos contemplar, a solicitude para Vos acolher e Vos consolar, e a ousadia para vos interpelar, como o fez naquela festa de casamento, em Caná da Galileia. Queremos aprender com Ela, queremos adorar sempre com Ela, pois, como Mãe da Igreja, Ela estará sempre com quem adora.

Leitor 4 – Que a nossa adoração seja experiência de intimidade convosco, onde vos poderemos revelar para melhor vos conhecermos.

Leitor 5 – Senhor, ensinai-nos a fazer da nossa adoração um louvor da Santíssima Trindade, a perceber, adorando-Vos, que o Pai vos ama no Espírito Santo e que Vós sois o caminho, o único caminho, que nos levará ao Pai.

Ministro: Senhor, semeai no nosso coração o desejo de Vos adorar; Senhor, atraí-nos para Vós; Senhor, conduzi-nos ao Pai, na unidade amorosa do Vosso Espírito Santo.

Cântico: Meu Deus eu creio...

Silêncio de adoração

Leitura do Livro de Isaías 43, 1-5

Eis o que diz o SENHOR,
o que te criou, ó Jacob,
o que te formou, ó Israel:
«Nada temas, porque Eu te resgatei,
e te chamei pelo teu nome; tu és meu.
Se tiveres de atravessar as águas, estarei contigo,
e os rios não te submergirão.
Se caminhares pelo fogo, não te queimarás,

e as chamas não te consumirão.
Porque Eu, o SENHOR, sou o teu Deus;
Eu, o Santo de Israel, sou o teu salvador.
Entrego o Egito por teu resgate,
a Etiópia e Sebá em troca de ti.
Visto que és precioso aos meus olhos,
que te estimo e te amo,
entrego reinos em teu lugar,
e nações, em vez da tua pessoa.
Não tenhas medo, que Eu estou contigo.
Palavra do Senhor.

Silêncio de adoração

Salmo 26 (27) - Confiança no Senhor
(Rezado pausadamente por quantos leitores se achar conveniente)

Introdução: Tendo o Senhor, o que nos poderá fazer temer?
Rezemos o salmo 26 que é uma oração de confiança no meio dos perigos. Confiança centrada em Deus, cheia de doçura e de segurança na Sua proteção.

Refrão:

Em Vós, Senhor, está a minha confiança.
Está a minha confiança.

Ou

O Senhor é a minha força, ao Senhor o meu canto.
Ele é nosso Salvador, n'Ele eu confio e nada temo.
N'Ele eu confio e nada temo.

O SENHOR é minha luz e salvação:
de quem terei medo?
O SENHOR é o baluarte da minha vida:
quem me assustará?

Ainda que um exército me cerque,
o meu coração não temerá.
Mesmo que me declarem guerra,
ainda assim terei confiança.

Uma só coisa peço ao SENHOR
e ardentemente a desejo:
habitar na casa do SENHOR todos os dias da minha vida,
para saborear o seu encanto
e ficar em vigília no seu templo.

Ref.

No dia da adversidade, Ele me abrigará na sua cabana;
há-de esconder-me no interior da sua tenda
e colocar-me no alto de um rochedo.

Agora, Ele ergue a minha cabeça
acima dos inimigos que me rodeiam.
Oferecerei sacrifícios de louvor no seu santuário,
cantarei e entoarei hinos ao SENHOR.

Ouve, SENHOR, a voz da minha súplica,
tem compaixão de mim e responde-me.
O meu coração murmura por ti,
os meus olhos te procuram;
é a tua face que eu procuro, SENHOR.

Ref.

Não desvies de mim o teu rosto,
nem afastes, com ira, o teu servo.
Tu és o meu amparo: não me rejeites nem abandones,
ó Deus, meu salvador!

Ainda que meu pai e minha mãe me abandonem,
o SENHOR há-de acolher-me.
Ensina-me, SENHOR, o teu caminho,
guia-me por sendas direitas,
por causa dos que me perseguem.

Creio, firmemente, vir a contemplar
a bondade do SENHOR, na terra dos vivos.
Confia no SENHOR!
Sê forte e corajoso, e confia no SENHOR!

Ref.

Silêncio de adoração

Cântico de aclamação

- Aleluia...
- Tua Palavra me dá vida... (Ou outro)

Eu sou o bom pastor, diz o Senhor:
conheço as minhas ovelhas e elas conhecem-Me.

Evangelho de Jesus Cristo segundo S. João 10, 11-18

Naquele tempo, disse Jesus: «Eu sou o Bom Pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. O mercenário, como não é pastor, nem são suas as ovelhas, logo que vê vir o lobo, deixa as ovelhas e foge, enquanto o lobo as arrebatava e dispersa. O mercenário não se preocupa com as ovelhas. Eu sou o Bom Pastor: conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-Me, do mesmo modo que o Pai Me conhece e Eu conheço o Pai; Eu dou a vida pelas minhas ovelhas.

Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil e preciso de as reunir; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só Pastor. Por isso o Pai Me ama: porque dou a minha vida, para poder retomá-la. Ninguém Me tira, sou Eu que a dou espontaneamente. Tenho o poder de a dar e de a retomar: foi este o mandamento que recebi de meu Pai».

Palavra da Salvação.

Silêncio de adoração (Ou breve reflexão se se considerar conveniente)

Salmo 23 (24)

(O salmo poderá ser cantado por um ou dois solistas)

Introdução: Como pastor, Deus é a nossa proteção cuidando com amor do seu rebanho. A relação de proteção assim expressa, envolve total compromisso e profunda ternura.

Refrão: O Senhor é meu pastor: nada me faltará.

1. O Senhor é meu pastor: nada me falta.
Leva-me a descansar em verdes prados,
conduz-me às águas refrescantes
e reconforta a minha alma.

2. Ele me guia por sendas direitas por amor do seu nome.
Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,
não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo:
o vosso cajado e o vosso báculo me encham de confiança.

3. Para mim preparais a mesa
à vista dos meus adversários;
com óleo me perfumais a cabeça
e meu cálice transborda.

4. A bondade e a graça hão-de acompanhar-me
todos os dias da minha vida,
e habitarei na casa do Senhor
para todo o sempre.

Silêncio de adoração

PRECES

Ministro: Reunidos no Senhor que está presente no meio de nós, oremos com confiança dizendo/ cantando:

– Cristo, pão do céu, dá-nos a vida eterna.

Ou

– Em Vós Senhor eu pus a minha esperança.
Sois o meu Deus. Toda a minha vida está nas vossas mãos.

– Cristo, Filho de Deus vivo, enriquece sempre a Igreja com a celebração fiel dos santos mistérios e torna-a, pela Tua graça, Igreja santa.

– Cristo, hóspede invisível do nosso banquete, entra em nossa casa, para ceiar connosco e permaneceres no meio de nós para sempre.

– Cristo, rei eterno, com teu poder faz de nós, expressão fiel do teu rosto.

– Cristo, médico celeste, restitui a saúde aos doentes, o ânimo aos abatidos e a esperança aos pecadores.

– Cristo, sacerdote da nova e eterna aliança, dá-nos muitas e santas vocações sacerdotais, religiosas e missionárias, que sejam sinal de esperança para o mundo.

– Cristo, maná descido do céu, concede a todo o homem, compreender e experimentar que Tu és o verdadeiro alimento.

– Cristo, rei da eterna glória, torna participantes da Tua Ressurreição os nossos irmãos que já partiram.

Oração: Pai Nosso...

Hino (Cantado)

Veneremos, adoremos
A presença do Senhor,
Nossa luz e pão da Vida,
Cante a alma o seu louvor.
Adoremos no sacrário
Deus oculto por amor.

Dêmos glória ao Pai do Céu,
Infinita majestade,
Glória ao Filho e ao Santo Espírito,
Em espírito e verdade
Veneremos, adoremos
A Santíssima Trindade. *Ámen.*

Ministro: Senhor Jesus Cristo,
que neste admirável sacramento
nos deixastes o memorial da vossa paixão,
concedei-nos a graça de venerar de tal modo
os mistérios do vosso Corpo e Sangue,
que sintamos continuamente os frutos da vossa redenção.
Vós que sois Deus, com o Pai, na unidade do Espírito Santo.
R/. *Ámen.*

Bênção (Quando está presente um ministro ordenado)

Invocações:

Bendito seja Deus.
Bendito o seu santo Nome.
Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
Bendito o Nome de Jesus.
Bendito o seu Sacratíssimo Coração.
Bendito o seu Preciosíssimo Sangue.
Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.
Bendito o Espírito Santo Paráclito.
Bendita a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima.
Bendita a sua santa e Imaculada Conceição.
Bendita a sua gloriosa Assunção.
Bendito o Nome de Maria, Virgem e Mãe.
Bendito São José, seu castíssimo Esposo.
Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

Cântico (Durante a reposição)

Louvai o Senhor, povos de toda a terra!
Aclamai, aclamai a Deus com brados de alegria.
Aclamai, aclamai a Deus com brados de alegria.

Ou

Oh Verdadeiro Corpo do Senhor;
Nascido para nós da Virgem Mãe,
Penhor da eterna glória prometida!
Oh verdadeiro Corpo do Senhor!

VIA-SACRA COM OS PASTORINHOS

Manuel dos Santos José

A vida de todo o ser humano comporta a face dolorosa e a face jubilosa. É bom que, na medida do possível, haja alguém que presida ou anime este ato de piedade (P); dois leitores e alguém que escolha os cânticos e os comece. Sugere-se um breve silêncio (alguns segundos) após cada estação. Quem preside depois dirá: «Tende piedade de nós, Senhor»; o povo responde: «Tende piedade de nós».

Presidente (P): Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos (T): Ámen.

Leitor (L1): Fazer a Via-Sacra é sempre uma boa oportunidade para tomarmos consciência do grande amor de Deus por todos nós. “Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu próprio Filho Jesus Cristo”. E Jesus, no seu amor, foi até à loucura da cruz. Chegada a sua hora, Jesus entregou-Se.

Leitor (L2): Vamos fazer esta Via-Sacra na companhia dos Pastorinhos de Fátima. Esperamos receber, através deles, um forte estímulo para a nossa caminhada para Deus.

P: Senhor, dá-me um coração grande para amar, um coração humilde e simples como o dos Pastorinhos.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

PRIMEIRA ESTAÇÃO

Jesus é condenado à morte

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Jesus está diante de Pilatos e da multidão que grita: “Crucifica-O! Crucifica-O”! E Jesus não diz uma só palavra para Se defender. Pilatos sabe bem que as acusações feitas contra Jesus são pura mentira e quer soltá-l’O. Mas sente medo e entrega-O para ser crucificado. Jesus, o Santo, o Justo vai ser crucificado, e Barrabás, o assassino, vai ser libertado.

L2: Muito teve a Lúcia de sofrer para não entrar pelo caminho da mentira. Via a mãe aflita, querendo a todo o custo obrigá-la a confessar a sua mentira. E o seu único desafogo eram as lágrimas derramadas diante de Deus enquanto Lhe oferecia o seu sacrifício. (*cf. Memórias Irmã Lúcia, I, MIL, I, 10.ª Edição, 2005, pág. 83*).

P: Senhor, toca o meu coração, ilumina a minha mente e fortalece a minha vontade, para viver na Verdade e da Verdade que és Tu, ó Jesus.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

SEGUNDA ESTAÇÃO

Jesus carrega a sua Cruz

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Depois de Jesus ter sido condenado à morte, trazem-Lhe uma cruz. Jesus olha para ela, abre os braços para a acolher e recebe-a com amor.

L2: Conta a Irmã Lúcia que o que mais a fazia sofrer era a indiferença que os seus pais mostravam por ela. E dizia: Meus tios, para defender seus filhos, entregam-se eles. Meus pais entregam-me com a maior indiferença... Mas, assim tenho a dita de sofrer mais pelo meu Deus e pela conversão dos pecadores” (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 89*).

P: Senhor, não Te peço que tires de meus ombros a cruz, mas que me dês a força do teu Espírito Santo para a levar com amor, até ao fim.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

TERCEIRA ESTAÇÃO

Jesus cai pela primeira vez

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa santa Cruz remistes o mundo.

L1: A flagelação a que Jesus foi sujeito, a coroa de espinhos que levava cravada na cabeça, a pesada cruz que carregava aos ombros fazem-n’O vacilar e cai por terra... Mas no Seu grande amor, levanta-Se e prossegue a caminhada para o Calvário.

L2: Ao verem a Lúcia a chorar, pela perseguição que lhe moviam em casa, um dia, o Francisco disse à Jacinta: “Vês? Tu é que tens a culpa!” Se não tivesses dito nada... “A pobre criança, chorando, pôs-se de joelhos, com as mãos postas, a pedir perdão: “Fiz mal – dizia, chorando – mas eu nunca mais digo nada a ninguém!” (Cf. *MIL, I, Ib, pág. 49*).

P: Senhor, que, com a Tua graça, eu sempre me levante após cada uma das minhas quedas, e nunca desista de Te seguir e de Te amar.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

QUARTA ESTAÇÃO

Jesus encontra sua Mãe

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Maria vai ao encontro de Seu divino Filho, que carrega a Cruz para o Calvário. Quando O vê, totalmente desfigurado, sente uma dor pungente em seu Coração de Mãe, mas não se revolta. Comunga, profundamente, no amor e na dor de seu Filho. Ama com Ele, sofre com Ele e com Ele suplica misericórdia e perdão para a humanidade pecadora.

L2: Na aparição de junho de 1917, Nossa Senhora disse à Lúcia, mergulhada em grande sofrimento: “Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus” (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 175*).

P: Senhora do caminho do Calvário, vem connosco a caminhar. Ampara-nos sempre, mas especialmente nos momentos de maior dor e sofrimento. Leva-nos a Jesus e com Jesus ao Pai.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

QUINTA ESTAÇÃO

Jesus é ajudado pelo Cireneu a levar a Cruz

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: O Cireneu vinha do campo, cansado do trabalho, e foi obrigado a levar a cruz de Jesus. A princípio, fê-lo contrariado, mas depressa notou que Jesus transpirava paz, amor, perdão. E deixou-se cativar para sempre.

L2: Havia na freguesia de Fátima, uma velhinha, chamada Maria Carreira, a quem os filhos mandavam pastorear um rebanho de cabras e ovelhas, pouco domesticadas. Estas, às vezes, tresmalhavam-se-lhe e ela ficava muito aflita. O Francisco era o primeiro a correr em seu auxílio, juntando-lhe as que se tinham tresmalhado. A pobre velhinha chamava-lhe o seu Anjinho da guarda (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 158*).

P: Senhor, ajuda-me a ir ao encontro dos que vivem esmagados sob o peso de suas cruzes. Que eu seja para eles, um verdadeiro cireneu. Neles, Tu me esperas!

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

SEXTA ESTAÇÃO

A Verónica enxuga o rosto de Jesus

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Conta a tradição que uma mulher, ao ver Jesus com o sangue a correr-lhe pelas faces, comovida, aproximou-se d'Ele e enxugou-Lhas com uma toalha, e conta ainda que o rosto de Jesus ficou estampado no pano.

L2: Um dia, a senhora Emília, da freguesia do Olival, Ourém, foi buscar a Lúcia e a Jacinta para passarem três dias em sua casa. Quando chegaram à aldeia onde morava, já noite, vieram pedir-lhes para irem rezar o terço com o povo. No caminho, saiu ao seu encontro uma rapariga, a chorar, pedindo que entrassem em sua casa a rezar ao menos uma Ave-Maria pelas melhoras de seu pai. A Jacinta ficou e a Lúcia foi rezar o terço com o povo. Ao voltar, encontrou a Jacinta em frente dum homem que chorava de comoção porque estancaram os soluços que o importunavam, noite e dia, havia três anos (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 183-184*).

P: Senhor, que eu saiba reconhecer-Te no irmão que sofre, enxugue as lágrimas de seus olhos e lance sementes de esperança por onde quer que passe.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

SÉTIMA ESTAÇÃO

Jesus cai pela segunda vez

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Jesus, cada vez mais exausto, cai por terra pela segunda vez. Com a violência da queda, todas as feridas se reabrem e voltam a sangrar! E mais uma vez, Jesus levanta-Se e prossegue o Seu caminho.

L2: Lúcia tinha uma tia, casada na Fátima, cujo filho único abandonara a casa paterna, e não se sabia nada que era feito dele. Aflita, veio a Aljustrel, e pediu à Jacinta que intercedesse por ele a Nossa Senhora. Passados alguns dias, o filho apareceu em casa a pedir perdão aos pais; e contou a sua história: Estava preso na cadeia de Torres Novas, mas uma noite conseguiu fugir. Julgando-se perdido, caiu de joelhos e começou a rezar. Viu a seu lado a Jacinta, que lhe pegou pela mão e o conduziu a uma estrada, fazendo-lhe sinal que continuasse por ali. Quando amanheceu, achou-se a caminho de Boleiros, Fátima. Comovido, dirigiu-se a casa dos pais. A Jacinta, interrogada, respondeu que só pedira muito por ele a Nossa Senhora, com pena da tia Vitória (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 183-184*).

P: Senhor Jesus, derrama em meu coração o dom da compaixão! Que eu seja para os irmãos caídos, expressão viva da misericórdia do Pai como a Jacinta o foi para o filho da Tia Vitória.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

OITAVA ESTAÇÃO

Jesus consola as filhas de Jerusalém

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Algumas mulheres de Jerusalém batiam no peito, soltavam grandes lamentos e derramavam copiosas lágrimas com pena de Jesus. Disse-lhes Ele: “Não choreis por Mim. Chorai, antes, por vós mesmas e pelos vossos filhos”. E podia dizer-lhes, a elas, e a nós também: Chorai pelos vossos pecados. São eles que me levam a morrer, pregado nesta Cruz.

L2: Quando chegou o momento de o Francisco ir para o Céu, a Jacinta fez-lhe esta recomendação: “Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora e diz-lhes que sofro tudo quanto Eles quiserem, para converter os pecadores e reparar o Imaculado Coração de Maria” (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 60*).

P: Dá-me, Senhor Jesus Cristo, um coração capaz de me condoer do irmão que sofre e de espargir por toda a parte o Teu suave odor.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

NONA ESTAÇÃO

Jesus cai pela terceira vez

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: O esgotamento de Jesus é quase total, e cai pela terceira vez. Jesus Cristo, o Homem-Deus, ali está caído por terra. Irá levantar-Se ainda desta vez? Está tão exausto! Mas o Seu amor leva-O mais longe, sempre mais longe! Ele quer ser o Amor crucificado! Jesus quer dizer-te a ti e a mim, nesta Via-sacra: “Amei-te até ao fim”.

L2: “O que mais impressionava e absorvia o Francisco era Deus... E exclamava: Como é Deus!!! Não se pode dizer... Gosto tanto de Deus!” (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 141.145*). O seu maior desejo era responder com amor a tanto amor de Deus.

P: Senhor, arranca do meu peito o coração de pedra! Livra-me desta indiferença que me envenena a vida. Dá-me somente a tua graça, que esta me basta.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

DÉCIMA ESTAÇÃO

Jesus é despojado das suas vestes

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Já no Calvário, vai consumir-se a obra do despojamento de Jesus. Suas vestes são-Lhe retiradas, sem dó nem piedade. Jesus é agora um Homem despojado de tudo, até da sua dignidade de ser humano. É o aniquilamento total, que Jesus aceita por amor.

L2: Nossa Senhora visitou a Jacinta, na sua doença, e perguntou-lhe se queria ainda converter mais pecadores. E ela disse que sim. Então a Mãe do Céu anunciou-lhe que ela ia sozinha para um hospital, que lá sofreria muito. Mas que não tivesse medo que Ela ia lá buscá-la para o Céu. E a Jacinta lá foi, sozinha, em despojamento total, mas com um grande amor em seu coração (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 60.62*).

P: Senhor Jesus, contemplo-Te desnudado, lívido, desfigurado! Faz-me entrar decididamente pelo caminho do dom, certo de que há mais alegria em dar que em receber, e que é dando que se recebe.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

DÉCIMA PRIMEIRA ESTAÇÃO

Jesus é cravado na Cruz

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Chegou o momento de crucificarem Jesus. Lançam-n’O sobre a cruz e cravam-Lhe as mãos e os pés com grossos cravos. A cruz é levantada e metida num buraco escavado na rocha. Ao cair dentro dele, o Corpo de Jesus é sacudido, de alto a baixo, e um sofrimento atroz percorre todo o seu ser! Jesus tudo aceita e perdoa. E no seu grande amor, vai dar à Humanidade o último bem que Lhe resta: sua Mãe. Ele a dá na pessoa do discípulo predileto, a quem diz: «Eis a tua Mãe». E a partir daquela hora, o discípulo recebe-a, em sua casa (*Cf. Jo 19,25-27*).

L2: Conta a Irmã Lúcia que, no tempo das aparições, quando, à noite, se juntavam, à lareira, a mãe, o irmão Manuel e ela, esperando pelo pai para cear, a mãe dizia, com profunda tristeza: “Meu Deus! Para onde foi a alegria deste lar!” E prorrompia em amargo pranto. A Lúcia sentia o coração despedaçar-se pela amargura de sua mãe; para não aumentar o seu sofrimento, retirava-se para o poço. Aí, de joelhos, debruçada sobre as lajes que o cobriam, juntava às águas do poço as suas lágrimas e oferecia a Deus o seu sofrimento (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 80-81*).

P: Senhor, faz-me compreender que só serei teu verdadeiro discípulo se estiver pronto a perdoar a quem me ofender e a fazer da minha vida um dom a Deus e aos outros.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

DÉCIMA SEGUNDA ESTAÇÃO

Jesus morre na Cruz

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Jesus passou três longas horas, em agonia, na Cruz. Pres-tes a morrer, exclamou: “Tudo está consumado”. O Centurião, que era um homem pagão, ao ver e ouvir tudo o que se passou na paixão e morte de Jesus, não hesitou em confessar: “Verdadeiramente, este Homem era o Filho de Deus”.

L2: Um dia, Jacinta e Lúcia brincavam às prendas, em casa dos pais da Lúcia. Esta ganhou e mandou à Jacinta que tirasse o crucifixo da parede e, de joelhos, lhe desse três beijos e três abraços. Contou-lhe, depois, a história da paixão de Jesus. A pequena enterneceu-se e, chorando, disse: “Eu não quero que Nosso Senhor sofra mais. Não hei de fazer nunca nenhum pecado” (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 39-40*).

P: Senhor Jesus, que uma só coisa eu tema – ofender-Te. Que nada deseje tanto como amar-Te. Que eu deixe de olhar tanto para mim, para olhar, sobretudo, para Ti e para os crucificados dos nossos dias.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

DÉCIMA TERCEIRA ESTAÇÃO

Jesus nos braços de sua Mãe

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: O dia caminhava para o fim... Era preciso sepultar Jesus antes do pôr-do-sol, mas sua Mãe pôde ainda acolhê-l'O em seus braços. E Maria, a Senhora da Soledade, ficou, assim, sem dizer palavra, sem um lamento, sequer! Acompanhem-na, também nós, em profundo silêncio (alguns segundos); e rezemos baixinho: "Piedade, Senhor, piedade!"

L2: Na aparição de outubro de 1917, Nossa Senhora, tomando um ar triste, disse: "Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido" (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 97*); e na aparição de Pontevedra, Espanha, em 1925, disse à Lúcia: "Olha, minha filha, o meu Coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos me cravam, com blasfêmias e ingratidões. Tu, ao menos, procura consolar-Me" (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 192*).

P: Ó Virgem Mãe de Deus e Mãe nossa, alcança-nos de teu divino Filho a graça de uma verdadeira conversão. Guia nossos passos até Jesus.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

DÉCIMA QUARTA ESTAÇÃO

Jesus é sepultado no túmulo novo

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: A pedra que fechava a entrada do túmulo de Jesus parecia dizer: Tudo acabou. A morte de Jesus na cruz foi a morte de todas as esperanças e a sua vida, um rotundo fracasso. Os seus inimigos podiam esfregar as mãos de contentes enquanto os Apóstolos ficaram totalmente desorientados, sem nada conseguir entender. Mas, em breve iria surgir a manhã gloriosa de Páscoa, e o sol da esperança havia de brilhar do Oriente ao Ocidente.

L2: A Irmã Lúcia escreveu no seu livro de Memórias que o túmulo não aniquila tudo, e a felicidade do amor eterno e infinito começa já. Por isso, esperava firmemente o grande “dia das aleluias eternas” (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 135*).

P: Senhor Jesus, a Tua morte na cruz foi o começo de uma nova e surpreendente Primavera de Vida. Que não busquemos, nem queiramos outra glória, senão aquela que nos vem da Tua cruz.

(Breve silêncio)

P: Tende piedade de nós, Senhor!

T: Tende piedade de nós!

DÉCIMA QUINTA ESTAÇÃO (Totalmente facultativa)

Jesus sai vitorioso do túmulo

P: Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

T: Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

L1: Fixemos o nosso olhar na cruz que nos acompanhou nesta Via-Sacra. Antes de Jesus, a cruz era o mais terrível sinal de morte. Mas a partir da morte de Jesus a cruz tornou-se sinal da vida para sempre, da vocação de todo o ser humano ao amor, da vitória definitiva sobre a morte, a chave que nos abre as portas do Céu.

L2: Na aparição de 13 de maio de 1917, a Lúcia perguntou a Nossa Senhora: “De onde é Vossemecê?” “Sou do Céu” “E eu também vou para o Céu?” “Sim, vais” “E a Jacinta?” “Também”. E o Francisco? “Também, mas tem de rezar muitos terços” (*Cf. MIL, I, Ib, pág. 173*).

P: Senhor Jesus, a tua Cruz é Fonte de vida: nela, é lavado todo o pecado do mundo, o ser humano purificado de suas iniquidades, o mundo é salvo! Ó Cruz bendita, manancial de vida, vencedora do mal, do pecado e da morte.

P: A terminar, pode rezar-se pelas intenções do Santo Padre: Pai nosso, Ave-Maria, Glória ao Pai.

IV

**MISSAS PARA AS PEREGRINAÇÕES
ANIVERSÁRIAS**

MAIO

«A DEUS NADA É IMPOSSÍVEL» (Lc 1, 37)

12 de maio – Domingo

Missa da Solenidade da Ascensão do Senhor (Missal Romano, p. 373).

1.^a leitura: Act 1, 1-11 «*Elevou-Se à vista deles*» (Leccionário Dominical C, p. 243).

2.^a leitura: Ef 1, 17-23 «*Colocou-O à sua direita nos Céus*» (Leccionário Dominical C, p. 245).

Evangelho: Lc 24, 46-53 «*Enquanto os abençoava, foi elevado ao Céu*» (Leccionário Dominical C, p. 247); Lc 24, 50-53, em línguas.

13 de maio – segunda-feira

Missa de Nossa Senhora de Fátima (Missal Romano, p. 848)

1.^a leitura: Ap 21, 3-4 «*Vi a nova Jerusalém, bela como noiva adornada para o seu esposo*» (Leccionário Santoral, p. 431).

2.^a leitura: Rm 8, 28-30 «*Os que Ele de antemão conheceu, também os predestinou*» (Leccionário Santoral, p. 434).

Evangelho: Lc 11, 27-28 «*Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre*» (Leccionário Santoral, p. 146).

JUNHO

DÊMOS RAZÕES DA NOSSA ESPERANÇA (CF. 1 PE 3, 15)

12 de junho – quarta-feira

Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus (Missal Romano, p. 1259)

1.^a leitura: Is 49, 13-15 «*Ainda que a mulher esquecesse o seu filho, Eu nunca te esquecerei*» (Leccionário VIII, p. 1037).

2.^a leitura: Rm 5, 5-11 «*O amor de Deus foi derramado em nossos corações*» (Lecionário VIII, p. 1046).

Evangelho: Mt 11, 25-30 «*Sou manso e humilde de coração*» (Lecionário VIII, p. 1051); Mt 11, 28-30, em línguas.

13 de junho – quinta-feira

Missa Votiva do Coração Imaculado de Maria (Missal da Virgem Santa Maria, p. 141)

1.^a leitura: Jdt 13, 17-20; 15, 9 «*Tu és a honra do nosso povo*» (Lecionário da Virgem Santa Maria, p. 128).

2.^a leitura: 1 Pe 3, 14-17 «*Venerai Cristo Senhor em vossos corações, prontos sempre a responder sobre a razão da vossa esperança*» (Lecionário Santoral, p. 472).

Evangelho: Lc 2, 46-51 «*Guardava todas estas acontecimentos em seu coração*» (Lecionário da Virgem Santa Maria, p. 131); Lc 2, 48-51, em línguas.

JULHO

DEUS PERMANECE FIEL (CF. 2 Tm 2,13; Rm 3, 3)

12 de julho – sexta-feira

Missa Votiva da Santíssima Trindade (Missal Romano, p. 431)

1.^a leitura: Ex 34, 4b-6.8-9 «*O Senhor é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para Se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade*» (Lecionário Dominical A, p. 359).

2.^a leitura: 2 Cor 13, 11-13 «*A graça de Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo*» (Lecionário Dominical A, p. 360).

Evangelho: Jo 3, 16-18 «*Deus enviou o seu Filho ao mundo para que o mundo seja salvo por Ele*» (Lecionário Dominical A, p. 361); Jo 3, 16-17, em línguas.

13 de julho – sábado

Missá da Virgem Santa Maria, amparo da fé (Missal da Virgem Santa Maria, p. 169)

1.^a leitura: Jdt 13, 14. 17-20 «*Hoje aniquilastes os inimigos do vosso povo*» (Lecionário da Virgem Santa Maria, p. 157).

2.^a leitura: 2 Tm 2, 8-13 «*Cristo permanece fiel, porque não pode negar-Se a Si mesmo*» (Lecionário Dominical C, p. 384).

Evangelho: Mt 12, 46-50 «*Apontando para os discípulos, disse: Estes são a minha mãe e os meus irmãos*» (Lecionário Santoral, p. 440); Mt 12, 48-50, em línguas.

AGOSTO

MOSTRAI-NOS O VOSSO ROSTO (CF. SL 79, 20)

12 de agosto – segunda-feira

Missá para diversas necessidades: pelos emigrantes (Missal Romano, p. 1232)

1.^a leitura: Dt 10, 17-19 «*Deus ama o estrangeiro, a quem dá pão e vestuário*» (Lecionário VIII, p. 824).

2.^a leitura: Heb 13, 1-3.14-16 «*Não esqueçais a hospitalidade*» (Lecionário VIII, p. 829).

Evangelho: Mt 7, 7-11 «*Quem pede recebe*» (Lecionário VIII, p. 858); Mt 7, 7-8.11, em línguas.

13 de agosto – terça-feira

Missá da Virgem Maria, Mãe da divina Providência (Missal da Virgem Santa Maria, p. 190)

1.^a leitura: Is 66, 10-14c «*Como a mãe que anima o seu filho, também Eu vos confortarei*» (Lecionário da Virgem Santa Maria, p. 179).

2.^a leitura: 2 Cor 1, 3-7 «*Deus nos conforta em todas as tribulações, para podermos consolar aqueles que estão atribulados*» (Lecionário da Virgem Santa Maria, p. 183).

Evangelho: Jo 2, 1-11 «*Estava lá a Mãe de Jesus*» (Lecionário da Virgem Santa Maria, p. 165); Jo 2, 1-3a.5.11a, em línguas.

SETEMBRO

A NOSSA ESPERANÇA ESTÁ NO SENHOR (CF. 2 Rs 18, 5)

12 de setembro – quinta-feira

Missa para dar graças a Deus (Missal Romano, p. 1241)

1.^a leitura: Sir 50, 24-26 (gr. 22-24) «*Deus realiza grandes coisas em toda a terra*» (Lecionário VIII, p. 862).

2.^a leitura: Rm 8, 31b-39 *Nenhuma criatura «poderá separar-nos do amor de Deus»* (Lecionário ferial 2 – T. Comum, anos ímpares, p. 630).

Evangelho: Jo 16, 20-22 «*Ninguém vos poderá tirar a vossa alegria*» (Lecionário VIII, p. 877); Jo 16, 21-22, em línguas.

13 de setembro – sexta-feira

Missa da Virgem Maria, mãe da santa esperança (Missal da Virgem Santa Maria, p. 178)

1.^a leitura: Sir 24, 14-16. 24-31 «*Eu sou a mãe da santa esperança*» (Lecionário da Virgem Santa Maria, p. 163).

2.^a leitura: Rm 4, 13.16-18 «*Esperando contra toda a esperança, acreditou*» (Lecionário ferial 2 – T. Comum, anos ímpares, p. 599).

Evangelho: Lc 1, 26-38 «*A Deus nada é impossível*» (Lecionário da Virgem Santa Maria, p. 67); Lc 1, 35-37, em línguas.

OUTUBRO

«MANTENHAMOS FIRME A CONFIANÇA» (HEB 3, 14)

12 de outubro – sábado

Missa da Dedicção da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Missal Romano, p. 1143)

1.^a leitura: Is 56, 1.6-7 «*A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos*» (Lecionário Santoral, p. 394).

2.^a leitura: 1 Pe 2, 4-9 «*Como pedras vivas, entrais na construção do templo espiritual*» (Lecionário Santoral, p. 405).

Evangelho: Lc 19, 1-10 «*Hoje entrou a salvação nesta casa*» (Lecionário Santoral, p. 407); Lc 19, 1-2.5-6.9, em línguas.

13 de outubro – Domingo

Missa do XXVIII do Tempo Comum (Missal Romano, p. 422)

1.^a leitura: 2 Rs 5, 14-17 «*Naamã foi ter novamente com o homem de Deus*» e *confessou a sua fé no Senhor* (Lecionário Dominical C, p. 382).

2.^a leitura: Heb 3, 7-14 «*Mantenhamos firme até ao fim a confiança inicial*» (Lecionário ferial 2 – T. Comum, anos ímpares, p. 58).

Evangelho: Lc 17, 11-19 «*Não se encontrou quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro*» (Lecionário Dominical C, p. 385); Lc 17, 11-13.15.17a.19, em línguas.

V

**PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA
TEXTOS DE APOIO**

TEXTOS DE APOIO

«Aproximando-Se deles, Jesus tocou-lhes, dizendo: “Levantai-vos e não tendes medo”» (Mt 17,7). Como os três apóstolos no episódio da Transfiguração, as pessoas consagradas sabem por experiência que a sua vida nem sempre é iluminada por aquele fervor sensível que faz exclamar: «É bom estarmos aqui» (Mt 17,4). Porém, é sempre uma vida “tocada” pela mão de Cristo, abrangida pela sua voz, sustentada pela sua graça.

«Levantai-vos e não tendes medo». Este encorajamento do Mestre é dirigido obviamente a todo o cristão. Mas, por maior força de razão, vale para quem foi chamado a “deixar tudo” e, portanto, a “arriscar tudo” por Cristo. Isto vale, de modo particular, quando, com o Mestre, se desce do “monte” para tomar a estrada que do Tabor leva ao Calvário.

Ao referir que Moisés e Elias falavam com Cristo do seu mistério pascal, Lucas significativamente usa o termo “partida” [*éxodos*]: «falavam da sua partida que iria consumir-se em Jerusalém» (Lc 9,31). “Êxodo”: palavra fundamental da revelação à qual toda a história da salvação faz referência e que exprime o sentido profundo do mistério pascal. Tema particularmente grato à espiritualidade da vida consagrada e que manifesta bem o seu significado. Nele, está inevitavelmente incluído o que pertence ao *Mysterium Crucis*. Mas este difícil “caminho exodal”, visto da perspectiva do Tabor, aparece colocado entre duas luzes: a luz preanunciadora da Transfiguração e a luz definitiva da Ressurreição.

Vita Consecrata 40

Irmãos e Irmãs: não tenhais medo de acolher Cristo e de aceitar o Seu poder! E ajudai o Papa e todos aqueles que querem servir a Cristo e, com o poder de Cristo, servir o homem e a humanidade inteira! Não, não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo! Ao Seu poder salvador abri os confins dos Estados, os sistemas económicos assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso! Não tenhais medo! Cristo sabe bem «o que é que está dentro do homem». Somente Ele o sabe!

Hoje em dia muito frequentemente o homem não sabe o que traz no interior de si mesmo, no profundo do seu ânimo e do seu coração, muito frequentemente se encontra incerto acerca do sentido da sua vida sobre esta terra. E sucede que é invadido pela dúvida que se transmuta em desespero. Permiti, pois – peço-vos e vo-lo imploro com humildade e com confiança – permiti a Cristo falar ao homem. Somente Ele tem palavras de vida; sim, de vida eterna.

João Paulo II, *Discurso de inauguração do Pontificado*, 1978

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC) § 1432

O coração do homem apresenta-se pesado e endurecido. É preciso que Deus dê ao homem um coração novo. A conversão é antes de tudo uma obra da graça de Deus que reconduz nossos corações a ele: «Converte-nos a ti, Senhor, e nos converteremos» (Lm 5,21). Deus nos dá a força de começar de novo. É descobrindo a grandeza do amor de Deus que o nosso coração experimenta o horror e o peso do pecado e começa a ter medo de ofender a Deus pelo mesmo pecado e de ser separado dele. O coração humano converte-se olhando para aquele que foi traspassado por nossos pecados. Fixemos os nossos olhos no sangue de Cristo para compreendermos como é precioso a seu Pai porque, derramado para a nossa salvação, dispensou ao mundo inteiro a graça do arrependimento.

CIC 1808

A fortaleza é a virtude moral que dá segurança nas dificuldades, firmeza e constância na procura do bem. Ela firma a resolução de resistir às tentações e superar os obstáculos na vida moral. A virtude da fortaleza torna-nos capazes de vencer o medo, inclusive da morte, de suportar a provação e as perseguições. Dispõe a pessoa a aceitar até a renúncia e o sacrifício da sua vida para defender uma causa justa. «Minha força e meu canto é o Senhor» (Sl 118,14). «No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo» (Jo 16,33).

CIC 1062

Em hebraico, a palavra *amen* está ligada à mesma raiz da palavra “crer”. Esta raiz exprime a solidez, a confiabilidade, a fidelidade. Assim, compreendemos por que o *amen* pode ser dito da fidelidade de Deus para conosco e da nossa confiança nele.

CIC 39

Ao defender a capacidade da razão humana de conhecer a Deus, a Igreja exprime a sua confiança na possibilidade de falar de Deus a todos os homens e com todos os homens. Esta convicção está na base de seu diálogo com as outras religiões, com a filosofia e com as ciências, como também com os não-crentes e os ateus.

CIC 2620

No Novo Testamento, o modelo perfeito da oração encontra-se na prece filial de Jesus. Feita muitas vezes na solidão, no segredo, a oração de Jesus implica uma adesão amorosa à vontade do Pai até a cruz e uma confiança absoluta de ser ouvido.

CIC 2469

«Os homens não poderiam viver juntos se não tivessem confiança recíproca, quer dizer, se não manifestassem a verdade uns aos outros». A virtude da verdade devolve ao outro o que lhe é devido. A veracidade observa um justo meio entre aquilo que deve ser expresso e o segredo que deve ser guardado; implica a honestidade e a discrição. Por justiça, «um homem deve honestamente a outro a manifestação da verdade».

CIC 1820

A esperança cristã manifesta-se desde o início da pregação de Jesus no anúncio das bem-aventuranças. As bem-aventuranças elevam a nossa esperança ao céu, como para a nova Terra prometida; traçam o caminho por meio da provação reservada aos discípulos de Jesus. Mas, pelos méritos de Jesus Cristo e da sua Paixão, Deus guarda-nos na «esperança que não dececiona» (Rm 5,5). A esperança é a “âncora da alma”) segura e firme, “penetrando... onde Jesus entrou por nós, como precursor» (Hb 6,19-20). Também é uma arma que nos protege no combate da salvação: «Revestidos da couraça da fé e da caridade e do capacete da esperança da salvação» (1 Ts 5,8). Ela traz-nos alegria mesmo na provação: «alegrando-vos na esperança, perseverando na tribulação» (Rm 12,12). Ela exprime-se e alimenta-se na oração, especialmente no Pai-Nosso resumo de tudo o que a esperança nos faz desejar.

CIC 470

Uma vez que na união misteriosa da Encarnação «a natureza humana foi assumida, não aniquilada», a Igreja tem sido levada, ao longo dos séculos, a confessar a plena realidade da alma humana, com as suas operações de inteligência e vontade, e a do corpo humano de Cristo. Mas, paralelamente, teve de lembrar todas as vezes que a natureza humana de Cristo pertence *in proprio* à pessoa divina

do Filho de Deus que a assumiu. Tudo o que Cristo é e o que faz nela depende do “Um da Trindade”. Por conseguinte, o Filho de Deus comunica à sua humanidade o seu próprio modo de existir pessoal na Trindade. Assim, na sua alma como no seu corpo, Cristo exprime humanamente os modos divinos de agir da Trindade:

[O Filho de Deus] trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.

CONCÍLIO VATICANO II

Entretanto, vai crescendo a convicção de que o género humano não só pode e deve aumentar cada vez mais o seu domínio sobre as coisas criadas, mas também lhe compete estabelecer uma ordem política, social e económica, que o sirva cada vez melhor e ajude indivíduos e grupos a afirmarem e desenvolverem a própria dignidade.

Daqui vem a insistência com que muitos reivindicam aqueles bens de que, com uma consciência muito viva, se julgam privados por injustiça ou por desigual distribuição. As nações em vias de desenvolvimento, e as de recente independência desejam participar dos bens da civilização, não só no campo político mas também no económico, e aspiram a desempenhar livremente o seu papel no plano mundial; e, no entanto, aumenta cada dia mais a sua distância, e muitas vezes, simultaneamente, a sua dependência mesmo económica em relação às outras nações mais ricas e de mais rápido progresso. Os povos oprimidos pela fome interpelam os povos mais ricos. As mulheres reivindicam, onde ainda a não alcançaram, a paridade de direito e de facto com os homens. Os operários e os camponeses querem não apenas ganhar o necessário para viver, mas desenvolver, graças ao trabalho, as próprias qualidades; mais

ainda, querem participar na organização da vida económica, social, política e cultural. Pela primeira vez na história dos homens, todos os povos têm já a convicção de que os bens da cultura podem e devem estender-se efetivamente a todos.

Gaudium et Spes 9

Já que a paz deve antes nascer da confiança mútua do que ser imposta pelo terror das armas, todos devem trabalhar para que se ponha, finalmente, um termo à corrida aos armamentos e para que se inicie, progressivamente e com garantias reais e eficazes, a redução dos mesmos armamentos, não unilateral, evidentemente, mas simultânea e segundo o que for estatuído.

Gaudium et Spes 82

No entanto, evitem os homens entregar-se apenas aos esforços de alguns, sem se preocuparem com a própria mentalidade. Pois os governantes, responsáveis pelo bem comum da própria nação e ao mesmo tempo promotores do bem de todo o mundo, dependem muito das opiniões e sentimentos das populações. Nada aproveitarão com dedicar-se à edificação da paz, enquanto os sentimentos de hostilidade, desprezo e desconfiança, os ódios raciais e os preconceitos ideológicos dividirem os homens e os opuserem uns aos outros. Daqui a enorme necessidade duma renovação na educação das mentalidades e na orientação da opinião pública. Aqueles que se consagram à obra de educação, sobretudo da juventude, ou que formam a opinião pública, considerem como gravíssimo dever o procurar formar as mentalidades de todos para novos sentimentos pacíficos. Todos nós temos, com efeito, de reformar o nosso coração, com os olhos postos no mundo inteiro e naquelas tarefas que podemos realizar juntos para o progresso da humanidade.

Gaudium et Spes 82

Para edificar a paz, é preciso, antes de mais, eliminar as causas das discórdias entre os homens, que são as que alimentam as guerras, sobretudo as injustiças. Muitas delas provêm das excessivas desigualdades económicas e do atraso em lhes dar remédios necessários. Outras, porém, nascem do espírito de dominação e do desprezo das pessoas; e, se buscamos causas mais profundas, da inveja, desconfiança e soberba humanas, bem como de outras paixões egoístas. Como o homem não pode suportar tantas desordens, delas provém que, mesmo sem haver guerra, o mundo está continuamente envenenado com as contendas e violências entre os homens. E como se verificam os mesmos males nas relações entre as nações, é absolutamente necessário, para os vencer ou prevenir, e para reprimir as violências desenfreadas, que os organismos internacionais cooperem e se coordenem melhor e que se fomentem incansavelmente as organizações que promovem a paz.

Gaudium et Spes 83

MEMÓRIAS DA IRMÁ LÚCIA

Imaculado Coração

– Jacinta, então tu não queres oferecer este sacrifício a Nosso Senhor? – Lhe perguntei.

– Quero; mas lembro-me de minha mãe e choro sem querer.

Então, como a Santíssima Virgem nos tinha dito que oferecêsemos também as nossas orações e sacrifícios para reparar os pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, quisemos combinar a oferecer cada um pela sua intenção. Oferecia um pelos pecadores, outro pelo Santo Padre e outro em reparação pelos pecados contra o Imaculado Coração de Maria. Feita a combinação, disse à Jacinta que escolhesse qual a intenção por que queria oferecer.

– Eu ofereço por todas, porque gosto muito de todas.

Memórias, p. 53

Amor da Jacinta ao Coração Imaculado de Maria

Pouco tempo antes de ir para o hospital, dizia-me:

– Já me falta pouco para ir para o Céu. Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no Mundo a devoção do Imaculado Coração de Maria. Quando for para dizeres isso, não te escondas. Diz a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria; que Lhas peçam a Ela; que o Coração de Jesus quer que, a Seu lado, se venere o Coração Imaculado de Maria; que peçam a paz ao Imaculado Coração de Maria, que Deus Lha entregou a Ela. Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!

Memórias, p. 130

Na segunda aparição, 13 de Junho (de) 1917, o Francisco impressionou-se muito com a comunicação do reflexo que já disse no segundo escrito que foi no momento em que Nossa Senhora disse:

– O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus. Ele parecia não ter, no momento, a compreensão dos factos, talvez por não Lhe ser dado ouvir as palavras que os acompanhavam. Por isso, depois, perguntava:

– Para que estava Nossa Senhora com um coração na mão, espalhando pelo mundo essa luz tão grande que é Deus? Tu estavas com Nossa Senhora na luz que descia para a terra, e a Jacinta, comigo, na que subia para o Céu.

Memórias, p. 143

– Esta gente fica tão contente só por a gente Lhe dizer que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendesses a ler! O que seria, se soubessem o que Ela nos mostrou em Deus, no Seu Imaculado Coração, nessa luz tão grande! Mas isso é segredo, não se lhes diz. É melhor que ninguém o saiba.

Memórias, p. 144

Pedi a cura dum doente.

– Se se converter, curar-se-á durante o ano.

– Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu.

– Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração.

– Fico cá sozinha? – perguntei, com pena.

– Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus. Foi no momento em que disse estas últimas palavras que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora, estava um coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação.

Memórias, p. 175

Aqui, fiz alguns pedidos que não recordo bem quais foram. O que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezarem o terço para alcançarem as graças durante o ano. E continuou:

– Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Memórias, p. 176

Depois falou com entusiasmo de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e dizia:

– Gosto tanto de sofrer por Seu amor! Para dar-Lhes gosto! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores. Esse tempo destinado para a visita passou rápido; e minha tia lá estava para me levar. Perguntou à sua filhinha se queria alguma coisa. Pediu para me trazer outra vez, quando voltasse a vê-la. E minha boa tia, que queria dar gosto à sua filhinha, lá me levou uma segunda vez. Encontrei-a com a mesma alegria por sofrer por amor de nosso bom Deus, do Imaculado Coração de Maria, pelos pecadores e pelo Santo Padre; era o seu ideal, era no que falava.

Memórias, p. 61

– E tu? Sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus. A Jacinta, quando me via chorar, consolava-me, dizendo:

– Não chores. Decerto são estes os sacrifícios que o Anjo disse que Deus nos ia enviar. Por isso, é para O reparar a Ele e converter os pecadores que tu sofres.

Memórias, p. 83

Como é que a Jacinta, tão pequenina, se deixou possuir e compreendeu um tal espírito de mortificação e penitência? Parece-me que foi: primeiro, por uma graça especial que Deus, por meio do Imaculado Coração de Maria, lhe quis conceder; segundo, olhando para o inferno e desgraça das almas que aí caem. Algumas pessoas, mesmo piedosas, não querem falar às crianças do inferno, para não as assustar; mas Deus não hesitou em mostrá-lo a três e uma de 6 anos apenas e que Ele sabia se havia de horrorizar a ponto de, quase me atrevia a dizer, de susto se definhar.

Memórias, p. 123

Em outra ocasião, fomos para a Lapa do Cabeço. Chegados aí, prostrámo-nos por terra, a rezar as orações do Anjo. Passado algum tempo, a Jacinta ergue-se e chama por mim:

– Não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente, a chorar com fome, e não tem nada para comer? E o Santo Padre em uma Igreja, diante do Imaculado Coração de Maria, a rezar? E tanta gente a rezar com Ele? Passados alguns dias, perguntou-me:

– Posso dizer que vi o Santo Padre e toda aquela gente?

– Não. Não vês que isso faz parte do segredo? que por aí logo se descobria?

– Está bem; então não digo nada.

Memórias, p. 128

VI

PROGRAMA OFICIAL DO SANTUÁRIO

DA PÁSCOA A OUTUBRO

07:30	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário
09:00	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário Aos Domingos, na Basílica da Santíssima Trindade À quinta-feira, missa internacional, na Capelinha
10:00	Rosário, na Capelinha, aos sábados e Domingos
11:00	Missa, transmitida pela comunicação social Aos Domingos, no Recinto, seguida de Procissão do Adeus De segunda-feira a sábado, na Basílica da Santíssima Trindade
12:00	Rosário, na Capelinha, de segunda a sexta-feira
12:30	Missa, na Capelinha Aos Domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
14:00	Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha
15:00	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário Aos Domingos, na Basílica da Santíssima Trindade Em agosto, de segunda a sexta-feira, na Basílica da Santíssima Trindade
16:00	Rosário, na Capelinha, aos Domingos
16:30	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário Aos Domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
17:00	Saudação a Nossa Senhora, na Capelinha, aos sábados
17:30	Procissão Eucarística, no Recinto, aos Domingos
18:30	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário. À quinta-feira, na Capela do Santíssimo Sacramento
	Rosário, na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas (à quinta-feira, Procissão Eucarística)

Nota: Nos dias santos e feriados nacionais de 25 de abril, 1 de maio e 10 de junho segue-se o programa de Domingo.

11 a 13 de maio a outubro – Peregrinação Aniversária

Dia 11

18:30 – Missa dos peregrinos a pé, na Basílica Nossa Senhora do Rosário. Em maio e agosto, na Basílica da Santíssima Trindade.

Dia 12

07:30 – Via-sacra, aos Valinhos, partindo da Capelinha e terminando na Capela de Santo Estêvão, com a Eucaristia. Pede-se aos grupos que se abstenham de fazer via-sacra própria, entre as 07:30 e as 09:00, para não perturbar a via-sacra oficial.

Missas, em português, de manhã:

07:30 – Basílica Nossa Senhora do Rosário

09:00 – Basílica Nossa Senhora do Rosário

11:00 – Basílica da Santíssima Trindade

12:30 – Basílica Nossa Senhora do Rosário

Concelebrações em línguas estrangeiras, na Capelinha:

07:30 – Alemão

08:30 – Inglês

09:30 – Francês

10:30 – Espanhol

11:30 – Neerlandês

12:30 – Italiano

13:30 – Polaco

14:00 – Encontro para guias de peregrinos a pé, na Casa de Nossa Senhora das Dores

16:30 – Missa, com a participação dos doentes

17:30 – Procissão Eucarística, no Recinto

18:30 – Início oficial da peregrinação, na Capelinha

21:30 – Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas

22:30 – Eucaristia, no Recinto

Notas:

Em outubro, por ser sábado:

- Reza-se o Rosário às 10:00, na Capelinha
- As concelebrações das 09:30 e 10:30 celebram-se na Capela da Morte de Jesus
- Celebra-se Missa às 15:00, na Basílica Nossa Senhora do Rosário.

Em maio, por ser Domingo:

- De manhã, segue-se o programa de Domingo (não há concelebrações em línguas estrangeiras)
- Celebra-se Missa às 15:00, na Basílica da Santíssima Trindade
- À tarde, segue-se o programa dos dias 12.

A Missa das 16:30 celebra-se:

- Na Basílica Nossa Senhora do Rosário, em junho, julho e setembro
- No Recinto, em maio, agosto e outubro

Dia 13

Noite de Vigília:

00:00 às 02:00 – Adoração Eucarística, na Basílica Nossa Senhora do Rosário; em maio, na Basílica da Santíssima Trindade

02:00 às 03:15 – Via-sacra, no Recinto

03:15 às 03:30 – Café (atrás da Capelinha)

03:30 às 04:15 – Celebração Mariana, na Capelinha

04:30 às 05:30 – Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário

05:30 às 07:00 – Adoração com Laudes do Santíssimo Sacramento, na Basílica Nossa Senhora do Rosário

07:00 – Procissão Eucarística, no Recinto

Celebração final:

09:00 – Rosário, na Capelinha

10:00 – Procissão para o Altar, Missa, Bênção dos Doentes e Procissão do Adeus, no Recinto.

Nota:

A missa das 15:00 é celebrada pelas intenções dos benfeitores do Santuário.

DE NOVEMBRO À PÁSCOA

07:30	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário
09:00	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário Aos Domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
10:00	Rosário, na Capelinha, aos Domingos
11:00	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário, transmitida pela comunicação social Aos sábados e Domingos, na Basílica da Santíssima Trindade No dia 8 de dezembro, no Recinto
12:00	Rosário, na Capelinha, de segunda a sábado
12:30	Missa, na Capelinha Aos Domingos, na Basílica Nossa Senhora do Rosário
14:00	Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha, aos sábados e Domingos (exceto Domingos da Quaresma)
	Via-sacra, na Quaresma: aos Domingos, no Recinto, às sextas-feiras, na Colunata
15:00	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário Aos Domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
16:00	Rosário, na Capelinha, aos Domingos

Programa oficial do Santuário

16:30	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário Aos Domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
17:30	Vésperas, na Basílica Nossa Senhora do Rosário, aos Domingos
18:30	Missa, na Basílica Nossa Senhora do Rosário. À quinta-feira, na Capela do Santíssimo Sacramento
	Rosário, na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	Rosário, na Capelinha. A Procissão das Velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira: Procissão Eucarística) e aos sábados, do Advento à Quaresma

Nota: Nos dias santos, segue-se o programa de Domingo.

12 E 13 DE NOVEMBRO A ABRIL – PEREGRINAÇÃO MENSAL

Dia 12

21:30 – Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas

Nota: Em março, porque é Quaresma, não há Procissão das Velas.

Dia 13

10:00 – Rosário, na Capelinha

10:45 – Procissão

11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade

Notas:

- Não se reza o Rosário às 12:00; a missa das 12:30 é celebrada na Basílica Nossa Senhora do Rosário
- A missa das 15:00 é celebrada pelos benfeitores do Santuário
- Em fevereiro, porque é Dia de Cinzas, este programa não se realiza.

PRIMEIROS SÁBADOS

Os peregrinos podem aproveitar o programa oficial para esta devoção, pedida por Nossa Senhora, em Fátima, e que consiste no seguinte: confissão e comunhão com intenção reparadora, rosário e meditação dos mistérios durante 15 minutos.

Programa proposto pelo Santuário:

11:00 – Missa Internacional, na Basílica da Santíssima Trindade

14:00 – Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha

15:00 – Meditação e Adoração Eucarística, na Basílica da Santíssima Trindade (de novembro a abril, na Capela da Morte de Jesus).

Conclusão às 16:30.

UM DIA COM AS CRIANÇAS

No terceiro sábado de cada mês

10:00 – Acolhimento e preparação para a celebração, na Capela da Ressurreição de Jesus
11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade

12:15 – Catequese sobre a Mensagem de Fátima

13:00 – Almoço (livre)

14:30 – Preparação da Adoração, na Capela da Ressurreição de Jesus

14:45 – Adoração Eucarística, na Capela da Ressurreição de Jesus

15:30 – Despedida, na Capelinha

- Programa aberto à participação de todas as crianças;

- Os grupos devem inscrever-se no Serviço de Peregrinos (SEPE).

PEREGRINAÇÃO DE IDOSOS

De março a outubro: datas inscritas no calendário do Santuário

1.º dia (3.ª feira)

10:00 – Acolhimento, na Casa de Nossa Senhora das Dores

12:30 – Almoço

15:00 – Filme

16:00 – Reflexão

17:00 – Sacramento da Reconciliação

18:30 – Missa, na Capela dos Santos Anjos

19:30 – Jantar

21:30 – Rosário e Procissão das Velas

2.º dia (4.ª feira)

07:30 – Levantar

08:00 – Oração da manhã

08:30 – Pequeno-almoço

10:00 – Visita à Basílica da Santíssima Trindade

11:00 – Adoração, na Capela da Morte de Jesus

12:00 – Rosário, na Capelinha

12:30 – Missa, na Capelinha

13:30 – Almoço e despedida

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA

Mês de agosto: de segunda a sexta-feira, exceto dias 12 e 15 de agosto

15:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade

16:00 – Adoração Eucarística, na Basílica da Santíssima Trindade

16:45 – Procissão para a Capela do Santíssimo Sacramento

SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

Capela da Reconciliação:

Sábados e Domingos: 07:30 às 19:30

Segunda a sexta-feira: 07:30 às 13:00 e 14:00 às 19:30

De maio a outubro, dias 12: 07:30 às 19:30 e 20:30 às 22:30; dias 13: 07:00 às 19:30

BENÇÃO DOS VEÍCULOS

No parque junto à Livraria do Santuário:

Domingos, dias santos e feriados nacionais (exceto Sexta-feira Santa, dia 10 de junho e dias 13, de maio a outubro), às 12:45 e às 17:00.

BATISMOS

Celebração oficial: Domingos, às 11:30, na Basílica Nossa Senhora do Rosário

CASAMENTOS

Celebração oficial: sábados, às 12:00, na Basílica Nossa Senhora do Rosário

BODAS MATRIMONIAIS

No Santuário celebram-se bodas matrimoniais em todas as missas oficiais da semana, de segunda a sábado.

Exceções:

- quinta-feira, 09:00 (da Páscoa a outubro)

- sábados, 11:00 e vespertinas (15:00, 16:30 e 18:30)

- dias santos e celebrações das peregrinações internacionais aniversárias.

Os casais que pretendam fazer a renovação dos votos matrimoniais no Santuário devem fazer a sua inscrição na sacristia, 15 minutos antes da celebração da Eucaristia.

CASA DO JOVEM

Acolhimento aos jovens na Colunata Sul, aos sábados e Domingos nos meses de julho e agosto.

Horário: 09:00 às 12:30 e 14:30 às 19:00.

PEREGRINOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

PROGRAMA OFICIAL

Da Páscoa a outubro:

08:00 – Missa, em italiano, na Capelinha, de segunda-feira a sábado; Domingos e dias santos, na Capela da Morte de Jesus, sempre que haja grupos inscritos.

09:00 – Missa Internacional, na Capelinha, à quinta-feira.

10:00 – Rosário Internacional, na Capelinha, aos sábados, Domingos e dias santos.

11:00 – Missa Internacional, aos sábados, na Basílica da Santíssima Trindade; aos Domingos, dias santos e feriados nacionais – 25 de abril, 1 de maio e 10 de junho –, no Recinto.

15:30 – Missa, em inglês, na Capelinha, de segunda a sexta-feira.

17:30 – Procissão Eucarística, no Recinto, aos Domingos, dias santos e feriados nacionais – 25 de abril, 1 de maio e 10 de junho.

19:15 – Missa, em espanhol, na Capelinha.

21:30 – Rosário internacional, na Capelinha, e Procissão das Velas; à quinta-feira, Procissão Eucarística.

De novembro à Páscoa:

10:00 – Rosário Internacional, na Capelinha, aos Domingos e dias santos.

11:00 – Missa Internacional, na Basílica da Santíssima Trindade, aos Domingos e dias santos.

19:15 – Missa, em espanhol, na Capelinha, aos sábados.

21:30 – Rosário Internacional, na Capelinha. A Procissão das Velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira, Procissão Eucarística) e do Advento à Quaresma, aos sábados e dias 12.

Confissões

O Santuário coloca confessores à disposição dos peregrinos sempre que possível, de vários idiomas, sobretudo desde a Páscoa até outubro. Os horários para as confissões são afixados na Capela da Reconciliação.

FILMES

Os filmes a seguir listados são exibidos gratuitamente na sala de projeções situada na Colunata Norte, atrás da Azinheira Grande. A capacidade máxima da sala é de 55 lugares. Para grupos maiores, dependerá da disponibilidade de salas (reservas: info@fatima.pt).

Aparição

História das Aparições segundo a descrição da Irmã Lúcia nas suas *Memórias*.

Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 90 minutos.

Fátima, experiência de fé

Documentário sobre as Aparições e a Mensagem de Fátima.

Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, polaco, holandês, russo, húngaro, coreano, chinês e árabe.

Duração: 40 minutos.

Horários oficiais, de 16 de julho a 31 de agosto:

10:00 – Italiano (exceto sábado e Domingo)

11:00 – Francês (exceto sábado e Domingo)

12:00 – Inglês (exceto sábado e Domingo)

14:00 – Alemão

15:00 – Português

16:00 – Polaco

17:00 – Espanhol

Fátima no mundo – episódios I e II

Documentário disponível em português, espanhol, inglês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 51 minutos cada episódio.

O dia em que o sol bailou

História das Aparições em desenhos animados; especialmente dirigido a crianças.

Disponível em português.

Duração: 35 minutos.

Santíssima Trindade, adoro-vos profundamente

Documentário sobre as Aparições do Anjo.

Disponível em Português.

Duração: 25 minutos.

Todo teu, todo nosso – João Paulo II, peregrino e apóstolo de Fátima

Documentário sobre o papa João Paulo II e sua relação com Fátima.

Disponível em português.

Duração: 15 minutos.

Quereis oferecer-vos a Deus?

Documentário sobre a Primeira Aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos.

Duração: 25 minutos.

VISITAS GUIADAS

A secção de Informações orienta visitas guiadas gratuitas a grupos que não tenham guia, mediante marcação (reservas: info@fatima.pt).

LUGARES A VISITAR

Casas dos Pastorinhos

1 de maio a 31 de outubro: 09:00 às 13:00 e 14:30 às 18:30,

1 de novembro a 30 de abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00.

Entrada livre

Casa-Museu de Aljustrel (encerra à segunda-feira)

1 de maio a 31 de outubro: 09:00 às 13:00 e 14:30 às 18:30,

1 de novembro a 30 de abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00.

Exposição Fátima Luz e Paz (encerra à segunda-feira e dias 13 de manhã, de maio a outubro)

Terça a quinta-feira e sábado: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 17:30

Sexta-feira: 09:00 às 12:00 e 15:00 às 17:00

Domingos, dias santos e feriados: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 16:30.

Exposição Evocativa da Aparição de junho de 1917: “Ser, o segredo do Coração”

Convivium de Santo Agostinho

24 de novembro de 2012 a 31 de outubro de 2013

Segunda-feira a Domingo: 09:00 às 19:00.

Entrada livre.

VII

CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

LEGENDA

- A vermelho aparecem mencionadas as peregrinações.
- A verde aparecem mencionados os encontros e retiros.

CALENDÁRIO OFICIAL DO SANTUÁRIO

2 DE DEZEMBRO DE 2012 A 30 DE NOVEMBRO DE 2013

3.º CICLO DO SEPTENÁRIO

“NÃO TENHAIS MEDO”

NOVEMBRO

01	Qui	<ul style="list-style-type: none">• Todos os Santos – SOLENIDADE• Programa dos Domingos• Início do programa de Inverno
02	Sex	<ul style="list-style-type: none">• Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos• 11:00 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano
03	Sáb	<ul style="list-style-type: none">• Primeiro Sábado (pág. 236)• Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128)• Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima• Enc. do Mov. Juventude Nova (03-04)
04	Dom	<ul style="list-style-type: none">• XXXI do Tempo Comum• Reunião mensal dos Acólitos do Santuário
05	Seg	<ul style="list-style-type: none">• Ret. do Clero (05-09)
06	Ter	<ul style="list-style-type: none">• S. Nuno de Santa Maria, religioso – MO Sir 44, 1-3ab. 4. 6-7.10.13-14; Sl 17; Lc 14, 25-33 (Lec VII 344)

07	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • 41.º aniversário da ordenação presbiteral de D. António Marto
08	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
09	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Dedicação da Basílica de S. João de Latráo – FESTA • Magusto dos funcionários do Santuário • <i>Assembleia do Renovamento Carismático (09-11)</i>
10	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Leão Magno, papa e doutor da Igreja – MO • Reunião mensal dos Leitores do Santuário • <i>Ret. de doentes (10-13)</i>
11	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXII do Tempo Comum • Início da Semana dos Seminários • Compromisso dos novos Acólitos do Santuário
12	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e Procissão das velas • Congresso da <i>Association Nationale des Directeurs Diocésains de Pèlerinages</i> – ANDDP (Bourg en Bresse) (12 a 16) • <i>Reunião do Conselho Geral da Cáritas Portuguesa (12-13); Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (12-15)</i>
13	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Missa da Dedicação da Basílica da Santíssima Trindade • <i>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</i>
14	Qua	
15	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Redação da "Voz da Fátima"

16	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Assembleia do Renovamento Carismático (16-18); Ret. do Mov. Esperança e Vida (16-18) • Enc. de Juniores III da CIRP (16-18)
17	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • S. Isabel da Hungria, religiosa – MO • Reunião mensal dos Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário
18	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXIII do Tempo Comum • Encerramento da Semana dos Seminários – ofertório • Reunião mensal dos Acolhedores nas Celebrações do Santuário
19	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Ret. do Clero (19-23); Assembleia Geral da CIRP (19-21)
20	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC
21	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de Nossa Senhora – MO Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 426, 440) • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário – SESDI
22	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
23	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF • Enc. de Animadores dos Jovens sem Fronteiras (23-25); Enc. das Equipas de Nossa Senhora (23-25)

24	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • SS. André Dung-Lac, presbítero, e Companheiros, mártires – MO • Jornada de apresentação do tema do ano pastoral de 2012-2013; abertura da Exposição Evocativa da Aparição de junho de 1917: “Ser, o segredo do Coração” • Adoração com Crianças – Movimento da Mensagem de Fátima
25	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXIV do Tempo Comum • Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo – SOLENIDADE • 16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 1.ª conferência sobre o tema do ano: «<i>A minha alma magnifica o Senhor</i>»: <i>promessa e louvor nas vozes femininas da bíblia</i>, Armindo Vaz, Faculdade de Teologia, UCP • Capítulo Geral dos Missionários Scalabrinianos
26	Seg	
27	Ter	
28	Qua	
29	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião da Comissão Técnica de Gestão Económico-financeira do Santuário – COGEF • Reunião do Conselho de Administração do Santuário – COAD
30	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. André, apóstolo – FESTA • Curso de Postulantes da CIRP (30-02); Ret. do Mov. Mensagem de Fátima (30-02)

DEZEMBRO

01	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 236) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) • Feriado Nacional • 21:30 – Rosário e Procissão das velas • Festival Nacional da Canção Religiosa – Pastoral Juvenil; Enc. de formação dos CPM
02	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • I do Advento • Início do ano pastoral de 2012-2013
03	Seg	
04	Ter	
05	Qua	
06	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
07	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Vigília da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria • 21:30 – Rosário, na Capelinha, e procissão das velas para a Basílica da Santíssima Trindade, seguindo-se o canto do Hino <i>Akathistos</i> • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC • Curso de Juniores I da CIRP (07-09)

08	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE • Padroeira principal de Portugal • Programa dos Domingos 11:00 – Missa, no Recinto 21:30 – Rosário e Procissão das velas
09	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • II do Advento • 16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 2.^a conferência sobre o tema do ano: <i>A aprendizagem da confiança na descoberta de Deus: para uma espiritualidade da infância</i>, Maria João Ataíde, Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
10	Seg	
11	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa.
12	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e Procissão das velas
13	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
14	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Curso de Juniores II da CIRP (14-16)
15	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • 21:30 – Rosário e Procissão das velas

16	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • III do Advento • Bênção das imagens do Menino Jesus na Missa das 11:00
17	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Início da Novena do Natal – Tomam-se as leituras do dia do mês
18	Ter	
19	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Enc. do Reitor do Santuário com as Comunidades Religiosas de Fátima • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário – SESDI
20	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Capelães do Santuário – COCA
21	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF
22	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e Procissão das velas
23	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • IV do Advento • Festa de Natal dos funcionários e voluntários do Santuário • Concerto de Natal
24	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Vigília Natalícia, na Basílica da Santíssima Trindade 22:00 – Ensaio 22:15 – Ofício de Leitura 23:00 – Missa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo Neste dia não há Rosário às 21:30

25	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Natal do Senhor – SOLENIDADE • Programa dos Domingos • Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus • Ofertório para os pobres
26	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • S. Estêvão, primeiro mártir – FESTA
27	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. João, apóstolo e evangelista – FESTA • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Enc. de Formação Permanente das Filhas de Maria Auxiliadora (27-30)
28	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Santos Inocentes, Mártires – FESTA
29	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e Procissão das velas
30	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Sagrada Família de Jesus, Maria e José – FESTA
31	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Ação de Graças pelo ano findo 22:00 – Missa com <i>Te Deum</i> de Ação de Graças, na Basílica da Santíssima Trindade A seguir, procissão para a Capelinha e recitação do Rosário 00:00 – Toque do carrilhão, consagração ao Imaculado Coração de Maria e gesto da Paz 00:30 – Chá-convívio, no <i>Convivium</i> de Santo Agostinho Neste dia não há Rosário às 21:30

JANEIRO

01	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Santa Maria, Mãe de Deus – SOLENIDADE • XLVI Dia Mundial da Paz • Programa dos Domingos • Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus • Ofertório para os pobres • Após a missa das 15:00, procissão Eucarística pela Paz no mundo, para o Altar do Recinto, no 53.º aniversário do Lausperene. Far-se-á o ofertório no momento próprio • Neste dia não há Rosário, às 16:00, nem Vésperas
02	Qua	
03	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Administração do Santuário – COAD
04	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC
05	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 236) • Missa Votiva da Virgem Maria, mãe do Salvador Is 9, 1-3.5-6; Salmo 95; Lc 2, 1-14 (Missal VSM 50 / Lec VSM 40) • 21:30 – Rosário e Procissão das velas
06	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Epifania do Senhor – SOLENIDADE
07	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Curso de Noviços/as da CIRP (07-11)
08	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa

09	Qua	
10	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
11	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de Mensageiros Reparadores (1.º turno) (11-13) • Enc. de Animadores Pastorais das Migrações – Cáritas Portuguesa (11-13)
12	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e Procissão das velas • Enc. dos Salesianos
13	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Batismo do Senhor – FESTA • Peregrinação Mensal • 16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 3.ª conferência sobre o tema do ano: <i>Testemunhar a fidelidade de Deus onde a confiança vacila</i>, Tony Neves, Provincial da Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria
14	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Enc. da Associação de Reitores dos Santuários de Portugal (14-15) • Formação Permanente do Clero da diocese de Leiria-Fátima (1.º turno) (14-18)
15	Ter	
16	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário – SESDI
17	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Aniversário da restauração da diocese de Leiria-Fátima • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”

18	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Início do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • Missa Votiva pela unidade dos cristãos Cl 3, 9b-17; Jo 10, 11-16 (MR 1204 / Lec VIII 642, 647)
19	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Missa Votiva da Virgem Maria, mãe da unidade 1 Tim 2, 5-8; Jo 11, 45-52 (Missal VSM 183/ Lec VSM 166) • 21:30 – Rosário e Procissão das velas • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • <i>Mov. Mensagem de Fátima – Enc. das instituições que dão assistência aos peregrinos a pé</i> • <i>Enc. da Comissão Episcopal Laicado e Família</i>
20	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • II do Tempo Comum • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • <i>Mov. Mensagem de Fátima – Reunião de Secretariado Nacional</i> • <i>Enc. do Mov. Espiritualidade da Sagrada Família; Enc. da Comunidade Luz e Vida</i>
21	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • Formação Permanente do Clero da diocese de Leiria-Fátima (2.º turno) (21-25) • Enc. do Coordinamento Nazionale Pellegrinaggi Italiani – CNPI (21-23)
22	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
23	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos

24	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Francisco de Sales, bispo e doutor da Igreja – MO Ef 3, 8-12; Sl 36; Jo 15, 9-17 (Lec VII 535, 520) • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
25	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Conversão de S. Paulo, apóstolo – FESTA • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • Fórum de professores de Educação Moral e Religiosa Católica (25-27)
26	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Timóteo e S. Tito, bispos – MO 2 Tim 1, 1-8 ou Tit 1, 1-5; Lc 10, 1-9 (Lec VII 84, 86) • 21:30 – Rosário e Procissão das velas • Mov. Mensagem de Fátima – Enc. de Guias de Peregrinos a Pé (26-27) • Enc. dos Ministros Extraordinários da Comunhão de Leiria-Fátima
27	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • III do Tempo Comum
28	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Congresso da <i>Association des Recteurs de Sanctuaires</i> – ARS (Sacré Cœur de Montmartre, Paris) (28-30)
29	Ter	
30	Qua	
31	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. João Bosco, presbítero – MO Fil 4, 4-9; Mt18 1-5 (Lec VII 595, 610)

FEVEREIRO

01	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de Mensagens Reparadores (2.º turno) (01-03)
02	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do Senhor – FESTA • Primeiro Sábado (pág. 236) • 21:30 – Rosário e Procissão das velas
03	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • IV do Tempo Comum • Ofertório para a Universidade Católica
04	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. João de Brito, presbítero e mártir – MO 2 Cor 4, 7-15; Mc 6, 7-17 (Lec VII 468, 95) • Enc. de Formadores da CIRP (04-08)
05	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Conselho Presbiteral da diocese de Leiria-Fátima
06	Qua	
07	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Cinco Chagas do Senhor – FESTA • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Enc. de Hoteleiros de Fátima
08	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051) • Reunião sobre as vigílias noturnas das peregrinações aniversárias de 12-13 de maio a outubro

09	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Missal 857 / Lec VII 162) • 21:30 – Rosário e Procissão das velas • Gr. Interdiocesano de catequistas (09-10) • Apostolado de la Oración – Espanha (09-12) • Mov. Mensagem de Fátima – Enc. de responsáveis de retiros de doentes • Semana de Estudos sobre a Vida Consagrada (09-12)
10	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • V do Tempo Comum • 16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 4.^a conferência sobre o tema do ano: <i>Deus na arte do nosso tempo: o silêncio e a inquietude</i>, Paulo Pires do Vale, filósofo e curador
11	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Nossa Senhora de Lourdes – MO Is 66, 10-14c; Jo 2, 1-11 (Lec VII 104, 448) • Dia Mundial do Doente: 12:00 – Rosário, na Capelinha 14:30 – Palestra aos doentes, na Basílica da Santíssima Trindade 15:15 – Preparação da unção dos doentes 16:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade • 12.º Aniversário da ordenação episcopal de D. António Marto
12	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e Procissão das velas • Passeio dos Capelães do Santuário

13	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Cinzas – Início da Quaresma • (não se realiza o programa habitual de dia 13) • Dia de jejum e abstinência • Programa próprio (Basílica de Nossa Senhora do Rosário) <ul style="list-style-type: none"> 09:00 – Missa 10:00 – 10:30 – Adoração individual 10:30 – 11:00 – Adoração comunitária 11:00 – Missa 12:00 – 12:30 – Adoração individual 12:30 – 13:00 – Adoração comunitária 13:00 – 14:00 – Adoração individual 14:00 – 15:00 – Adoração comunitária 15:00 – Missa 16:00 – 16:30 – Adoração individual 16:30 – Missa 17:30 – 18:00 – Adoração individual 18:00 – 18:30 – Adoração comunitária 18:30 - Missa • 8.º aniversário do falecimento da Irmã Lúcia
14	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Cirilo, monge e S. Metódio, bispo, padroeiros da Europa – FESTA • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima” • Enc. de Guias Intérpretes (14-15) • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. das Mensageiras do Coração Imaculado de Maria (1.º turno) (14-17)
15	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC

16	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Família da Consolata
17	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • I da Quaresma 14:00 – Via-sacra, no Recinto 17:30 – Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário 14:00 às 18:00 – Via-sacra, desde os Olivais (Paróquia de Santa Catarina da Serra) até ao Santuário
18	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Ret. dos Missionários de Cristo Sacerdote (18-22); Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa; Ret. da Conferência Episcopal Portuguesa (18-22)
19	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Vigília da Festa Litúrgica dos Beatos Francisco e Jacinta Marto: rosário, na Capelinha, procissão e oração, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário
20	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Beatos Francisco e Jacinta Marto – FESTA 10:00 – Rosário, na Capelinha, e procissão para a Basílica da Santíssima Trindade com os ícones dos beatos 11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, e bênção das crianças (a procissão não regressa à Capelinha) • 93.º aniversário do falecimento da Beata Jacinta Marto • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário – SESDI

21	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Encontro de Comerciantes de Fátima
22	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Cadeira de S. Pedro, apóstolo – FESTA 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF • <i>Enc. Jubilar da Família Verbum Dei (22-23); Enc. do Mov. Famílias de Nazaré (22-24); Enc. das Filhas de Maria Auxiliadora (22-24)</i>
23	Sáb	
24	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • II da Quaresma 14:00 – Via-sacra, no Recinto • Ret. dos funcionários do Santuário (1.º turno) (24-27)
25	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ret. dos Sacerdotes do Patriarcado (25-01)</i>
26	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Encontro dos padres colaboradores do rosário das 18:30
27	Qua	
28	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Administração do Santuário – COAD

MARÇO

01	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC
02	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 236) • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto • Mov. Mensagem de Fátima – reunião da Comissão Coordenadora de Assistência aos Peregrinos a Pé (CCAPP)
03	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • III da Quaresma • Ofertório para a Cáritas Portuguesa • 14:00 – Via-sacra, no Recinto • Enc. da Família Doroteia
04	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Enc. da CIRP de Leiria-Fátima
05	Ter	
06	Qua	
07	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
08	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. João de Deus, religioso – MO • Leituras da Féria • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Reunião com os padres comentadores das peregrinações aniversárias de 12-13 de maio a outubro • Enc. das Fraternidades Agostinianas (08-10)

09	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Adoração com crianças • Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus • Gr. da Imaculada; Enc. dos Centros de Preparação para o Matrimónio (09-10)
10	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • IV da Quaresma 14:00 – Via-sacra, no Recinto 16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 5.^a conferência sobre o tema do ano: <i>Habitar o mundo na esperança e na bondade</i>, Henrique Joaquim, Presidente da Direção da «Comunidade Vida e Paz» • Ret. dos funcionários do Santuário (2.º turno) (10-13) • Mov. Mensagem de Fátima - Ret. de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • 103.º aniversário do nascimento da Beata Jacinta Marto
12	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
13	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Missa Votiva da Virgem Maria, mãe da reconciliação 2 Cor 5, 17-21; Jo 19, 25-27 (Missal VSM 86 / Lec VSM 74)

14	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Capelães do Santuário – COCA • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima” • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (14-17)
15	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima)
16	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto
17	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • V da Quaresma • 14:00 – Via-sacra, no Recinto • Diocese de Leiria-Fátima
18	Seg	
19	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • S. José, esposo da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (19-22)
20	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário – SESDI • Enc. Nacional de Catequese
21	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Evocação das Aparições do Anjo 21:30 – Rosário e procissão aos locais das Aparições do Anjo • Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima – COPA

22	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 106.º aniversário do nascimento da Irmã Lúcia • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Ret. de Diplomados Católicos (22-24)
23	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF
24	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Ramos na Paixão do Senhor • Dia Mundial da Juventude • Semana Santa 10:25 – Bênção dos ramos e procissão 11:00 – Missa, no Recinto 14:00 – Via-sacra, no Recinto 17:30 – Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário
25	Seg	
26	Ter	
27	Qua	
28	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Quinta-feira Santa 09:00 – Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário 14:30 – Vídeo, na sala de projeções: “Via-sacra do peregrino” 18:00 – Missa Vespertina da Ceia do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade 23:00 – Oração comunitária, na capela da Morte de Jesus: Agonia de Jesus • Ofertório para os pobres

29	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Sexta-feira da Paixão do Senhor 00:00 às 03:00 – Via-sacra aos Valinhos, com início na Capelinha 09:00 – Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário 15:00 – Celebração da Paixão do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade 21:00 – Via-sacra, no Recinto • Ofertório para os Lugares Santos de Jerusalém
30	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Sábado Santo 09:00 – Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário 10:30 – Vídeo, na sala de projeções: “Via-sacra papal” 12:00 – Rosário, na Capelinha 15:00 – Oração a Nossa Senhora da Soledade, na Capelinha 17:30 – Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário 22:00 – Vigília Pascal, na Basílica da Santíssima Trindade, seguida de procissão Eucarística para a Capela do Santíssimo Sacramento.
31	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Páscoa da Ressurreição do Senhor – SOLENIDADE • Início do programa de Verão 10:00 – Rosário, na Capelinha 11:00 – Missa, no Recinto 17:30 – Procissão Eucarística, no Recinto 21:30 – Rosário e Procissão das velas

ABRIL

01	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa • Início da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria; reunião com as religiosas de Fátima sobre a Hora de Reparação
02	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa • Mov. Mensagem de Fátima – Pereg. de idosos (02-03)
03	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa
04	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • 92.º aniversário do falecimento do Beato Francisco Marto • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (04-07)
05	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC
06	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa • Primeiro Sábado (pág. 236) • Pessoal das Telecomunicações (06-07)
07	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • II da Páscoa e da Divina Misericórdia • 15:00 – Concerto da Páscoa, no anfiteatro do Centro Pastoral de Paulo VI (entrada livre) • Gr. de Crianças Promotoras e Defensoras dos Direitos Humanos • Enc. da Comunidade Canção Nova

08	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Anunciação do Senhor – SOLENIDADE (transferida)
09	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
10	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Administração do Santuário – COAD
12	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Enc. de Postulantes da CIRP (12-14)
13	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Missa Votiva da Virgem Maria, fonte da luz e da vida Atos 2, 14a.36-40a.41-42; Salmo 33; Jo 12, 44-50 (Missal VSM 95 / Lec VSM 82)
14	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • III da Páscoa • 16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 6.ª conferência sobre o tema do ano: <i>Desafiado por Deus na liberdade e na confiança</i>, António Martins, Faculdade de Teologia, UCP
15	Seg	
16	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • 86.º aniversário natalício do Papa Bento XVI • Visita Pastoral do Bispo de Leiria-Fátima ao Santuário de Fátima (16-21) • Mov. Mensagem de Fátima – Pereg. de idosos (16-17)
17	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário – SESDI

18	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima” • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (18-21)
19	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Missa do Aniversário da Eleição do Papa • 8.º aniversário da eleição do Papa Bento XVI • Curso Sub 10 da CIRP (19-21)
20	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 • Sociedade de S. Vicente de Paulo (20-21) • Enc. de Reparadoras Missionárias da Santa Face (20-21)
21	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • IV da Páscoa • Domingo do Bom Pastor • Dia Mundial de Oração pelas Vocações
22	Seg	
23	Ter	
24	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • XXV Enc. da Pastoral da Saúde (24-27)
25	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Marcos, evangelista – FESTA • Feriado Nacional • Programa dos Domingos • V Encontro de Coros Infantis

26	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF • Ret. da Associação Fraternitas (26-28) • Adoración Nocturna – Espanha (26-28)
27	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, rainha dos apóstolos Atos 1, 12-14; 2, 1-4; Salmo 86; Jo 19, 25-27 (Missal VSM 103 / Lec VSM 89) • Movimento Esperança e Vida (27-28) • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto
28	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • V da Páscoa • Mov. Mensagem de Fátima – Reunião do Secretariado Nacional
29	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. Catarina de Sena, virgem e doutora de Igreja – FESTA
30	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Peregr. de idosos (30-01)

MAIO

01	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • S. José, operário – MO • Feriado Nacional • Programa dos Domingos • Peregrinação Nacional dos Acólitos
02	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
03	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Filipe e S. Tiago, apóstolos – FESTA • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC

04	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 236) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (MR 857; Lec VII 162) • Gr. Oração das Mães
05	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • VI da Páscoa • Dia da Mãe • 66.º aniversário natalício de D. António Marto
06	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Enc. da CIRP de Leiria-Fátima
07	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • 18.º aniversário da ordenação presbiteral do Reitor do Santuário
08	Qua	
09	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Rogações • Missa Votiva pela santificação do trabalho humano 1Tes 4, 1b-2.9-12; Mt 25, 14-30 (MR 1224 / Lec VIII 788, 791) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha
10	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • 18:30 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade – Peregrinos a Pé
12	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Ascensão do Senhor – SOLENIDADE • Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social – Ofertório • Início da Semana da Vida • Peregrinação Internacional Aniversária • Conferência de Imprensa

13	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA • 13.º aniversário da beatificação de Francisco e Jacinta Marto
14	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • S. Matias, apóstolo – FESTA • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
15	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário – SESDI
16	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
17	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Enc. Interescolas do 1.º ciclo
18	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Missa Votiva de Nossa Senhora do Cenáculo Act 1, 6-14; Lc 8, 19-21 (MVSM 98 / Lec VSM 86) • Família Salesiana (18-19) • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto • Mov. Encontro Matrimonial
19	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Pentecostes – SOLENIDADE • Enc. da Comunidade Luz e Vida
20	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Semana VII do Tempo Comum
21	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Ret. organizado pelas Servas da Santa Igreja (21-25)
22	Qua	

23	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Trindade 2 Cor 13, 11-13; Jo 3, 16-18 (Missal 431 / Lec I 360) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (23-26) • Reunião do Conselho de Administração do Santuário – COAD
24	Sex	
25	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF • Mov. Mensagem de Fátima – Adoração com crianças • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto • Enc. dos Colégios Maristas
26	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Santíssima Trindade – SOLENIDADE • Diocese de Portalegre e Castelo Branco
27	Seg	
28	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Assembleia Diocesana do Clero de Leiria-Fátima • Federação das Associações de Feirantes • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (28-31)
29	Qua	
30	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Eucaristia • Leituras da Féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião da Comissão Técnica de Gestão Económico-financeira do Santuário – COGEF
31	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Visitação de Nossa Senhora – FESTA

JUNHO

01	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 236) • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto
02	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo – SOLENIDADE • Dia nacional do Cigano • Família Dehoniana
03	Seg	
04	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Conselho Presbiteral da Diocese de Leiria-Fátima • Mov. Mensagem de Fátima – Peregr. de idosos (04-05)
05	Qua	
06	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva de Santa Maria, templo do Senhor 1 Reis 8, 1.3-7.9-11; Salmo 83; Lc 1, 26-38 (Missal VSM 122 / Lec VSM 109) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário – COPA • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (06-09)
07	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Sagrado Coração de Jesus – SOLENIDADE • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário - SEAC
08	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Imaculado Coração da Virgem Santa Maria – MO
09	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • X do Tempo Comum

10	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. Anjo da Guarda de Portugal – MO • Feriado Nacional • Peregrinação Nacional das Crianças • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • 105.º aniversário do nascimento do Beato Francisco Marto • 2.º aniversário da tomada de posse do Reitor do Santuário
12	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Internacional Aniversária
13	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA • À tarde: • S. António de Lisboa, padroeiro secundário de Portugal – FESTA • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima” • Simpósio Internacional da Teologia do Corpo (13-16)
14	Sex	
15	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 • Missionários da Boa Nova (15-16)
16	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XI do Tempo Comum
17	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Jornadas Pastorais da Conferência Episcopal Portuguesa (17-20)

18	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa; Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (18-21)
19	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário – SESDI
20	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Espírito Santo • Leituras da Féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Dia do Município de Ourém, feriado municipal • Reunião do Conselho de Capelães do Santuário – COCA • Diocese das Forças Armadas e de Segurança (20-21)
21	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Simpósio Teológico-Pastoral “<i>Não tenhais medo</i>”. <i>Confiança – Esperança – Estilo Crente</i> (21-23) • Ret. do Apostolado da Oração (21-23)
22	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva de Nossa Senhora Rainha da Paz Is 9, 1-3.5-6; Lc 1, 26-38 (Missal VSM 210 / Lec VSM 200) • Diocese de Coimbra • Mov. Mensagem de Fátima – Adoração com crianças • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto
23	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XII do Tempo Comum • Mov. Mensagem de Fátima – Reunião do Secretariado Nacional
24	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Nascimento de S. João Batista – SOLENIDADE

25	Ter	<ul style="list-style-type: none"> Aniversário da tomada de posse de D. António Marto como bispo de Leiria-Fátima
26	Qua	
27	Qui	<ul style="list-style-type: none"> Missa Votiva da Virgem Maria, mãe do bom conselho Atos 1, 12-14; 2, 1-4; Sir 14; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 163 / Lec VSM 149) 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (27-30)
28	Sex	
29	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> S. Pedro e S. Paulo, apóstolos – SOLENIDADE Jubileu das Vocações da diocese de Leiria-Fátima Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Assembleia Provincial das Filhas de Maria Auxiliadora (29-30)
30	Dom	<ul style="list-style-type: none"> XIII do Tempo Comum Ofertório para a cadeira de S. Pedro – Santa Sé Enc. dos Grupos Bíblicos

JULHO

01	Seg	
02	Ter	<ul style="list-style-type: none"> Mov. Mensagem de Fátima – Pereg. de idosos (02-03)
03	Qua	<ul style="list-style-type: none"> S. Tomé, apóstolo – FESTA

04	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Isabel de Portugal – MO 1 Jo 3, 14-18; Mt 25, 31-46 (Lec VII 600, 619) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Administração do Santuário – COAD
05	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051) • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC
06	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 236) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) • Família Espiritana (06-07) • Amigos do Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria (06-07) • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto
07	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XIV do Tempo Comum
08	Seg	
09	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
10	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (10-13)

11	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Bento, abade, padroeiro da Europa – FESTA 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha 18:30 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário – Peregrinos a Pé • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
12	Sex	• Peregrinação Internacional Aniversária
13	Sáb	• PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA
14	Dom	• XV do Tempo Comum
15	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com seminaristas maiores colaboradores no 1.º turno de voluntariado • Ret. do Clero (15-19)
16	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Nossa Senhora do Carmo – FESTA Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 426-440) • Seminaristas maiores: 1.º turno de voluntariado (16 a 31 de Julho)
17	Qua	• Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário - SESDI
18	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
19	Sex	• Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF

20	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 • Mov. Mensagem de Fátima (20-21)
21	Dom	• XVI do Tempo Comum
22	Seg	• XXXIX Enc. de Pastoral Liturgica (22-26)
23	Ter	• S. Brígida, religiosa, padroeira da Europa – FESTA
24	Qua	
25	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Tiago, apóstolo – FESTA • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha
26	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Joaquim e S. Ana, pais da Virgem Santa Maria – MO • “Dia dos Avós” 11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, com consagração dos avós a Nossa Senhora 14:00 – Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha 15:00 – Encontro com os avós
27	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, auxílio dos cristãos Ap 12, 1-3.7-12ab.17; Judite 16; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 198 / Lec VSM 187)
28	Dom	• XVII do Tempo Comum
29	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. Marta – MO • Ret. dos Missionários de Cristo Sacerdote (29-02)

30	Ter	<ul style="list-style-type: none">• Mov. Mensagem de Fátima – Pereg. de idosos (30-31)
31	Qua	<ul style="list-style-type: none">• Reunião com seminaristas maiores colaboradores no 2.º turno de voluntariado

AGOSTO

01	Qui	<ul style="list-style-type: none">• S. Afonso Maria de Ligório, bispo e doutor da Igreja – MO• 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha Início da hora de adoração eucarística comunitária (mês de agosto, segunda a sexta-feira): 15:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade 16:00 – Adoração eucarística 16:45 – Procissão eucarística para a Capela do Santíssimo Sacramento• Seminaristas maiores: 2.º turno de voluntariado (1 a 15 de agosto)• Enc. de Confessores do Santuário• Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (01-04)
02	Sex	<ul style="list-style-type: none">• Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051)• Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC

03	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 236) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) • Enc. da Comunidade Canção Nova (03-04)
04	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XVIII do Tempo Comum
05	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Passeio de colaboradores voluntários do Santuário
06	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Transfiguração do Senhor – FESTA
07	Qua	
08	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Domingos, presbítero – MO • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
09	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Teresa Benedita da Cruz, padroeira da Europa – FESTA
10	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Lourenço, diácono e mártir – FESTA • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XIX do Tempo Comum • Início da Semana Nacional da Mobilidade Humana • 18:30 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade – Peregrinos a Pé
12	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Internacional Aniversária • Conferência de Imprensa • Pastoral da Mobilidade Humana (12-13)

13	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA
14	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Vigília da Assunção da Virgem Santa Maria • 21:30 – Rosário, na Capelinha, e procissão das velas para o Altar do Recinto • 22:30 – Canto do Hino <i>Akathistos</i> e da Ladainha Lauretana
15	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Assunção da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE • Programa dos Domingos • Reunião com seminaristas maiores colaboradores no 3.º turno de voluntariado • <i>Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (15-18)</i>
16	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Seminaristas maiores: 3.º turno de voluntariado (16 a 31 de agosto)
17	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Beatriz da Silva, virgem – MO • “Um dia com as crianças” (pág. 236)
18	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XX do Tempo Comum • Ofertório para a Pastoral da Mobilidade Humana
19	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • 96.º aniversário da 4.ª aparição de Nossa Senhora • 21:30 – Rosário e procissão, aos Valinhos, com início na Capelinha • 22:00 – Rosário, na Capelinha (para quem não pode ir aos Valinhos) • <i>Ret. do Renovamento Carismático de Espanha (19-25)</i>

20	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Peregr. de idosos (20-21)
21	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário – SESDI
22	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Virgem Santa Maria, Rainha – MO Is 9, 1-6; Lc 1, 26-38 (Lec VII 258) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima” • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (22-25) • Ret. da União Missionária Franciscana (22-26)
23	Sex	
24	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Bartolomeu, apóstolo – FESTA
25	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXI do Tempo Comum
26	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Ret. do Clero (26-30)
27	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Peregr. de idosos (27-28)
28	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • S. Agostinho, bispo e doutor da Igreja – FESTA 1 Jo 4, 7-16; Mt 23, 8-12 (Lec VII 268)
29	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (29-01)
30	Sex	

31	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, mãe da consolação 2Cor 1, 3-7; Jo 14, 15-21.25-27 (Missal VSM 193 / Lec VSM 183, 185) • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto • Enc. das Filhas de Maria Auxiliadora (31-03)
----	-----	--

SETEMBRO

01	Dom	• XXII do Tempo Comum
02	Seg	
03	Ter	• Mov. Mensagem de Fátima – Pereg. de idosos (03-04)
04	Qua	
05	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Eucaristia • Leituras da Féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Enc. da Associação Portuguesa de Canonistas (05-07)
06	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051) • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC • Mov. Mensagem de Fátima – Conselho Nacional (06-07) • Simpósio Ibérico da Pastoral Juvenil (06-07)

07	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 236) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128)
08	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXIII do Tempo Comum
09	Seg	
10	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa; Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Qua	
12	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Internacional Aniversária • Vigília com colaboração dos servidores do Santuário • Reunião do Conselho de Administração do Santuário – COAD
13	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA • À tarde: S. João Crisóstomo, bispo e doutor da Igreja – MO
14	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Exaltação da Santa Cruz – FESTA • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto
15	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXIV do Tempo Comum
16	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Ret. do Clero (16-20)
17	Ter	
18	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário - SESDI

19	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, mãe da divina providência Is 66, 10-14c; Sl 130; Jo 2, 1-11 (Missal da VSM 191 / Lec VSM 179) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
20	Sex	
21	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Mateus, apóstolo e evangelista – FESTA • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Família Passionista
22	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXV do Tempo Comum • Apostolado da Oração • Enc. da Comunidade Luz e Vida
23	Seg	
24	Ter	
25	Qua	
26	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Trindade • Leituras da Féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha
27	Sex	

28	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, fonte da salvação Ez 47, 1-2.8-9.12; Is 12; Jo 19, 25-37 (Missal VSM 155 / Lec VSM 139) • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto • Peregrinação do Rosário e Família Dominicana (28-29)
29	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXVI do Tempo Comum • Mov. Mensagem de Fátima – Reunião do Secretariado Nacional
30	Seg	

OUTUBRO

01	Ter	
02	Qua	
03	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Espírito Santo • Leituras da Féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
04	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Francisco de Assis – MO • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções da Santuário – SEAC

05	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 236) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto • Família Franciscana (05-06)
06	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXVII do Tempo Comum
07	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Nossa Senhora do Rosário – FESTA
08	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Peregr. de idosos (08-09) • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
09	Qua	
10	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Eucaristia • Leituras da Féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Sex	
12	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Internacional Aniversária • Conferência de Imprensa
13	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXVIII do Tempo Comum • PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA
14	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Ret. do Clero (14-18)
15	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Peregr. de idosos (15-16)

16	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão da Santuário – SESDI
17	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Capelães do Santuário – COCA • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima” • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (17-20)
18	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Lucas, evangelista – FESTA
19	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 • 43.º aniversário natalício do Reitor do Santuário • Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto • Enc. do Gr. da Imaculada
20	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXIX do Tempo Comum • Enc. da Comunidade Canção Nova
21	Seg	
22	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Peregr. de idosos (22-23)
23	Qua	

24	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Sagrada Família • Leituras da Féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Administração do Santuário – COAD
25	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF
26	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, imagem e mãe da Igreja (II) Atos 1, 12-14; Sl 86; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 133 / Lec VSM 122) • <i>Mov. Mensagem de Fátima – Dia de Deserto</i> • <i>Legião de Maria (26-27)</i>
27	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXX do Tempo Comum
28	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. Simão e S. Judas, apóstolos – FESTA
29	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Mov. Mensagem de Fátima – Pereg. de idosos (29-30)</i>
30	Qua	
31	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Trindade • Leituras da Féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS • Encerramento da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria • <i>Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (31-03)</i>

NOVEMBRO

01	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os Santos – SOLENIDADE • Início do programa de Inverno
02	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos • Primeiro Sábado (pág. 236) • 11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano
03	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXI do Tempo Comum
04	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Ret. do Clero (04-08)
05	Ter	
06	Qua	
07	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 42.º aniversário da ordenação presbiteral de D. António Marto
08	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário – SEAC • Magusto dos funcionários do Santuário
09	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Dedicação da Basílica de Lutrão – FESTA • Mov. Mensagem de Fátima – Adoração com crianças
10	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXII do Tempo Comum • Início da Semana dos Seminários • Mov. Mensagem de Fátima – Ret. de doentes e deficientes físicos (10-13)

11	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (11-14)
12	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e Procissão das velas • Congresso da <i>Association Nationale des Directeurs Diocésains de Pèlerinages</i> – ANDDP (Sainte Anne D’Auray) (12-16) • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
13	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Missa da Dedicção da Basílica da Santíssima Trindade • Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
14	Qui	
15	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Mov. Mensagem de Fátima – Jornadas de Oração e Reflexão para responsáveis (15-17)
16	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 236) • Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima – COCAF
17	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXIII do Tempo Comum
18	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Ret. do Clero (18-22)
19	Ter	
20	Qua	

21	Qui	<ul style="list-style-type: none"> Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário – CODIS
22	Sex	
23	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> Missa Votiva de Nossa Senhora, rainha e mãe de misericórdia Est 4, 17 n. p-r. aa-bb.hh-kk; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 187 / Lec VSM 172)
24	Dom	<ul style="list-style-type: none"> Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo – SOLENIDADE
25	Seg	
26	Ter	
27	Qua	<ul style="list-style-type: none"> Mov. Mensagem de Fátima – Ret. das Mensagens do Coração Imaculado de Maria (2.º turno) (27-30)
28	Qui	<ul style="list-style-type: none"> Reunião da Comissão Técnica de Gestão Económico-financeira do Santuário – COGEF Reunião do Conselho de Administração do Santuário – COAD
29	Sex	<ul style="list-style-type: none"> Semana de Estudos de Espiritualidade Inaciana (29-01)
30	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> S. André, apóstolo – FESTA Jornada de apresentação do tema do ano pastoral de 2013-2014; abertura da exposição sobre o tema do ano pastoral

DEZEMBRO

01	Dom	<ul style="list-style-type: none"> I do Advento Início do ano pastoral 2013-2014
----	-----	---

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO DE COMUNICAÇÃO PARA O 3.º ANO DO CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

Contraponto, Publicidade Lda

Foi-nos pedido para desenvolvermos a comunicação do 3.º ano do centenário das Aparições de Fátima, com o tema “Não tenhais medo”.

Este ano pastoral tem como mote inspirador a frase: “O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus” e foi a partir dela que trabalhamos a proposta apresentada.

O elemento catequético explorado este ano é a Esperança Cristã e a nossa reflexão segue esta esperança materializando-a na luz.

A luz aparece em contraste num fundo escuro que representa um céu noturno e assume-se como elemento central da comunicação. A luz apresenta-se também como ligação ao universo mariano de Fátima e é este pretexto que dá origem às duas formas recortadas no cartaz – um coração e uma cruz.

O coração formado pelos raios de luz é o centro da comunicação. Podemos imaginar neste o coração de Jesus ou de Maria, como podemos imaginar os pequenos corações dos pastorinhos, assumindo que a comunicação cristã é aquela que fala ao coração e é nele que instala a confiança do caminho.

A cruz, que aparece em contraluz, no centro do coração, é o símbolo do Ressuscitado, que é a razão da nossa esperança, assumindo aqui o papel de ligação ao universo cristão.

O tema do ano aparece em primeiro plano deixando atrás de si a cruz e o coração. “Não tenhais medo” é imperativo bíblico e é imperativo humano para o nosso tempo, e apresenta-se como interpelação positiva e esperançosa. Assumir-se uma negação como sinal

de esperança e confiança parece contraditório mas é a frase dirigida a Maria na anunciação, a mesma que Maria dirige aos pastorinhos de Fátima e aquela que a Igreja hoje, neste ano da Fé, dirige também a toda a humanidade.

Graficamente assumimos uma abordagem despojada, vibrante e transversal a vários públicos e várias faixas etárias.

FICHA TÉCNICA

Coordenação: P. Bernardino Costa, OSB.

Capa: Contraponto, Publicidade Lda.

Revisão de textos: Carla Vaz

Paginação: Rui Mendes

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Sersilito - Empresa Gráfica, Lda.

2.000 exemplares

Depósito legal: 351897/12

ISBN: 978-972-8213-89-3

Edição: Santuário de Fátima, novembro de 2012.